

Danúbia Mariane Barbosa Jardim

**PAI-ACOMPANHANTE E SUA COMPREENSÃO SOBRE O
PROCESSO DE NASCIMENTO DO FILHO**

Belo Horizonte
Escola de Enfermagem da UFMG
2009

Danúbia Mariane Barbosa Jardim

PAI-ACOMPANHANTE E SUA COMPREENSÃO SOBRE O PROCESSO DE NASCIMENTO DO FILHO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de concentração: Saúde e Enfermagem

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna

Belo Horizonte

Escola de Enfermagem da UFMG

2009

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor: Ronaldo Tadeu Penna

Vice-Reitora: Heloísa Maria Murgel Starling

Pró-Reitor de Pós Graduação: Jaime Arturo Ramirez

Escola de Enfermagem

Diretora: Marília Alves

Vice-Diretora: Andréa Gazzinelli Corrêa Oliveira

Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública- EMI

Chefe: Jorge Gustavo Velásquez Melendez

Sub-Chefe: Lenice de Castro Mendes Villela

Colegiado de Pós-Graduação

Coordenadora: Cláudia Maria de Mattos Penna

Sub-Coordenadora: Tânia Couto Machado Chianca

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação: Mestrado em Enfermagem

Dissertação intitulada *“Pai-acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho”*, de autoria da mestrande Danúbia Mariane Barbosa Jardim, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. . Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna - EE/UFMG Orientadora

Profa. Dra. Isília Aparecida Silva - USP/SP

Profa. Dra. Lélia Maria Madeira - LEP/HSF

Profa. Dra. CLÁUDIA MARIA DE MATTOS PENNA
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
EE/UFMG

Belo Horizonte, 17 de Dezembro 2009.

Dedico este trabalho a meus pais, a meu irmão, a meus familiares e amigos, pelo apoio pelo carinho e pela compreensão nos momentos de ausência ou de conflito. Em especial, a meu companheiro Renato, pela força, pelo incentivo e pela constante paciência.
Amo vocês.

Agradeço,

A Deus, pelo dom da vida, por guiar meus caminhos e pela força sedimentada na fé.

A Renato, pelo apoio, carinho, companheirismo, conforto, ânimo e paciência, durante essa caminhada que fizemos juntos.

A meus pais, pelo incentivo em todos os momentos.

A meu irmão Leandro, que soube entender minhas escolhas, pelo apoio nos momentos difíceis em que estive comigo mesmo que por telefone.

A meus familiares, que souberam compreender minha ausência e me incentivaram, especialmente a Tia Soninha e Silvinha.

A minha chefe, Cláudia Maria de Mattos Penna, não só pelo aprendizado acadêmico, mas principalmente pelos ensinamentos da vida cotidiana, pelas inúmeras oportunidades de crescimento profissional e pessoal.

Aos colegas de trabalho e queridos alunos do Centro Universitário UNA pelo incentivo, apoio e disponibilidade em ajudar diante das dificuldades.

Aos colegas de trabalho do Hospital Sofia Feldman, pelas trocas de plantões, apoio, compreensão e preocupação.

À Linha de Ensino e Pesquisa do Hospital Sofia Feldman, em especial a Lélia Maria Madeira e a Vera Cristina Bonazzi, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Às colegas do mestrado, pelo acolhimento e construção do conhecimento, especialmente a Carlinha, Bruna, Selma e Ana Paula; vocês foram muito importantes.

A minhas amigas do coração, hoje e sempre, Renata (e Rebeca), Flavinha, Adriana, Nágela, Karlota, Liliane, Lília, Cíntia, Claudirene, Renata Lacerda, Isamara, Luciene pelo carinho, preocupação, paciência, incentivo, conselhos e momentos de desabafo; não sei como agradecer.

Aos homens que participaram da pesquisa por compartilharem a experiência tão íntima e profunda do nascimento de seus filhos, momento único e eterno.

A todos os que, de alguma forma, ajudaram-me nessa caminhada de dois anos, com um olhar, uma palavra de incentivo, um gesto de carinho.

Aos nossos filhos

*Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim*

*Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim*

*Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim*

*E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim*

*E quando lavarem a mágoa
E quando lavarem a alma
E quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim*

*Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim.*

RESUMO

JARDIM, D. M. B. Pai-acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa fundamentado nos pressupostos da Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli, com o objetivo de compreender a vivência paterna do momento do parto e nascimento. O cenário da pesquisa foi o Centro de Parto Normal Dr David Capistrano (CPN) Unidade intra-hospitalar ao Hospital Sofia Feldman (HSF) pertencente à Fundação de Assistência Integral à Saúde/Hospital Sofia Feldman (FAIS/HSF), instituição não-governamental, filantrópica, voltada à saúde da mulher e do recém-nascido. Os sujeitos da pesquisa são quatorze pais que acompanharam o trabalho de parto e parto de suas mulheres no CPN, sendo o primeiro filho do casal e ambos sem filhos de relacionamentos anteriores. A coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro semi-estruturado. Para o tratamento e a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2004) e Minayo (2008). Da análise, surgiram três categorias empíricas: 1. Nasce um filho, nasce um pai, 2. O apoio paterno durante o nascimento, 3. A naturalidade do nascer. A primeira categoria trata de dois aspectos vividos pelo pai durante o trabalho de parto: o primeiro é sua percepção do processo da dor do parto com significados como o sofrimento enquanto algo necessário para o nascimento e que ele pôde viver com a companheira, valorizando-a em sua capacidade de superação; o segundo marca os sentimentos contraditórios vivenciados pelo pai, no momento do nascimento do filho, frente ao medo do desconhecido, do inesperado; das responsabilidades inerentes a seu novo papel e as emoções que esse momento desencadeia. A segunda categoria revela o apoio emocional, físico e psicológico do homem a sua companheira, ressaltando suas ações, atitudes e comportamentos. A terceira categoria dá ênfase aos significados atribuídos pelo pai ao parto natural, descrevendo o fenômeno fisiológico do nascimento com seu olhar de homem, participante ativo e experimentador desse processo e, por fim, mostra seus encontros e desencontros com os profissionais de saúde revelando sua vivência enquanto usuário do Sistema de Saúde e destacando o comportamento, as atitudes, as formas de fazer de cada membro da equipe, o que houve de positivo e negativo, sua satisfação e sua insatisfação com o atendimento prestado. O estudo permitiu conhecer a compreensão do homem sobre o momento do parto, apontando para novas discussões sobre o fenômeno da paternidade no contexto atual e sobre a importância do acompanhante no momento do parto, no instante eterno do nascimento.

Palavras Chaves: Paternidade, Parto humanizado, Relações Pai-Filho, Enfermagem Obstétrica.

ABSTRACT

JARDIM, D. M. B. Accompanying father and his comprehension about the birth process of the son. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

This is a qualitative study, fundament on the Comprehensive Sociology of Michel Maffesoli, with the objective of understanding the father experience in labor and birth. The research scenery was the Centro de Parto Normal Dr David Capistrano (CPN) Unidade intra-hospitalar of Hospital Sofia Feldman (HSF), which belongs to the Fundação de Assistência Integral à Saúde/Hospital Sofia Feldman (FAIS/HSF), non-governmental institution, philanthropist, focused in woman's and newborn's health. The subjects were 14 fathers who accompanied the labor and birth in the CPN, being the first child of the couple and both parents without children from previous marriages. The data gathering was done via a semi-structured script. To analyze the data, content analysis according to Bardin (2004) and Minayo (2008) was used. From the analyzed three empiric categories were created: 1. A son is born, a father is born, 2. The support of the father during labor, 3. The neutrality of birth. The first category is about two aspects lived by the father during labor: first the perception of the labor pain, seen as a necessary suffering to the labor, which He can experience with the mother; the second is about contradictory feelings, facing the fear of the unknown and the emotions this moment brings. The second category reveals the support of the father to the mother. The third category emphasizes the meanings given by the father to natural labor, describing the process from a male point of view, and highlights the encounters with health professionals as a user of the Health System. The study made it possible to understand the comprehension of man regarding labor, pointing to new discussions about fatherhood and the importance of his presence in the labor.

Key words: Paternity, Humanizing Delivery, Father-Child Relations, Obstetrical Nursing

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Vista parcial do CPN Doutor David Capistrano	311
Figura 2 - Quarto Leila Diniz/ CPN	322
Quadro 1 - Características dos acompanhantes entrevistados no HSF	355

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAMINHO METODOLÓGICO	26
2.1	Tipo do estudo.....	27
2.2	O cenário da pesquisa	311
2.3	Os sujeitos da pesquisa	344
2.4	Coleta e análise de dados	36
3	COMPREENSÃO DOS DADOS	39
3.1	Nasce um filho, nasce um pai	400
3.1.1	Dor e superação: uma metamorfose	411
3.1.2	Sentimentos paternos acerca do nascimento.....	522
3.2	O apoio paterno durante o nascimento	733
3.3	A naturalidade do nascer.....	844
3.3.1	Descobertas e significados do nascimento	855
3.3.2	Os encontros e desencontros do nascimento	1000
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	10909
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICES	1200
	ANEXOS	1202



1 INTRODUÇÃO

A gravidez e o nascimento são eventos marcantes na vida de um casal, cercados por diferentes significados, repletos de expectativas e sentimentos como ansiedade, medo, angústia e alegria. Tornam-se um acontecimento único e marcante na vida, expressando um rito de passagem para uma condição adulta, repletos de significados emocionais e psíquicos, não sendo apenas um evento biológico (MALDONADO, 1997). Para Motta e Crepaldi (2005), o momento do nascimento revela sentimentos profundos em quem o vivencia, tais como medo, angústia, alegria, tristeza, alívio e desencadeia fenômenos que abrangem o fisiológico, o social, o cultural e o psíquico.

Montgomery (2005) afirma que a gravidez é um momento que requer não apenas ajuste no físico, mas também adaptações tanto psicológicas quanto sociais para as pessoas que a vivenciam levando-as a um outro nível de desenvolvimento e amadurecimento. A grávida, além de mulher e filha, passa a ser mãe, e o homem, além de filho e companheiro da esposa, nasce como pai. Surge uma nova mulher, um novo ser, um novo pai e uma nova família (MALDONADO, 1997). A gravidez sofre influências das experiências anteriores dos envolvidos: suas crenças, valores, cultura e educação. E do contexto existencial, assistencial e socioeconômico em que ocorre (ZAMPIERI, 2007).

Historicamente, a assistência ao nascimento era de responsabilidade das parteiras tradicionais, conhecidas na sociedade por suas experiências, embora não dominassem o conhecimento científico (MOURA, 2007). O nascimento, segundo Hotelling, Amis e Green (2004), acontecia num ambiente familiar, no conforto da casa. Os rituais de família e as tradições transmitiam, à mulher, confiança em sua capacidade de parir e o conforto necessário para superar esse momento. O parto era um evento estritamente familiar e pessoal, respeitando-se as características fisiológicas do nascimento e proporcionando, à mulher e a sua família, uma vivência particular com respeito a suas crenças, hábitos e costumes. Quanto ao homem, quando os partos eram domiciliares, apesar de não assistirem diretamente o nascimento, sempre estavam próximos, em contato com a mulher e o filho logo após o parto (CARVALHO, 2005).

A partir do século XX e especialmente na década de 1940, em nome da redução das elevadas taxas de mortalidade materna e infantil, ocorreu o fenômeno da institucionalização do parto e da conseqüente medicalização do corpo feminino (HOTELLING, AMIS, GREEN, 2004; BRUGGEMANN, PARPINELLI, OSIS, 2005;

ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000). Nessa vertente, é importante considerar que a hospitalização do parto ocorreu para que os médicos tivessem “acesso ao corpo feminino” para treinamento e aprendizado (STORTI, 2004)

Assim, o nascer que era um processo fisiológico, familiar e domiciliar, tornou-se medicalizado e hospitalar, artificial e complexo, ao obedecer às normas e rotinas pré-estabelecidas, com intervenções diversas. O corpo feminino sofreu uma despersonalização, passando a ser “arena dos médicos” (CASTRO; CLAPIS, 2005; PINTO *et al.*, 2003). Pais e mães passaram a se sentir cada vez mais incompetentes e despreparados para viver a experiência do parto, atribuindo essa tarefa cegamente aos médicos (ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000).

(...) a medicalização e o controle do período gravídico puerperal e o parto como um processo natural, privativo e familiar, passou a ser vivenciado na esfera pública, em instituições de saúde com a presença de vários atores conduzindo este período. Esse fato favoreceu a submissão da mulher que deixou de ser protagonista do processo parturitivo (MOURA, 2007, p. 452).

Em nosso país, adotou-se o modelo tecnicista de assistência ao parto, caracterizado pelo processo intervencionista, adaptaram-se novas tecnologias e incorporou-se grande número de procedimentos sobre o corpo da mulher, modificando-se o cenário do nascimento. Storti (2004) destaca que a mulher foi separada de sua família, de seu ambiente doméstico, sendo-lhe oferecida uma proteção técnica que não preservava seu direito a uma assistência humanizada. A autora afirma que:

A caracterização do cuidado oferecido à mulher, como diretivo e impositivo, passou a ser manipulado pelas mãos dos profissionais “devidamente treinados” a decidir por elas e a tomar condutas a fim de aperfeiçoar a fisiologia do nascimento e não somente intervir e corrigir processos patológicos (STORTI, 2004, p. 9).

De acordo com Nagahama e Santiago (2005), se, de um lado, a institucionalização do parto trouxe a incorporação de novos conhecimentos como assepsia, anestesia, hemoterapia, antibioticoterapia e diminuiu, de forma significativa, os riscos hospitalares e a morbimortalidade materna; de outro, ampliaram-se as possibilidades de intervenção, resultando no aumento progressivo de cesarianas. Cecatti, Calderón (2005) e Pinto (2001) destacam que a institucionalização do

nascimento e suas evidentes consequências positivas sobre a melhoria da morbidade e mortalidade tanto materna quanto perinatal, proporcionaram uma tendência negativa ao aumento exagerado da utilização de alguns procedimentos como o parto por cesárea, o uso rotineiro da episiotomia, a monitorização fetal eletrônica e o uso rotineiro de ocitocina, ausência de apoio emocional à parturiente, afastamento da família no momento do nascimento desfavorecendo a formação do vínculo precoce. Ao longo dos anos de desenvolvimento das práticas obstétricas, o uso indiscriminado de intervenções sobre o parto fez com que esse evento tornasse um ato exclusivamente médico sendo a mulher destituída de sua capacidade natural de parir.

Além disso, como destacam Hotelling, Amis e Green (2004), a institucionalização do parto e a perda do suporte emocional oferecido pelos acompanhantes trouxeram um significativo aumento das taxas de partos cirúrgicos nos Estados Unidos. Nesse país, as mulheres são encorajadas a escolher tal procedimento devido ao receio semeado do parto vaginal. Essa realidade também se faz presente no Brasil onde as taxas de cesarianas ultrapassam os limites propostos pela Organização Mundial de Saúde que estabelece a meta de 15% dos partos. Em algumas instituições privadas, chega-se à marca de mais de 80% dos partos realizados (YAZLLE, *et al.*, 2001).

Na contramão do movimento de institucionalização do parto e tendo em vista o resgate das práticas naturais de assistência ao nascimento, surge, no Brasil, na década de 1970, o movimento de Humanização da Assistência ao Parto e Nascimento. Entende-se por humanização da assistência ao parto “(...) *um conjunto de conhecimentos, práticas e atitudes que visam a promoção do parto e do nascimento saudáveis bem como, a prevenção da morbi-mortalidade materna e perinatal*” (STORTI, 2004, p. 9).

Esse movimento ganha força com o incentivo do Ministério da Saúde que culminou com a criação do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento, que tem como diretrizes principais:

(...) O olhar para a integridade da assistência obstétrica e a afirmação dos direitos da mulher incorporados como diretrizes institucionais. O objetivo principal é reorganizar a assistência, vinculando formalmente o pré-natal ao parto e puerpério, ampliando o acesso das mulheres e garantindo a qualidade com a realização de um conjunto mínimo de procedimentos (BRASIL, 2000, p. 25).

Entre as práticas recomendadas pelo Programa de Humanização estão o uso de técnicas não farmacológicas para o alívio da dor, tais como massagem e relaxamento, posturas variadas, música, métodos de respiração que, juntas, favoreçam o bom desenvolvimento do trabalho de parto, proporcionando conforto e segurança à mulher e a seu bebê (MOURA, 2007). A inclusão do acompanhante no momento do nascimento ganha destaque entre as práticas humanizadas, bem como o encorajamento da participação do pai e o “*respeito à escolha da mulher com relação aos acompanhantes durante o parto e nascimento*” (OMS, 1996, p. 20).

O conceito de acompanhante é utilizado para definir a pessoa que está ao lado da paciente oferecendo suporte físico e emocional; pode ser seu companheiro, um familiar, uma amiga ou pessoa querida escolhida pela parturiente (BRASIL, 2000). O momento crucial para a regulamentação do direito à presença do acompanhante é marcado pela criação da Lei n. 11.108, de 07 de abril de 2005, que destaca em seu artigo 19:

Art. 19-J. Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde – SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato (BRASIL, 2005).

Para a implantação desse direito assegurado em lei, as Maternidades públicas e privadas tiveram de adaptar suas estruturas para receber a parturiente e seu acompanhante. Assinala-se que tal prática não está bem consolidada principalmente entre as instituições particulares onde o acompanhante, em alguns casos, tem de arcar com o ônus de sua entrada na sala de parto, por exemplo, pagando tarifas pelo uso da roupa de bloco ou para ter o direito de tirar fotos ou filmar o nascimento.

Corroborando com a reflexão anterior, Storti (2004) afirma que, nos hospitais públicos e privados do Brasil, nem todas as maternidades estão preparadas para receber o acompanhante durante o trabalho de parto e puerpério. Faltam adequação física, material e sensibilização dos profissionais quanto à presença desse novo personagem. Destaca, ainda, o autor que o acompanhante é visto com certa desconfiança pelos profissionais que prestam o cuidado à mulher, pois se sentem por ele policiados. Nakano *et al.* (2007) afirmam que o espaço para o acompanhante, nas instituições, ainda é restrito devido à hierarquia entre

profissionais e usuários, devido ao modelo tecnológico que alicerça o cuidado realizado e também devido ao despreparo e ao desconhecimento do acompanhante sobre o momento do parto, o que o torna incapaz de contribuir de forma positiva.

Durante minha trajetória profissional, ao realizar o Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, vivenciei a experiência de atuar em uma Maternidade privada, filantrópica que incentiva e desenvolve práticas humanizadas na assistência à mulher no ciclo gravídico e puerperal.

O Hospital Sofia Feldman é conhecido por adotar uma filosofia voltada para o resgate das práticas naturais da assistência ao parto e nascimento, permitindo que a mulher retome sua posição de sujeito ativo desse momento. A Instituição atende prioritariamente gestantes de baixo risco obstétrico e seus recém-nascidos, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), que, majoritariamente, pertencem a uma população de baixo poder aquisitivo. Nesse cenário, é permitida a presença do acompanhante de escolha da parturiente durante todo o período de internação, o qual participa e ajuda a mulher em todas as etapas do trabalho de parto, parto e puerpério, momento especial da vida e que requer muita atenção e cuidado.

O Hospital realizou, no primeiro semestre de 2009, cerca de 5.701 (cinco mil setecentos e um) partos. Do total de partos realizados, 20,1 % são partos cesáreos, 20,9% correspondem a partos de adolescentes e 32,7% tiveram analgesia peridural. O índice de apgar menor que 7 (sete) no quinto minuto de vida corresponde à 1,3% dos casos. A interação mãe e filho na sala de parto acontece em 93,3% dos nascimentos e 90% dos partos têm a presença do acompanhante (SISTEMA INFORMÁTICO PERINATAL, 2009).

É importante destacar a atuação dos enfermeiros obstetras nessa Instituição, com autonomia para atuar diretamente no parto normal sem distócia, acompanhar as parturientes em sua admissão no ambiente hospitalar, durante o nascimento e também no puerpério. Entre outras atividades desenvolvidas por esses profissionais, incluem-se: consultas de pré-natal, atividades educativas em saúde da mulher, cuidados com o recém-nascido, cuidados com o pós-parto, planejamento familiar. A presença e a atuação desses profissionais no Hospital Sofia Feldman contribuem para a construção das práticas humanizadas no atendimento ao parto e nascimento e para a melhoria dos indicadores de saúde e qualidade da assistência.

Como enfermeira obstétrica nessa Instituição, ao atender mulheres em parto normal, convivo com acompanhantes durante o nascimento e percebo que são importantes para a adoção efetiva das práticas humanizadas como: deambular com a parturiente durante o trabalho de parto, estimular sentimentos positivos na mulher, fazer massagens, ajudar nos banhos, auxiliar nos exercícios físicos, encorajar os exercícios respiratórios, estimular o descanso nos intervalos das contrações, seccionar o cordão umbilical, interagir com a mulher no momento do nascimento. O acompanhante torna-se o apoio emocional constante para a mulher em trabalho de parto, auxiliando na redução de sentimentos como medo, apreensão e angústia que podem acometer a parturiente nesse momento, contribuindo positivamente para a evolução fisiológica do nascimento.

De acordo com Moura (2007), o apoio emocional oferecido pelo acompanhante ajuda a mulher a suportar melhor a dor e a tensão do trabalho de parto. A satisfação demonstrada pelas mulheres com a presença de um acompanhante no momento do parto também foi tema de seu estudo, revelando que as mulheres se sentem mais satisfeitas e felizes com o parto quando não estão sozinhas, quando alguém de sua confiança e convívio encontra-se a seu lado.

Assim, os estudos revelam que a presença do acompanhante traz benefícios tais como: trabalho de parto mais curto, menor número de analgesias e de medicações como a ocitocina, aumento dos índices de apgar no primeiro minuto, diminuição do número de partos com fórceps, redução da sensação dolorosa bem como da ansiedade da mulher, maior satisfação da mulher com a experiência do nascimento, redução do número de partos cesáreos e do tempo de hospitalização dos recém-nascidos. (KENNELL, *et al*, 1991; HOTELLING, AMIS, GREEN, 2004; HOTIMSKY, ALVARENGA, 2002; BRUGGEMANN, PARPINELLI, OSIS, 2005)

Moura (2007) destaca que:

A presença do acompanhante proporciona bem estar físico e emocional à mulher e favorece uma boa evolução no período gravídico puerperal. O acompanhante passa segurança durante todo o processo parturitivo, o que pode diminuir as complicações na gestação, parto e puerpério, a utilização de analgesia, ocitocina, partos cesáreos e o tempo de hospitalização do binômio, mãe e filho (MOURA, 2007, p. 454).

Kennell *et al* (1991) e Carvalho (2005) destacam, ainda, que o trabalho de profissionais experientes e capacitados e a participação do acompanhante durante o processo do parto formam uma dupla imbatível para a melhora significativa nas intervenções obstétricas e dos índices de morbimortalidade materna e perinatal. E, para Hotelling, Amis e Green (2004), a presença do acompanhante e o suporte contínuo por ele oferecido impedem que a mulher sofra a cascata de intervenções que a institucionalização do parto acarreta sobre o corpo feminino.

É importante pontuar que as instituições e os profissionais de saúde que participam direta ou indiretamente na assistência à parturiente devem assumir uma postura acolhedora com relação ao acompanhante. A equipe deve reconhecer a importância do nascimento e facilitar a criação de um vínculo mais profundo. Maldonado (1997) afirma que o acolhimento à mulher e a seu acompanhante inicia-se durante sua admissão na instituição, podendo estender-se durante sua permanência no ambiente hospitalar, o que minimiza os inconvenientes efeitos da ansiedade face ao desconhecido. Florentino (2003), ao entrevistar profissionais da saúde e questionar suas expectativas quanto à permanência de acompanhante durante o trabalho de parto e nascimento, mostrou algumas preocupações e pontos importantes sobre esse relacionamento: medo quanto ao comportamento do acompanhante e sua interferência no parto, falta de experiência em lidar com esse novo personagem, dificuldade em achar tempo para orientações e cuidados com o acompanhante, preconceito quanto ao preparo e condições emocionais do acompanhante, medo do desconhecido. A autora destaca que inicialmente a presença do acompanhante é recebida pelos profissionais com medo, insegurança, descrença e despreparo o que pode gerar conflitos no ambiente de trabalho e nas relações interpessoais.

Ao assistir as mulheres durante o parto, notamos que as escolhas de acompanhantes são as mais variadas e incluem a mãe, a irmã, uma amiga e o companheiro, que, entre todos os outros, é o que mais me desperta interesse.

Certa ocasião, quando ainda cursava a especialização, em um dos primeiros partos que acompanhei, recebi uma parturiente que havia escolhido seu marido para ser seu acompanhante. Durante o trabalho de parto, percebi que ele estava aflito, receoso, preocupado, até mesmo com certo pânico ao dar suporte a sua esposa, pois fechava os olhos no momento das contrações até quando começou a chorar compulsivamente e saiu da sala. Em contrapartida, nessa mesma noite,

outro acompanhante teve uma postura diferente. Conduzia sua esposa ao banho, fazia massagens, respirava junto com ela durante as contrações, auxiliava-a a ficar em posição de cócoras, chorou durante o nascimento e fez questão de cortar o cordão umbilical de seu filho.

Notamos, portanto, que os comportamentos desses acompanhantes na vivência dessa experiência divergem uns dos outros. Alguns vivenciam esse momento de maneira plena, tornando-se coadjuvantes participativos e presentes no nascer do filho, demonstrando as alegrias, angústias, medos, dúvidas, vitórias, frustrações, ansiedades. Entretanto, essa não é uma postura única. Há aqueles que se mostram incomodados nesse momento, sentem-se inúteis e incapazes de viver a experiência, obrigados a fazê-lo devido ao desejo de suas mulheres, ou mesmo aos inúmeros esforços da equipe assistencial em mantê-los no cenário do parto.

Os comportamentos dos acompanhantes interferem também nos sentimentos experimentados pelas mulheres. De um lado, algumas sentem-se mais confiantes, amparadas, dispostas a vivenciar plenamente o processo ao lado de seus companheiros, remetendo o parto a um momento familiar, individual e particular. De outro, há aquelas que, apesar de escolherem os companheiros, sentem-se incomodadas com sua presença seja durante um exame obstétrico ou de um banho, sendo necessário pedir a eles que se retirem para que as parturientes possam ficar à vontade.

Com base nessas observações, questionamos: como é, para o pai, estar presente como acompanhante no momento do nascimento de um filho? O que significa para o pai viver a experiência do parto? Qual sentimento experimenta o pai diante do nascimento de um filho?

Frente a essas inquietações, comecei a buscar, na literatura, autores que defendem a presença do companheiro/pai no momento do parto, e que possam auxiliar na tentativa de entender esse evento.

As idéias iniciais para justificar a participação do pai no momento do parto aliam-se à percepção da nova paternidade, do novo pai. Espírito Santo, Bonilha (2000) e Tarnowski, Próspero, Elsen (2005) já destacavam que a mudança ocorrida nos papéis pré-concebidos de pai e mãe atualmente exigem do homem uma postura mais ativa e afetiva nos cuidados com os filhos e a família, bem como a divisão das tarefas do cotidiano com sua companheira como o cuidado com filhos e as tarefas domésticas.

Atualmente, para Montgomery (2005) e Carvalho (2005), o homem se envolve nas questões simples do cotidiano dos filhos, nos cuidados básicos que outrora eram atribuídos apenas à mulher. Ele deixou de ser apenas o provedor, macho inseminador, dominador, para se permitir envolver afetivamente revelando sentimentos como carinho, amor, apego e responsabilidade para com a prole e compartilhar com sua mulher as preocupações do dia a dia. Segundo Carvalho,

Este novo homem rompe conceitos antigos do pai autoritário e cria a imagem de um pai participativo passando a ocupar uma posição ativa na gravidez de sua mulher, dividindo com ela as preocupações com a gestação como também acompanha e participa do nascimento de seu filho (CARVALHO, 2005, p. 15).

Dessa forma, a inserção do homem nos cuidados com a gestação, parto e puerpério é incentivada pelas políticas públicas de saúde em nosso país. O homem é convidado a participar das consultas de pré-natal, de cursos preparatórios para a gravidez e o nascimento, das visitas às maternidades. E é orientado quanto a seus direitos enquanto homem, pai em formação. O pré-natal é um momento de informação e preparo para a paternidade, o reconhecimento como pai é direito adquirido e ele não é apenas uma visita nos Serviços de saúde. Deve ser informado a todo tempo de como anda a gestação, o que pode fazer para seu desenvolvimento saudável, ressaltando assim a importância de seu papel (BRASIL, 2001).

Respaldados nessas concepções, os estudiosos defendem que o contato precoce entre pais e filhos favorece o estabelecimento de laços afetivos e efetivos entre eles e, para o homem, é um momento importante de transição para a paternidade sempre cercada de medos e receios frente às novas responsabilidades (ESPÍRITO SANTO, BONILHA 2000; MONTGOMERY, 2005; RAMIRES, 1997). Concordamos que esse contato inicial pode se dar na sala de parto, no momento do nascimento em que, junto com a companheira, o homem compartilhará todos os sentimentos que esse instante da vida proporciona.

Quando os partos eram domiciliares, embora o homem não estivesse dentro do quarto onde a mulher dava à luz, ele estava próximo podendo ter contato com ela e o bebê logo após o parto (CARVALHO, 2005). No entanto, a institucionalização do parto afastou o homem do Centro obstétrico e ele deixou de ser convidado a estar junto a sua mulher e a seus filhos no processo de nascimento, sem

receber informações, apenas na espera passiva de uma notícia positiva do estado de saúde de seus entes. (ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000; CARVALHO, 2003).

Carvalho destaca que:

A entrada dos pais na sala de parto surgiu entre famílias nucleares urbanas em países desenvolvidos na década de 70, com o objetivo da recuperação da afetividade, da valorização da mulher e do resgate da referência familiar, perdidos na passagem do parto domiciliar para a assistência hospitalar (CARVALHO, 2003, p. 390).

A presença do companheiro durante o nascimento, quando é escolha da mulher, transmite-lhe a segurança familiar necessária para tranquilizá-la, o que lhe proporciona bem-estar físico e psicológico e favorece o vínculo familiar. Essa relação estabelecida com o companheiro é importante para se firmar a parceria e transformar esse momento de tanta apreensão e medo em momento repleto de emoção a ser compartilhado pelo casal (MALDONADO, 1997). Para Carvalho, Brito (2008), o parto desperta, nos homens, sentimentos, comportamentos e atitudes repletos de significados que os levam a ser personagens ativos no nascimento dos filhos e amenizando suas dúvidas, medos e anseios .

O parto, para o homem, revela emoções geralmente escamoteadas, possibilita a primeira aproximação direta do pai com o filho sem intermediações da mulher, condição necessária durante a gestação, quando o feto está inserido no esquema corporal da mãe (PINTO *et al.*, 2003). Para Collaço (2002), pode haver, no homem, um turbilhão de processos internos que o levará a um crescimento enquanto ser humano, podendo estar mais inteiro para a vida, para a mulher e para seu filho.

A presença do pai no nascimento, segundo Castro, Clapis (2005), ajuda a preencher a lacuna existente no cuidado, pois a mulher, no trabalho de parto, requer apoio psicológico e afetivo e essa demanda, muitas vezes, não é suprida pelos profissionais que lhe prestam assistência. O pai acompanhante pode assumir uma postura ativa no cuidado da parceira durante o trabalho de parto e nascimento, fortalecendo laços e participando de todo o processo pelo qual passa o corpo feminino.

O homem vem descobrindo que presenciar o nascimento de seu filho é uma experiência única em sua vida. Carvalho (2003) destaca que o homem, quando acompanha sua mulher no parto, contribui para o sucesso do nascimento, mas também é beneficiado por ele, no instante em que:

(...) o gênero está em formação permanente nos diferentes ambientes sociais, tanto através da construção como da sua desconstrução (...) observamos novas possibilidades de construção da maternidade e da paternidade através da abordagem humanizada do parto e nascimento. Neste tipo de assistência, são respeitadas as vivências emocionais da família: pai, mãe e filho/a além da mulher. Desta maneira, tanto a maternidade como a paternidade são beneficiadas, facilitando a solidariedade e compartilhamento de emoções profundas no nascimento da criança, o que pode contribuir para a construção de relações mais igualitárias entre homens e mulheres (CARVALHO, 2003, p. 394).

Esse mesmo autor relata que a participação do pai no parto é uma importante contribuição para o exercício dos direitos reprodutivos dos homens, facilita as transformações conjugais, além de ser uma forma de esses direitos se incluírem no processo de geração da vida que se desencadeia no corpo feminino. Afirma, ainda, que a entrada dos pais no ambiente do parto compreende uma mudança nas concepções de gênero, parto, família, que necessitam de reflexão e de respeito dos profissionais quanto à escolha do acompanhante. Destaca que o pai torna-se parte integrante do processo de nascimento, como referência emocional, facilitador do processo, compreendendo uma mudança na concepção de gênero que necessita de novas reflexões por parte da equipe assistencial. A presença do companheiro no cenário do parto, para Hotimsky, Alvarenga (2002), marca o início de transformações na construção das relações de gênero, sendo um momento importante para a reflexão do papel do homem.

No entanto, percebemos que a participação masculina pode variar em atitudes e ações influenciadas pela classe social, nível de instrução e vínculo do homem com a mulher. De acordo com Tornquist (2003), nas classes populares, o marido não é o escolhido para acompanhar o parto, pois ele está envolvido em outros momentos: quando traz visitas para o bebê, busca a paciente na maternidade e avisa os parentes. Em seu lugar, a parturiente geralmente escolhe outras mulheres que já passaram pela experiência para que possam contribuir durante o trabalho de parto, além de que há certo receio da rejeição sexual por seus parceiros após vivenciarem o momento do parto. O estudo aponta que as mulheres vivenciam sentimentos de repulsa, nojo e desprezo face às diversas modificações que se operam em seu corpo durante o parto e não desejam que seus maridos as vejam naquele momento. Para elas, a melhor imagem a ser guardada é a de seu corpo antes do parto e até mesmo

a imagem da gravidez, uma maneira de garantir que seus companheiros continuem atraídos sexualmente após o nascimento de seus filhos.

Já com relação às mulheres de camadas médias da população, a autora afirma que, invariavelmente, escolhem seus parceiros para acompanharem o trabalho de parto, atribuindo-lhes a função de registrar o momento para a posteridade. Atribui-se essa escolha ao preparo anterior dos pais para esse momento: os homens participam de um número maior de consultas no pré-natal, acompanham o desenvolvimento da gestação e as modificações ocorridas no corpo feminino, frequentam grupos de auto-ajuda como os de “pais grávidos”, questionam como e o que vai acontecer durante o parto. Enfim, no momento do nascimento, encontram-se mais preparados para acompanhar suas mulheres, o que lhes dá segurança para escolhê-los como acompanhantes.

Na prática da obstetrícia, é importante destacar que o homem é visto como um sujeito atípico no processo, com certo preconceito por parte dos profissionais que temem sua entrada na sala de parto. Essa postura revela uma compreensão preconceituosa sobre os homens como incapazes de ter sensibilidade profunda para acompanhar as mulheres no parto e, também, a falta de atenção a que os pais estão expostos ao longo desse processo (CARVALHO, 2003). Além do aspecto exposto nas afirmativas anteriores, Carvalho e Brito (2008) pontuam que existem aspectos institucionais que também prejudicam a participação do homem no nascimento do filho e enfatizam a estrutura física inadequada para sua acomodação.

Como exposto acima, a presença do pai como acompanhante do parto é objeto de vários estudos que revelam sua importância, seu papel no momento do nascimento, diversas vantagens e benefícios, fatores positivos e negativos para a parturiente, para o recém-nascido e sua família. No entanto, minha inquietação continua sem resposta, tendo em vista que os estudos não revelam o que o pai pensa ao presenciar o processo de nascimento de um filho, não revelam seus sentimentos acerca do nascimento, tampouco enfocam como é para ele estar nesse momento como acompanhante. São raros os trabalhos que se debruçam sobre o nascimento na perspectiva dos pais, foco do presente estudo.

O conhecimento da compreensão paterna sobre o parto poderá servir de base à estruturação de atividades assistenciais voltadas para as necessidades do homem enquanto acompanhante, atividades que o ajudarão a ser um sujeito efetivo,

ativo e participante, que apoie, acolha e ajude sua mulher durante o nascimento. A produção de conhecimentos acerca da compreensão paterna sobre o parto torna-se fundamental para a consolidação do modelo assistencial humanizado e para a reorganização dos Serviços de saúde públicos e privados de assistência à saúde da mulher. Essa reorganização deve garantir a acolhida desse acompanhante e possibilitar uma atenção voltada ao ser pai. Pressupõe a conscientização dos profissionais de saúde quanto à importância dessa vivência para o casal e a busca de estratégias facilitadoras desse novo papel.

Diante disso, questionamos: como os companheiros – acompanhantes vivenciam o momento do parto e do nascimento de seus filhos?

Este estudo tem por objetivo: compreender a vivência paterna acerca do momento do parto e nascimento.



2 CAMINHO METODOLÓGICO

2.1 Tipo do estudo

A metodologia é o caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem do fenômeno. É o conjunto de técnicas que possibilita a construção da realidade e a criatividade do investigador (MINAYO, 2008).

Para a compreensão da vivência paterna do nascimento do filho, a opção metodológica foi a estratégia do estudo de caso único de natureza qualitativa e fundamentado nos pressupostos da Sociologia Compreensiva (MAFFESOLI, 2007a).

Segundo Minayo (2008), a pesquisa qualitativa responde a perguntas que não podem ser expressas em números, pois objetiva descrever os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes de cada indivíduo. A autora coloca que a opção pela pesquisa qualitativa baseia-se, em parte, na possibilidade de se compreenderem valores culturais e representações de determinado grupo sobre temas específicos.

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008, p. 57).

Quando se faz uma pesquisa com abordagem qualitativa, tem-se a preocupação essencial com o significado que as pessoas atribuem às coisas cotidianas, todos os dados da realidade são considerados importantes para o estudo de um fenômeno. O pesquisador é próximo ao fenômeno investigado, participa do contexto; parte, na maioria das vezes, de sua realidade, em busca de respostas para seus questionamentos (LUDKE, ANDRÉ, 1986). Para a metodologia qualitativa, só reconhecemos o fenômeno estudado quando nos tornamos parte dele. Isso se contrapõe à idéia de neutralidade na construção do conhecimento proposta pelas pesquisas quantitativas. Já que *“nada é uniforme, linear, explicável por um conceito unívoco; ao contrário, encontramos abundância, redundância e repetição”* (MAFFESOLI, 2007a, p. 177).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos sociais e que não pode ser

reduzido à operacionalização de variáveis quantificáveis e irreduzíveis (MINAYO, 2008).

A opção pela realização de um estudo de caso deve-se ao fato de que esse tipo de estudo visa explorar situações da vida real cujos limites não estão precisos, preservando o caráter unitário do objeto em estudo (GIL, 2008). Segundo Yin (2005), o estudo de caso é utilizado, de forma extensiva, em pesquisas da área das ciências sociais, como estratégia adequada, quando se trata de fenômenos contemporâneos em contextos da vida real e pode ser complementado por outras investigações de caráter exploratório e descritivo.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando os pesquisadores têm pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2005, p. 19).

Ludke e André (1986) pontuam sete características relevantes do estudo de caso como metodologia: 1) *Os estudos de caso visam a descoberta*: o pesquisador possui uma idéia inicial acerca do objeto estudado, porém novos aspectos deverão ser sempre descobertos. 2) *Os estudos de caso enfatizam a interpretação de um contexto*: para se compreender de forma completa o objeto deve-se levar em conta o contexto estudado. 3) *Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa*: há uma profunda valorização de todas as dimensões complexas do objeto, evidenciando o problema como um todo. 4) *Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação*: podendo o pesquisador recorrer a uma variedade de dados, informantes e situações, vale cruzar informações, confirmar ou rejeitar hipóteses e até mesmo descobrir novos dados. 5) *Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas*: o pesquisador relata suas experiências e os sujeitos tendem a realizar suas generalizações, associando os dados encontrados a suas próprias experiências de vida. 6) *Os estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social*: em opiniões diferentes, o pesquisador procura fazer um estudo dessa divergência, revelando seu próprio ponto de vista para que os leitores tirem suas próprias conclusões. 7) *Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessíveis do que as de outros relatórios*

de pesquisa: a transmissão do texto final é direta, clara e bem articulada, o que aproxima o leitor da experiência do pesquisador.

A fundamentação teórica do presente estudo é a Sociologia Compreensiva, que busca *“descrever o vivido naquilo que é/está, contentando-se, assim, em discernir visadas de distintos atores envolvidos”* (MAFFESOLI, 2007a, p.30). Trata-se de uma sociologia do lado de dentro que trabalha com as questões do cotidiano e busca compreendê-lo por meio dos sujeitos envolvidos que são atores responsáveis pelas ideias, representações, valorizações de determinados fatos sociais. Trata-se de uma revolução do olhar que *“permitirá reconhecer toda a carga cognitiva que comportam os fatos brutos, componentes que são da vida cotidiana”* (MAFFESOLI, 2007a, p. 235).

Segundo Maffesoli (2008, p.5), *“a profundidade está na superfície das coisas”* e, para entender o cotidiano, é necessário realizar uma profunda investigação do sentido das coisas, que se encontra submerso na subjetividade de cada indivíduo. Ressalta também que *“antes de qualquer racionalização, existe uma vivência comum, que pode tomar formas diversas mas que, nem por isso, exprimem o extraordinário querer viver que constitui a socialidade”*, ou seja, o nosso viver diário, as práticas do cotidiano (MAFFESOLI, 2007a, p.175). Sendo assim, ao estudar os fenômenos sociais devemos valorizar o vivido, os sujeitos envolvidos e suas particularidades, os elementos heterogêneos que coexistem num período de tempo e espaço.

Segundo Penna (1997, p. 41) Maffesoli é adepto de uma atitude relativista intelectual de ver o mundo, acreditando que há uma inter-relação das inúmeras verdades tanto as do senso comum, quanto as científicas. Para o autor, as verdades do cotidiano estão pautadas no princípio de que *“a vida corrente é feita de uma multiplicidade de situações, de diversos entrecruzamentos, de atividades comunicacionais e instrumentais tudo isto sendo individualmente dotado de importância e eficácia”* (MAFFESOLI, 2007a, p. 66) e não há uma verdade absoluta que consiga resistir à usura do tempo. Para o autor, a vida diária é significativa, tudo tem seu reconhecimento e sua importância, *“esses ‘pequenos nada’ que materializam a existência e que a inscrevem num lugar são, na verdade, fatores de socialidade, podendo-se mesmo dizer que, através de seu anódino, produzem sua intensidade”* (MAFFESOLI, 1984, p. 58).

Nesse caminho rumo ao entendimento do cotidiano vivido, Maffesoli pontua que a compreensão:

“(...) pretendida do pluralismo existencial requer uma atitude de simpatia, e a este mesmo respeito, falei de empatia, que nos faz presentes ao acontecimento social. Nosso papel não é, claro está, o de tudo justificar ou a tudo desculpar; nossas convicções podem condenar, mas nossa generosidade de espírito tudo deve aceitar” (MAFFESOLI, 2007a, p. 75-76).

Assim, um dos dispositivos utilizados para revelar e compreender a vida social é a analogia que, segundo o autor, é um recurso que busca a *“compreensão do que é movente, servindo-se de situações ou de experiências que lhes sejam comparáveis”* (MAFFESOLI, 2007a, p. 133). Ou seja, ele mostra a analogia como um recurso utilizado pelos sujeitos no cotidiano e que lhes possibilita compreender o presente e sua importância em diferentes situações que, no fundo, possuem algo em comum, algo que lhes é essencial.

A analogia, portanto, permite acima de tudo compreender o presente. Semelhante a uma tela de fundo, ela dá revelo àquilo que de outra forma passaria despercebido ou seria diminuído, ao ser declarado insignificante (MAFFESOLI, 2007a, p.139).

Segundo Penna (1997), a analogia, permite:

“(...) compreender o presente através de sua correspondência com experiências ou situações que já ocorreram em um tempo passado. Pois, não se pode negar que o viver humano está carregado de uma interpretação simbólica que vem sendo construído ao longo de uma experiência” (PENNA, 1997, p.46).

No contexto estudado, as respostas dos sujeitos muitas vezes foram apresentadas de forma analógica e, por isso, a analogia merece destaque aqui. Na interpretação dos dados, as analogias se fazem presentes como uma forma de os entrevistados explicitarem os significados de suas experiências frente ao nascimento do filho.

2.2 O cenário da pesquisa

O cenário escolhido para a realização do estudo é o Centro de Parto Normal Doutor David Capistrano da Costa Filho (CPN), Unidade intra-hospitalar do Hospital Sofia Feldman (HSF) pertencente à Fundação de Assistencial Integral à Saúde/Hospital Sofia Feldman (FAIS/HSF), uma instituição não-governamental, filantrópica, voltada à saúde da mulher e do recém-nascido, que tem como pilares de seu atendimento:

1. A valorização da experiência humana;
2. A retomada da mulher e da família como centros do processo de atenção;
3. O fortalecimento da mulher como cidadã, respeitando sua dignidade, buscando criar um ambiente em que possa expressar seus sentimentos;
4. O resgate das características fisiológicas e naturais do nascimento;
5. A adoção, pelos profissionais que prestam assistência à mulher, de práticas baseadas em evidências científicas atuais (Guia de Práticas Assistenciais do Hospital Sofia Feldman, 2000).

O Centro de Parto Normal está localizado no bairro Tupi, no Distrito Sanitário Norte, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Foi inaugurado em setembro de 2001, funcionando plenamente a partir de 2002, atendendo a uma proposta contida na Resolução do Ministério da Saúde (Portaria n 985, de 5 de agosto de 1999) que estabeleceu parâmetros legais para a implementação das casas de parto em todo o território nacional, buscando uma proposta de mudança no modelo assistencial obstétrico do país.



FIGURA 1 – Vista parcial do CPN Doutor David Capistrano
Fonte: HSF/Arquivos

A proposta dos Centros de Parto Normal vem reforçar a valorização do parto normal, ao propor soluções mais humanizadas e contrapor-se aos modelos medicalizados que retiram do momento do parto suas características fisiológicas, individuais e familiares. Esse modelo assistencial, de fundamento humanista, permite que a mulher se torne sujeito ativo no processo de nascimento, tendo liberdade para agir, demonstrar seus sentimentos, expressar suas escolhas, ser mulher e mãe.

A população atendida é usuária do Sistema Único de Saúde (SUS) e, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo. Atualmente, o CPN atende as pacientes dos Distritos Sanitários Norte, Nordeste e parte de Venda Nova, além das solicitações da Central de internação do SUS e da demanda espontânea.

A estrutura física do CPN é composta de quatro quartos, sendo dois PPP (Unidade de pré-parto, parto e puerpério) e dois com leitos de alojamento conjunto, somando, no total, seis leitos na Unidade. Um dos quartos PPP tem banheira de hidromassagem para que a usuária possa optar pelo recurso da hidroterapia e/ou a realização do parto na água. Possui, ainda, dois consultórios para atividades ambulatoriais.



FIGURA 2 – Quarto Leila Diniz/ CPN
Fonte: HSF/Arquivos

A equipe assistencial é composta de enfermeiros obstetras no atendimento ao parto normal, além de um técnico em enfermagem e um auxiliar administrativo. O CPN também conta com uma equipe de apoio composta por médicos obstetras, pediatras, psicólogos, assistentes sociais e nutricionistas. São profissionais alocados na Maternidade Sofia Feldman e que, se solicitados, prestam atendimento às pacientes internadas no CPN.

Seguindo os protocolos assistenciais da instituição e de acordo com a Resolução nº 985/1999, o CPN oferece assistência às parturientes em franco trabalho de parto com idade gestacional entre trinta e sete e quarenta e uma semanas completas, que tiveram uma gestação de baixo risco e realizaram seis ou mais consultas de pré-natal. No momento da admissão, as gestantes devem estar de posse dos resultados dos exames laboratoriais obrigatórios na rotina pré-natalística, não devem apresentar nenhuma intercorrência clínica e devem manifestar preferência pelo parto normal com o mínimo de intervenções, de maneira natural e espontânea.

No primeiro semestre de 2009, foram realizados 523 (quinhentos e vinte e três) partos normais, sendo 39,6% de mães primigestas, 20,7% de mães adolescentes e 8,8% do total de partos foram realizados na água. Quanto ao pré-natal, 66,5% das mulheres realizaram seis ou mais consultas. A presença do acompanhante ocorreu em 88,9% dos casos. A taxa de transferência materna foi de 11,5%, sendo seus principais motivos o desejo de se beneficiar de analgesia, a presença de líquido meconial e o estado fetal não-tranquilizador. A taxa de transferência neonatal foi de 2,1%, sendo seus principais motivos a taquipnéia transitória do recém-nascido, a infecção e a icterícia. O índice de apgar menor que sete, após o primeiro minuto, foi de 2,5% e, após o quinto minuto, de 1,0% (SISTEMA INFORMÁTICO PERINATAL, 2009).

O Centro de Parto Normal Doutor David Capistrano é uma instituição reconhecida nacionalmente pela implementação das práticas obstétricas de humanização da assistência ao parto e nascimento, centradas na mulher e em sua família. Dois fatores determinaram a escolha do CPN como local para a realização do estudo. O primeiro foi minha experiência como enfermeira nesse Serviço, conhecendo as práticas humanizadas dos profissionais do setor. O segundo foi o incentivo à presença do acompanhante durante todo o período de internação da mulher. No momento da admissão, a mulher é orientada sobre o direito ao acompanhante e ela mesma o escolhe, podendo ser o companheiro, outro familiar ou uma pessoa próxima.

O acompanhante vivencia todos os momentos da internação, está presente durante os procedimentos realizados, na tomada de decisão sobre as condutas e principalmente durante o parto e nascimento. Pode expressar seus

sentimentos junto à mulher, questionar os procedimentos efetivados, auxiliar nas atividades realizadas durante a assistência ao trabalho de parto e nascimento.

Todos os acompanhantes recebem quatro refeições diárias, dispõem de um local para higiene pessoal e, a cada leito, corresponde uma cadeira reclinável para sua acomodação, conforto e descanso. Além disso, contam com o Serviço de psicologia e o Serviço social da Instituição para quaisquer intervenções necessárias.

2.3 Os sujeitos da pesquisa

De acordo com Minayo (2008), ao delinear a população com a qual pretendemos trabalhar em um estudo qualitativo, devemos nos preocupar com o aprofundamento e a abrangência da compreensão, em detrimento do valor numérico que leva à generalização dos resultados.

Este estudo buscou compreender a vivência de pais sobre o nascimento acompanhando suas mulheres no Centro de Parto Normal Doutor David Capistrano. Foram delineados e utilizados como critérios de inclusão o fato de os companheiros terem acompanhado suas mulheres durante todo o trabalho de parto, o fato de ser o primeiro filho do casal e o de nenhum dos dois ter filhos de relacionamentos anteriores. A faixa etária fixou-se entre 20 e 40 anos. A gestação de suas companheiras não teve intercorrências clínicas diagnosticadas e evoluiu para um parto normal natural sem distócia e sem analgesia peridural.

Após a décima entrevista, já foi possível reconhecer a saturação dos dados, confirmada com a realização de mais quatro entrevistas. O critério para a interrupção das entrevistas, por meio da saturação dos dados, é baseado no fato de que o acréscimo de novas observações não contribui para um aumento significativo de informações (GIL, 2008) e a inclusão de novos participantes, na avaliação do pesquisador, leva a redundância ou a repetição das informações. Fontanella, Ricas, Turato reforçam que a saturação ocorre quando:

“(...) as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados” (FONTANELLA, RICAS, TURATO, 2008, p. 17).

Os homens entrevistados neste estudo formaram um universo singular, cheio de características individuais que tornaram muito especiais os discursos analisados. Conhecer suas características individuais é fundamental para traçarmos o perfil desses pais que estiveram presentes no momento do nascimento de seus filhos. Segundo Storti (2004), algumas características presentes nos companheiros como estado civil, idade, profissão, escolaridade, repercutirão na forma como cada um vivencia o processo do nascer. Os dados levantados nos prontuários das pacientes e durante as entrevistas a respeito dos acompanhantes são apresentados a seguir.

QUADRO 1

Características dos acompanhantes entrevistados no HSF nos meses de março a maio de 2009

Entrevistado	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão
1	22	Casado	Ensino Médio incompleto	Desempregado
2	25	Solteiro	Ensino Médio completo	Ajudante de serviços gerais
3	37	Casado	Ensino Médio incompleto	Ajudante de serviços gerais
4	28	Casado	Ensino Superior incompleto	Ajudante de serviços gerais
5	26	Casado	Ensino Médio completo	Técnico em Informática
6	25	Casado	Ensino Médio completo	Agente de bordo
7	23	União Estável	Ensino Médio completo	Auxiliar de escritório
8	27	Solteiro	Ensino Médio completo	Auxiliar administrativo
9	23	Solteiro	Ensino Médio completo	Desempregado
10	25	Casado	Ensino Médio completo	Auxiliar de serviços gerais
11	27	União Estável	Ensino Superior completo	Músico
12	21	Solteiro	Ensino Médio completo	Vendedor
13	29	Casado	Ensino Superior completo	Empresário
14	21	União Estável	Ensino Superior completo	Funileiro

Fonte: Serviço Arquivo Médico (SAME)/ HSF

Os sujeitos que concordaram em participar, depois de informados sobre o estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE A). Foram garantidos o anonimato dos informantes, sendo os mesmos identificados pela letra E (entrevistado) seguido pelo número da entrevista realizada. Também foi assegurada a ausência de ônus, o direito de solicitar esclarecimento em qualquer fase da pesquisa e o de proibir a utilização de seus relatos, sem que isso lhes

causasse algum dano ou prejuízo, respeitando-se a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com relação a pesquisa com seres humanos. (BRASIL, 1996). O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFMG, Parecer ETIC-609/08 em 3 de dezembro de 2008 (ANEXO A), e pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Sofia Feldman (CEP/HSF) Parecer número 17 em 23 de janeiro de 2009 (ANEXO B).

2.4 Coleta e análise de dados

A coleta de dados deu-se após a aprovação nos referidos Comitês de Ética em Pesquisa e se estendeu de fevereiro a maio de 2009.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a entrevista com roteiro semi-estruturado (APENDICE B). GIL (2008) descreve que a entrevista é a técnica mais utilizada pelos profissionais que tratam de problemas humanos. É adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca de suas explicações ou razões a respeito de fatos precedentes.

As entrevistas aconteceram após o nascimento, ou antes da alta, em um local reservado do CPN para que não houvesse constrangimento dos informantes nem interferência de profissionais ou de outras pessoas. As entrevistas foram, com a permissão dos sujeitos, gravadas e transcritas, a fim de se garantir a fidedignidade dos relatos.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo, conforme BARDIN (2004), que busca analisar o conteúdo manifesto nos discursos.

A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

Segundo a mesma autora, o que interessa, para o pesquisador que trabalha com a análise de conteúdo, são os saberes oriundos do material após o tratamento dos dados. Para isso, a análise dos dados tem três fases distintas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

1. Pré-análise: Procedeu-se à ordenação dos dados a partir da transcrição das entrevistas de forma integral e a realização de leitura flutuante e exaustiva do material, em que se preservam os discursos dos sujeitos em sua íntegra e se permite uma retomada dos objetivos iniciais da pesquisa. Nessa fase, não ocorreu nenhum processo de julgamento, crítica ou busca de núcleos de sentidos. É a constituição do corpus, o universo estudado em sua totalidade e que responde às normas de:

“exaustividade: que o material contemple todos os aspectos levantados no roteiro; *representatividade:* que ele contenha as características essenciais do universo pretendido; *homogeneidade:* que obedeça a critérios precisos de escolha quanto aos temas tratados, às técnicas empregadas e aos atributos dos interlocutores; *pertinência:* que os documentos analisados sejam adequados para dar resposta aos objetivos do trabalho (MINAYO, 2008, p.316-317).

2. Exploração do material: As entrevistas transcritas foram selecionadas e agrupadas, em um primeiro momento, de forma linear, ou seja, os discursos de cada sujeito, individualmente, foram lidos e relidos, na intenção de se realizar uma codificação, uma lapidação dos dados brutos para se alcançarem núcleos de compreensão do texto. *“Para isso, o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado”* (MINAYO, 2008, p. 317). Recortou-se o texto em unidades de registro, constituídas de palavras ou frases, que foram agrupadas pelas semelhanças dos discursos e, às vezes, pelas contradições, constituindo-se as categorias empíricas que compuseram o corpo da análise. Assim, os dados estão organizados nas seguintes categorias:

1- Nasce um filho, nasce um pai.

- ✓ Dor e superação: uma metamorfose
- ✓ Sentimentos paternos acerca do nascimento

2- O apoio paterno durante o nascimento

3- A naturalidade do nascer

- ✓ Descobertas e significados do nascimento
- ✓ Os encontros e desencontros no nascimento

A organização seqüencial das categorias empíricas reflete a trajetória paterna durante o trabalho de parto e nascimento, revelam primeiramente o que sentem, em seguida o que fazem durante o processo e por fim suas reflexões sobre o momento.

3. Tratamento e interpretação dos dados: Os dados foram interpretados e discutidos à luz da literatura acessada. Minayo (2008) recomenda que, nessa etapa, seja feito um movimento contínuo entre o empírico e o teórico, entre o concreto e o abstrato, entre o particular e o geral. Também pontua que quem analisa um dado propõe inferências e realiza interpretações, surgindo possibilidades de novas visões do material trabalhado, as quais serão apresentadas a seguir.

3 COMPREENSÃO DOS DADOS

3.1 Nasce um filho, nasce um pai

Nessa categoria, são apresentados os discursos sobre os sentimentos advindos da experiência de presenciar o nascimento do filho, pois é nesse momento que os sujeitos se descobrem pais.

Os dados encontram-se organizados em duas sub-categorias. A primeira revela os diferentes significados atribuídos à dor sentida pela mulher e presenciada pelo companheiro, dor que revela tanto o sofrimento como sua superação, dor que pode ser instrumento de uma metamorfose tanto para a mulher que a vivencia quanto para o companheiro que experimenta, e compreende a sensação da mulher.

Na segunda sub-categoria, abordam-se os sentimentos contraditórios desencadeados pelo parto, o medo do desconhecido e do inesperado, a angústia e a aflição do incontrolável, a superação com o nascimento. Revela-se a emoção do instante eterno, único, marcado por momentos inesquecíveis como a saída do bebê do corpo da mãe, o corte do cordão feito pelo pai. Por fim, pontuam-se as responsabilidades impostas pela nova vida, pela nova família e as repercussões sobre a vida do homem, o novo pai, o que constitui a compreensão de que o homem nasce verdadeiramente como pai no mesmo instante em que presencia o nascer do filho.



3.1.1 Dor e superação: uma metamorfose

Viver o processo do trabalho de parto de seu filho expõe o homem à dor e a todas as faces dessa experiência. A dor do parto, apesar de ser um sinal no corpo físico da mulher, representa um momento de reflexões para o homem que, ao presenciar a dor de sua companheira, consegue processar esse momento atribuindo-lhe diferentes significados. Entre eles, o de que essa dor é um processo de intenso sofrimento.

Eu não esperava tanto sofrimento, que no meu consentimento deu os nove meses e já era pra criança nascer, sem esse sofrimento, sem aguardar tanto tempo para você ver, nós chegamos aqui era quatro horas da manhã, a hora que ele foi nascer era nove e cinquenta e oito então são o que dão umas cinco horas... cinco horas... cinco horas de sofrimento, e que eu falo assim é difícil se aguentar aquilo ali [...] E2

[...] porque assim, eu pensava, eu falava nada a mulher deve chegar lá sentir uma dorzinha e colocar pra fora e acabou, depois do que eu vi o que ela passou [...] Suou, chorou, mordeu a camisa mesmo, falei nossa a mulher sofre tadinha! E12

Ah! o pessoal escuta muito algumas pessoas falam, eu agora se fosse mais pra falar eu falaria que na hora ali é um certo sofrimento [...] a mulher sofre ali bastante. E14

A visão da dor como um processo de intenso sofrimento da mulher é também a característica mais lembrada socialmente quando se questionam outras pessoas que já passaram por essa experiência. Esse significado é o responsável pela origem de medos, receios e angústias sobre o nascimento e se reflete negativamente na vivência do parto, tanto para a mulher quanto para o homem acompanhante. Storti (2004) pontua que a falta de conhecimento do homem sobre o processo fisiológico do trabalho de parto faz com que veja a dor como um momento de intenso sofrimento, o que interfere diretamente em sua experiência com o nascimento. Corroborando com a afirmativa anterior, Motta e Crepaldi, (2005) revelam que a vivência negativa da dor desperta sentimentos como ansiedade, angústia e impotência, sendo este último um dos mais difíceis para o homem acompanhante.

Inicialmente, a dor parece algo simples, a mulher iria apenas *sentir uma dorzinha, colocar pra fora e acabou*, porém ao estar face a face com essa dor, a primeira impressão adquire outro significado pois é necessário *aguardar tanto tempo*,

cinco horas, e as manifestações no corpo como o suor e o choro confirmam e reforçam o sofrimento. Acreditamos que o estar-junto (MAFFESOLI, 1996) com a mulher, num momento visto como exclusivamente do universo feminino, permite o compartilhamento da dor. Quando o homem presencia o que acontece com a mulher, a dor imaginada ganha significado diferente, passa a ser algo real, próximo, possível, sentido, doloroso.

É importante destacar que a vivência da dor e do sofrimento está fortemente relacionada ao contexto sócio-cultural e emocional do casal, sendo necessário compreender esse contexto para descobrir os significados que se atribuem à dor. Macedo (2007) revela que, nas culturas ocidentais, a dor manifesta-se como um sinal de intenso sofrimento e a todo custo deve ser eliminada, medicalizando o processo com o auxílio dos métodos farmacológicos para seu alívio. A mesma autora destaca que o trabalho de parto, em nossa cultura, tal como é apresentado pela mídia e pela sociedade, é visto como um momento de intenso sofrimento o que contribui para a ideia do parto como um evento de extremo padecimento, traumático e de risco para a vida.

O outro significado externado para a dor contrapõe-se ao anterior e considera a dor como algo suportável, um meio necessário para que a mulher alcance a vitória do nascimento.

Trabalho de parto é um, é o que eu posso falar é uma dor com amor, sabe? é uma dor com amor, não tem jeito de se explicar, é uma dor mais em compensação é um amor tão grande assim que você vai... assim um carinho uma coisa inexplicável, ou seja é um sofrimento pra ter uma premiação, [...] eu tô, trabalhando aqui, ou seja eu tô sofrendo, mais em compensação no final tem aquela premiação, que vai vir agora mesmo por meus braços [...] até a dor do parto pra mim, foi uma dor superável, se a minha mulher vê eu falando isso ela me mata (risos) mais é uma dor superável desde que tenha um apoio, uma coordenação boa por se tá realizando um trabalho [...] E5

[...] na primeira roda que a gente foi, ele deu a palestra, mostrou um vídeo sobre orgasmo no parto, aquilo dali já começo pra gente uma noção bacana sobre o parto normal, então, e isso eu vi na Z durante o parto [...] durante as contrações não era somente dor, claro que havia dor, ao mesmo tempo eu via ela delirando, ela mesmo falou que minutos antes de nascer ela não tinha uma consciência, o racional [...] eu via durante as contrações que ela meio viajava assim, sabe?! Um misto de dor e alegria, as vezes ela ria, é muito legal, muito legal. E11

O reconhecimento da dor como meio indispensável para se alcançar a vitória do nascimento ameniza o sofrimento. Esse momento é visto de maneira diferente, é uma dor física fundamental para que o nascimento ocorra e, por isso, é suportável, *superável* e saudável. Essa visão significa a dor de forma mais sutil e amena, pois, se *é uma dor com amor, é superável* e temporária, compensada pelo apoio e pela certeza de um prêmio, palpável, diferente de um sofrimento interminável, culturalmente temido. É até mesmo um “delírio”, uma “viagem”, um momento de perda da consciência do que é racional e de transcendência para um estágio que vai além da dor física, sendo comparado a um estado de êxtase, plenitude e orgasmo que somente a mulher tem o privilégio de vivenciar e, por isso, *muito legal*.

No entanto, os entrevistados ressaltam que, como não sentem a dor na própria pele, apenas interpretam aquilo que passaram junto com suas companheiras, o que para elas pode não ser bem entendido, é melhor que elas não os ouçam.

Segundo Macedo (2007), a vivência da dor como algo positivo e necessário ao nascimento é um significado encontrado em algumas culturas orientais onde a dor é vista como um meio para a completa realização da maternidade e purificação dos pecados cometidos. Porém Storti (2004), mesmo ao fazer alusão à dor do parto como parte integrante e necessária para a evolução do processo, mostra, em seu estudo, que os homens não expressaram sentimentos positivos e associaram a dor apenas ao sofrimento de suas companheiras. Nakano, *et al* (2007) reforçam essa idéia quando retratam que a dor é valorizada pelos acompanhantes como algo que possui uma recompensa, conceito construído com base nas concepções sociais e culturais de maternidade como um momento de abnegação, sacrifício e entrega.

Macedo (2007) descreve, em seu estudo, quatro significados atribuídos à dor em mulheres que tiveram a experiência do parto vaginal. O primeiro revelou que, para as mulheres, a dor do parto é um intenso sofrimento, associado a sentimentos como medo, angústia, desconforto, sinais que vão além do físico, invadindo também o psíquico, a história de vida da mulher. O segundo é o significado da dor como um momento de redenção, o meio necessário para que a mulher consiga dar à luz e também instrumento para que ela alcance a glória de se sentir plena, realizada, completa e vitoriosa. O terceiro significado da dor é o de um sofrimento heróico e novamente destaca que a mulher, ao vencer a dor, sente-se mais forte e poderosa, como uma deusa, uma guerreira que venceu uma grande batalha. O quarto e último

significado da dor remete a um sofrimento inútil sendo que as mulheres atribuíram a esse evento somente valores negativos, sem se sentirem recompensadas, ou vitoriosas após o nascimento; a dor, nesse caso, é um sintoma limitado ao corpo físico e a mulher não é capaz de superá-la.

Um aspecto encontra-se presente em grande parte dos discursos dos entrevistados e aponta para a solidariedade e o estar-junto com suas companheiras no instante da dor.

Aí foi todo aquele processo assim [...] as dores dela né o, todo aquele ali assim como a gente vê em muito filme arranha o marido, puxa o marido né [...] E4

Como é doloroso, a gente sente um pouquinho da dor também, não só a mulher que tá ganhando, [...] dá até dó, a gente fica apreensivo de ver a mulher sentindo tanta dor, e, às vezes segurando você te apertando, ela passam um pouco daquela dor pra você. E6

Eu acho que doeu muito, porque ela apertou os meus dedos e faltou quebrar! (risos) E8

[...] as contrações dela às vezes vinha em mim, o aperto de mão que ela me dava passava um pouco, a dor que ela gritava passava pra mim também, eu sentia parecia que era comigo também. E9

O momento do nascimento mesmo foi um momento bem curto em torno de uns vinte minutos, mais parecia assim uma eternidade! Porque aquela dor eu senti aquela dor junto com ela. E13

Vivenciar intensamente a dor de suas companheiras está intimamente associado ao instante em que sentiram um forte aperto de mão que *faltou quebrar* os dedos ou abraços apertados ou quando ouviram seus gritos, gemidos e pedidos de ajuda.

Nesse momento, o homem suporta a dor que é provocada por suas companheiras como uma forma de apoiar a mulher, já que se sentem impotentes diante de um sentimento que é impossível de ser transferido plenamente. Assim, no dia a dia, os acompanhantes se esforçam ao máximo para conseguir minimizar a dor, transmitindo às parturientes palavras de apoio e força, gestos de carinho como um afago, uma massagem, um toque que se tornam necessários para que elas consigam superar esse momento.

“O sentimento de participação, de simpatia, que, com outros, experimento diante de suas manifestações serve de cimento para um estar-junto inegável” (MAFFESOLI, 1996, p. 251). Quando “sente” a dor, ele afirma o seu estar-junto com a mulher, reforça sua participação nesse momento tão exclusivo do universo feminino, instante que passa a ser *uma eternidade*.

No cotidiano da assistência, percebemos, em alguns homens, uma postura de total entrega ao momento da dor que é expressa em atitudes como: fechar os olhos, enrugar a face ou contorcer o corpo durante as contrações, fazer força junto com suas mulheres, emitir expressões de dor como um gemido, um “ai”, “ui”, permanecer em posições de conforto e alívio como, por exemplo, de cócoras. No imaginário do homem, é como se absorvesse um pouco da dor e aliviasse o sofrimento de sua companheira, afirmando sua presença efetiva no parto. As questões de gênero pré-estabelecidas caem por terra, ficam perdidas no tempo, o homem deixa de ser a figura forte, inabalável e dominadora. Sente-se solidário, a oferecer suporte emocional e físico a sua mulher, a compartilhar com ela sentimentos e sensações.

Segundo Storti (2004), o estar ao lado, segurando a mão e fazendo um carinho, são ações que o acompanhante desenvolve que fazem parte do suporte emocional para a mulher nesse momento; assim, ambos encontram a força necessária para conduzir o trabalho de parto.

Sentir a dor ao lado de suas companheiras também desperta sentimentos como dó, pena, compaixão e até certo remorso por saberem que, em parte, são responsáveis por aquele sofrimento, desejam até mesmo a troca de papéis com suas mulheres no momento do parto.

[...] é difícil né complicado, a dor que a mulher sente na hora de ganhar nó! [...] se pudesse tá no lugar dela eu estaria, tirava a dor dela que, é muito... acho que não tem dor pior que a dor de ganhar um filho, ontem eu vi isso (pausa). E3

Batia um arrependimento no coração quando eu vi ela ali, eu falei com ela: nó! [...] se eu pudesse dar à luz por você eu faria isso (emocionado) eu não agüento de ver ela sofre porque eu gosto muito dela. E12

Esse desejo expresso de estar no lugar de suas companheiras, durante o processo de parturição, revela uma postura ativa do homem ao vivenciar o

nascimento. O homem deseja compartilhar, dividir a dor física que causa tanto desconforto e sofrimento à mulher. Revela, assim, preocupação, *arrependimento* e amor.

A impotência gerada pela dor provoca algumas reações que variam desde a passividade frente ao que não pode mudar à postura ativa do acompanhante que tenta, a qualquer custo, ajudar, confortar e amparar a mulher. Revela também as questões de gênero produzidas por um imaginário social no qual o homem, fonte de força e poder, sempre consegue superar a mulher, sexo frágil e desprotegido. Agora, no momento do parto, esses valores são desconstruídos diante da grandiosidade da dor, evento exclusivo do corpo feminino e da capacidade de superação que tem a mulher, guerreira e forte.

Motta, Crepaldi, (2005) afirmam que, nas relações familiares modernas, os papéis de mães e pais não estão bem definidos, sendo aceitável que uma mulher assuma uma jornada de trabalho extra-lar e que o homem assuma as responsabilidades domésticas incluindo os cuidados com os filhos. E, portanto, dentro desse novo paradigma social de paternidade e maternidade, por que não abrir espaço para a maior participação do homem no parto, embora não consigamos mudar a exclusividade feminina desse evento que acontece somente no corpo da mulher. Espírito Santo, Bonilha (2000) concordam com a afirmativa anterior e ressaltam que, nessa mudança de papéis, o homem desenvolve um envolvimento mais afetivo, busca a interação pai e filho, preocupa-se com as divisões de tarefas que envolvem o cuidado, a educação e a criação dos herdeiros.

Viver plenamente o nascimento de um filho, para o homem, pode representar desde imaginar que sente a “dor do parto”, ao sentir sua mão apertada pela mulher durante as contrações como também ao se emocionar e chorar ao ver a cabeça do bebê no primeiro momento, o que representa o reconhecimento da fragilidade masculina, de um sujeito que sente, pensa e reage diante de situações marcantes. Montgomery (2005) afirma que o mundo masculino é frágil em sua estrutura e, no entanto, foi imputado ao homem, desde o início de sua existência, um caráter de guerreiro, provedor inabalável, soberano. O nascimento de um filho é um momento em que sua fragilidade pode ser revelada sem culpa ou receio de ser alvo de críticas ou questionamentos sobre sua masculinidade. Seu lado feminino que, ao longo dos anos de vida, sempre foi reprimido e escondido, aflora. Ramires (1997) enfatiza que a paternidade estritamente biológica é passado. Hoje, o homem permite-

se sentir, cuidar, acolher o filho, papel outrora exclusivamente feminino, como também cumprir seus deveres morais e sociais.

Assim, o nascimento de um filho proporciona ao homem uma oportunidade para a mudança de condutas, conceitos e preconceitos acerca da vida e da relação com sua companheira. Ambos amadurecem:

[...] eu só pensava na X, no jeito que ela tava sofrendo, sofrendo não, no jeito que ela tava fazendo força, sentindo dor e o neném nada assim de colaborar, ela fazia força ele vinha, ai voltava, ele só vinha quando ela fazia força mesmo [...] eu fiquei assim de cara, ela tava cansada, ela é forte mesmo (risos) foi muito interessante! [...] E12

[...] minha mulher tem... tinha um problema de persistência, o fato de ela ter conseguido chegar no final feliz desse parto eu acho que melhorou inclusive isso assim, porque ela é uma pessoa diferente hoje, em função de ela ter conseguido aquilo que ela queria, dela ter sido persistente, ela precisava disso, é a transformação foi de nos dois, acho que mais dela do que eu, acredite que do que eu tenho percebido os sentimentos mudaram sabe, a segurança mudou, eu acho que quando uma pessoa consegue atingir aquilo que ela quis durante nove meses eu acho que muda alguma coisa assim. E13

Eu não achava que ela era tão forte quer dizer a gente até acha assim pelo que a gente convive com a pessoa ela tem muita coisa que é menos, assim mais boba e ai a pessoa ela não dá conta [...] nossa ganhar uma criança ali assim maior que é um sofrimento maior e ela conseguiu superar agora deu pra ver que ela é forte realmente é forte [...] ai é eu não sabia que ela era tão forte assim, não imagina não. E14

A mudança percebida no olhar do homem para a mulher após vivenciar o parto, marca o momento de superação após o medo, a dor e o sofrimento e novamente o reconhecimento da vitória feminina, *ela conseguiu superar*. “A experiência é uma perpétua encenação que nos introduz numa lógica que, de parte a parte, é relacional” (MAFFESOLI, 1996, p. 92). Nesse momento, a experiência relativiza os conceitos e pré-conceitos sobre a mulher.

Os homens se sentem surpreendidos diante da capacidade de suas companheiras em vencer o processo doloroso do nascimento, atribuindo-lhes qualidades como persistência, força, perseverança ignoradas por eles até então. O momento do nascimento novamente marca a superação de imagens culturalmente pré-concebidas da fragilidade feminina, o ser fraco e vulnerável, incapaz de tolerar

situações conflituosas e temerosas diante do desconhecido. Nesse momento, percebe-se o quanto *ela é forte*.

Segundo Macedo (2007), a capacidade das mulheres de superar a dor do parto está associada à força masculina de um guerreiro e as faz sentir superiores, mais fortes e resistentes que um homem. Vencer a dor do parto torna-se um ato heróico que dignifica e engrandece as mulheres.

Estar ao lado de sua companheira e vê-la vivenciar a dor, seu esforço e empenho para a superação desse momento com o nascimento desperta, no homem, um sentimento de valorização da mulher.

Aí fui vendo aquele sofrimento e falei: pô é difícil colocar um filho pra fora, (risos) enquanto a mãe da gente sofre muitas vezes a gente não dá valor (pausa, suspiro), mas foi isso, foi bom, gostei da experiência [...] E2

Eu diria que a mulher sofre muito, sofre muito pra ganhar, na hora dá mais valor a esposa isso é importante! Tem que dá mais valor a esposa, tem mulher que, que é tratada igual um... como nada, tem que dá valor e é isso aí dá mais valor a esposa (pausa.) E3

O fato de eu ter participado aquele momento ali eu passei a respeitar mais ela, sabe?! eu já respeitava muito mais eu passei a respeitar ainda mais, eu vi o esforço que ela fez assim pra que se tornasse uma coisa bem natural, bem tranquila [...] E13

O esforço da companheira é reconhecido com admiração, respeito e carinho que parecem aumentar após a participação do homem nesse momento, o que se reflete de maneira positiva na consolidação dos laços familiares que também são modificados com o nascimento de uma criança e com a superação da dor. Collaço (2002) destaca que o homem, ao ver a mulher sentindo dores e enfrentando todas as etapas do trabalho de parto, passa a vê-la como uma “campeã” e também fala da consolidação da relação afetiva do casal. Segundo a autora, essa valorização transforma a relação do casal, promove união e aproximação afetiva com o novo membro da família. Corroborando a assertiva anterior, Storti (2004) destaca que a valorização da mulher após o parto tem um grande significado na representação dos laços, sendo importante para a formação do vínculo e a estruturação da nova família.

Alguns homens, além de valorizarem as mulheres como vitoriosas, também reconhecem sua própria incapacidade de vivenciar a dor.

Nesse momento eu tenho duas certezas na vida, uma é que eu devo ter feito algo maravilhoso nas vidas passadas pra ser merecedor de tá aqui nesse momento e outra graças a Deus que eu nasci homem (risos) porque eu não aguentaria fazer o que ela fez não, não mesmo, eu sou fresco pra dor mesmo, então parabéns pra ela. E13

A impotência diante da dor e a percepção de sua incapacidade em vivê-la plenamente permitem, ao homem, assumir sua condição de fragilidade e exaltar a força da mulher em sua capacidade de superar, vencer. Agradecer a Deus por ter nascido homem é outra forma de reconhecer e valorizar a força da mulher frente ao nascimento como um aspecto importante na mudança nas concepções de gênero.

Esse momento de renovação, transformação e superação pode ser comparado a uma metamorfose de sentimentos, pensamentos e reações, como relatado a seguir:

(...) uma amiga minha contou uma história que marcou assim foi lembrada até no momento do nascimento eu acho que é o que deu força tanto pra mim quanto para ela, era a história de um observador de borboletas que ele observava as borboletas o esforço que as borboletas faziam pra sair do casulo, ele observava, observou três, quatro borboletas saindo do casulo naquele esforço e ele resolveu dar uma forcinha pra borboleta, e aí com um estiletezinho no momento que ela ia sair ele fazia um corte no casulo, ela saía e caía, não conseguia bater as asas e voar, ele fez isso umas três quatro vezes também e depois ele observou que a força que a borboleta fazia pra sair do casulo pra quebrar o casulo, era o que irrigava as asas e o que dava a força pra ela voar, então se a mulher não se propor a ter um parto desse eu acho que alguma coisa tá perdendo, alguma coisa tá deixando de vir. E13

Analogicamente, o esforço da mulher durante o parto é o mesmo desafio que enfrenta uma borboleta para vencer as dificuldades de sua saída do casulo e conseguir voar. A metamorfose, em seu conceito biológico, é um momento de transformação, de passagem do estado juvenil para o adulto, necessário para que a borboleta consiga sobreviver plenamente. É um momento único pelo qual é necessário passar para que consiga vencer e, quando tentamos ajudar facilitando esse processo, a borboleta sai do casulo imatura, incapaz de alçar vôos.

O parto revela-se como uma metamorfose, uma transição necessária para que a criança nasça (ou voe), resultante das modificações ocorridas no corpo da

mulher-mãe, da dor sentida que lhe confere maturidade e segurança mesmo se percebidas apenas nesse momento, fundamentais para que a gestação se complete e não se perca algo possível de acontecer apenas se é permitido que o casulo se rompa de forma natural, o que dá o poder de voo da borboleta.

Assim, observam-se os diferentes significados atribuídos à borboleta em diversas culturas, sempre como sinônimo de superação e liberdade. No Japão, a borboleta é o emblema da mulher graciosa e ligeira, a crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser e a borboleta que sai dele é um símbolo de ressurreição; na Grécia, a mitologia atribui-lhe o espírito imortal, a alma é uma figura de mulher com asas de borboleta; na Irlanda, é a figura da alma liberta de seu invólucro carnal; na Alemanha, ver uma borboleta é sinal de nascimento. (TRESIDDER, 2003) *“Ao mesmo tempo em que o jogo das imagens transporta a emoção coletiva e o prazer dos sentidos”* expressos culturalmente nos significados da borboleta, *“a metáfora, tomada em seu sentido etimológico, permite compreender o ‘transporte’ do sentido”* (MAFFESOLI, 1998, p.156). Esse “transporte” é manifesto na fala como o nascer de uma nova mulher, um rito de passagem proporcionado pelo nascimento de um filho e reconhecido pelo homem que está presente nessa metamorfose.



3.1.2 Sentimentos paternos acerca do nascimento

O nascimento de um filho é marcado por sentimentos tais como medo, angústia, fé, felicidade, euforia, amor. Viver o nascimento de um filho cristaliza, no inconsciente, a marca profunda de um instante que se torna inesquecível.

Sentimento de alegria, sentimento de preocupação, medo, de fé, de dúvida, passa tudo na cabeça na hora, ainda mais diante de tanta coisa, o início um pouco tumultuado, se pensa várias coisas no momento, várias coisas, assim será que vai chegar a nascer?! Porque chegou as quarenta e umas semanas, o que será que vai acontecer?! (emoção) E6

A vivência do nascimento permite ao homem experimentar sentimentos que são contraditórios e diretamente ligados aos diferentes instantes vivenciados, como no final da gestação e a incerteza de quando irá nascer, durante o trabalho de parto com a dor de sua companheira, no período expulsivo ou no primeiro contato com o filho.

Os sentimentos desencadeados pelo parto que, geralmente se iniciam de forma tumultuada, passam pela alegria, a preocupação, o medo, a fé e a incerteza, permeados também pelo não-dito, aquilo que fica subentendido nos discursos pois se *pensa várias coisas, passa tudo na cabeça na hora*, não sendo possível evitar . Como pontua Maffesoli:

“Essa comunhão de emoções ou sensações, difundida nos fatos mais cotidianos ou cristalizada nos grandes acontecimentos pontuais ou comemorativos (aniversários, revoluções, movimentos de massa, greves, agrupamentos, etc.) é, stricto sensu, o que funda a vida social ou que faz lembrar sua fundação” (MAFFESOLI, 1984, p. 44).

Assim, o parto como um “grande acontecimento” para uma família, é referido como um momento difícil para o homem, que se percebe num espaço nunca antes vivido mesmo sendo o primeiro, o segundo ou o terceiro filho, esse acontecimento acarreta sentimentos como ansiedade, estresse, medo e alegria. Os sentimentos proporcionados pelo bebê variam da surpresa, medo, excitação, amor, emoção e um senso de grande responsabilidade e revelam uma mudança de vida para o casal (CARVALHO, 2005; DEAVE, JOHNSON, INGRAM, 2008). Galastro (2005) pontua que a experiência do parto pode ser traumática para o homem mas também pode contribuir para consolidar laços afetivos, de respeito e

compartilhamento. Para Premberg, Lundgren, (2006), é um momento ao mesmo tempo importante e crítico pois é a transição para a paternidade.

Essa transição é algo desconhecido que pode causar:

Medo, primeiro de todos (referindo aos sentimentos) é o medo porque todo mundo tem medo do desconhecido [...] se você tem medo do escuro é porque o escuro te oculta algo, não é assim, então o medo do desconhecido, o medo de algo que é vivido ali naquele momento que ninguém viveu pra você, ninguém pode viver pra você. E4

O nascimento é um mergulho nesse desconhecido, em algo ainda oculto, que é desvelado no momento de vivenciar, não há como antever nada, a cada instante são novos desafios, novas descobertas. O *medo do desconhecido* é interpretado pela incerteza de não se saber o que vai acontecer e se tudo vai ocorrer bem até o final. Sentir medo frente a algo desconhecido e inesperado é uma reação diante de situações de que não se tem controle e portanto não se consegue prever uma atitude, uma reação.

Portanto, a analogia apresentada é uma forma que o sujeito encontra para explicar aquilo que ainda desconhece e por isso relaciona o medo sentido no parto com o medo causado pelo *escuro*. Esse medo é algo cultuado desde a infância, talvez porque, no escuro, nada se vê, não se sabe o que se pode encontrar. Imagina-se que, no escuro, se escondem criaturas que transmitem pânico. É no escuro que tudo de errado pode acontecer e, por isso, devemos evitá-lo. Porém, o enfrentamento da escuridão é a única forma, se não de acabar com o medo, pelo menos de minimizá-lo. O mesmo deve acontecer com o momento do parto onde os sentimentos frente ao desconhecido são inevitáveis. Esse momento é pessoal e intransferível, *ninguém pode viver pra você*.

Para Maldonado (1997), uma característica desse momento é a incapacidade de saber exatamente como vai acontecer, é imprevisível e desconhecido, sobre ele não se tem controle. É uma situação que gera ansiedade e insegurança e que se deve enfrentar de qualquer forma.

Storti (2004) pontua que a presença do pai no nascimento exige que encare o desconhecido que envolve pessoas e relações e esse fato cerca-o de preocupações, tensão e medo. No entanto, Espírito Santo, Bonilha (2000) expõem que o apoio e as informações sobre o trabalho de parto e os procedimentos desenvolvidos ajudam o homem a ficar mais tranquilo e a superar o medo. Deave,

Johnson e Ingram (2008) relatam a importância da ajuda dos profissionais de saúde, dos grupos de apoio e da troca de experiências positivas e negativas entre casais, durante toda a gestação, para amenizar as dificuldades enfrentadas na transição para a maternidade e a paternidade.

Maldonado (1997) afirma, ainda, que o acolhimento à mulher e a seu acompanhante, iniciado no momento da admissão na instituição, e estendendo-se durante sua permanência no ambiente hospitalar, minimiza os inconvenientes efeitos da ansiedade face ao desconhecido. Porém, segundo Premberg e Lundgren, (2006), particularmente os homens são deixados de lado nesse momento de transição para a paternidade, sem receber o apoio necessário para vivenciá-lo.

Assim, o desconhecimento transmite a incerteza do que pode ocorrer:

Um sentimento muito assim adrenalina, expectativa grande, graças a Deus deu tudo certo, mais com medo de dar alguma coisa assim errada (silêncio) [...] eu já vi muito assim caso de parto, igual no caso dela que ia ser normal, o umbigo enrolado no pescoço, aí teve que fazer cesárea de urgência, e como ela tava na água não dava pra eu ver direito, aí eu fiquei meio assim com esse trauma de dar alguma coisa errado. Bom igual no caso principal no que mais acontece é o umbigo enrolar no pescocinho do neném e sufocar, um dos medos meus foi esse. E8

Eu tinha muito medo, porque sempre na hora que tá pra ganhar, não sei se em todo mundo passa um medo de dar problema depois do parto, ou nela ou na criança, então essa parte do medo que tava mais tomando conta de mim, do que se fosse dar bem. Eu tinha mais medo da consequência depois do parto, problema de pressão [...] porque eu tava com muito medo de acontecer alguma coisa (silêncio). E9

Eu fiquei assustado com medo de acontecer alguma coisa mais grave com ela e no trabalho de parto com o bebê, no trabalho de parto ela tava mostrando bastante força e eu não precisei de preocupar muito, aí foi mais a criança mesmo na hora do parto eu fiquei mais preocupado. E14

O medo de acontecer algo errado com suas mulheres e seus filhos é recorrente, *dar alguma coisa assim errada, acontecer alguma coisa mais grave*, é justamente o medo frente ao imprevisível, que foge de qualquer controle. Esse sentimento gera ansiedade durante todo o trabalho de parto que, na maioria dos casos, só é superada após o nascimento da criança e a comprovação de que está tudo bem com os dois, mãe e filho.

Somam-se, a esse sentimento, as histórias contadas por parentes, amigos, vizinhos nas quais mães e bebês sofrem complicações no parto com desfechos desfavoráveis, o que gera mais ansiedade nos pais que ainda passarão por esse processo. Há o medo em relação ao *umbigo enrolado no pescoço* da criança e que pode sufocá-la e o medo de que a mãe precise de uma *cesárea de urgência*.

Nesse sentido, Carvalho (2005) afirma que o parto, enquanto evento biológico, social e cultural, traz significados que apontam para riscos potenciais para mãe e bebê, o que pode culminar na morte de um dos dois. Isso gera medo. Para Maffesoli (1984, p. 93) “*todos os rituais da vida cotidiana são profundamente marcados pela noção de limite, o que se pode chamar de gestão da morte*”, e, portanto, da imprevisibilidade, que pode nos fazer acreditar que o parto é um momento repleto de riscos e complicações potenciais para o binômio mãe e filho:

Eu tinha medo que acontecesse alguma coisa com as duas, aquela situação de nasce, não nasce, a bolsa não arrebenta e fica aquele negócio, chegou a hora, passou da hora. Os médicos falam uma previsão, faz uma previsão, passa daquela previsão, começa a sentir as dores e aí não está na hora ainda e aí você fica meio perdido dentro de tudo isso. Eu cheguei a ter medo de acontecer qualquer coisa, (pausa) eu pensei sozinho mais não comentei nada pra ninguém, minha esposa até chegou a pensar também em alguma coisa assim mais aí eu desconversei ela, não, calma, se não for normal vai ser cesárea, você não precisa ficar preocupada não, mais assim que dá pra ficar apreensivo dá, com certeza. (pensativo) E6

Eu não transmitia pra ela, mais eu tava com medo de acontecer alguma coisa no pós-parto, o meu sentimento maior foi isso, tava dominado tudo [...] porque eu tava com muito medo de acontecer alguma coisa [...] E9

Teve um momento que eu disse, “rapaiz”, eu pensei não vai dar certo, mais eu não falei para ela, eu digo vai dar certo, vai dar certo se vai conseguir, vai conseguir, até que conseguiu! Mas eu tive em alguns momentos medo, de que desse alguma coisa de errado, mais Enf1 e Enf2 deixaram a gente bem tranquila, os exames também o pré-natal foi tudo muito bonitinho, tudo muito legal e isso facilitou dá uma segurança, então eu tive muito pouco medo, mais se eu tivesse só, sozinho com ela assim, meu medo ia ser muito, muito, muito maior. E13

No entanto, o medo de dar algo errado e o fantasma da morte não são ditos, são silenciados, e Orlandi (1997, p. 34) diz que “*O silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só*

é possível vislumbrá-lo, de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas". O que não é dito é sentido e às vezes apreendido para que não se torne real, mas reafirma que *"Quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o pensamento, a introspecção, a contemplação"* (ORLANDI, 1997, p. 34).

Segundo Motta, Crepaldi, (2005), a ansiedade para que tudo termine bem com mãe e bebê é um componente da vivência emocional do parto para cada pai, de forma individual e depende da habilidade de cada um para lidar com as emoções e sentimentos.

É importante pontuar que, em alguns momentos, o medo de dar algo errado é superado pela vontade de apoiar a mulher não deixando transparecer esse sentimento durante o trabalho de parto. Mesmo sentindo medo de acontecer algo de errado esse sentimento é contido pela necessidade de tranquilizar a mulher, que vivencia o processo da dor e necessita de amparo. Isso só se torna real porque *"a vida de maneira confessada ou relativamente racionalizada, é trágica apenas porque existem momentos que possuem importância unicamente em si mesmo"* (MAFFESOLI, 1984, p. 94) sendo o parto um deles.

Então, a tentativa de dominar os sentimentos tem íntima relação com o papel atribuído ao pai de transmitir força, segurança e confiança para a mulher no momento do parto, não sendo isso possível se ele deixar transparecer o medo que está sentindo. Essa realidade também é encontrada no estudo de Carvalho (2005) e no estudo de Premberg e Lundgren (2006). Os autores pontuam que os homens tentam superar o medo em benefício das mulheres e pelo desejo de protegê-las e ajudá-las.

O apoio dos profissionais de saúde e a realização de um pré-natal adequado são pontos levantados pelo homem como fontes de segurança para superar o medo de eventos inesperados. Para Carvalho (2005), Montgomery (2005), a participação do homem no pré-natal, não apenas frequentando as consultas mas também se preparando com a mulher, é uma forma importante de adquirir segurança, trabalhando suas expectativas, medos e inseguranças. Hotelling, Amis e Green (2004) afirmam que um guia prático ou cursos preparatórios para homens durante a gestação auxiliam no enfrentamento das situações adversas que o parto pode gerar.

Por fim, o sentimento volta-se para o filho no medo expresso de que a criança possa nascer com alguma malformação.

Assim, eu tive dificuldades, porque minha esposa faz tratamento com remédios, que não pode tomar na gravidez, ela usa a carbamazepina, ela tem epilepsia, então eu fiquei assim meio preocupado da criança nascer com problema, fiquei um pouco estressado com medo, eu fiquei assim preocupado. E10

Ai rolou altas neuras, se o bebê ia ter alguma deficiência, alguma coisa, esse médico inclusive chegou para minha mãe um dia e falou lá no hospital que se esse bebê tivesse que nascer zaroio ele iria nascer não seria isso que iria impedir (risos) E11

Nos relatos acima, o medo de a criança nascer *com problema ou ter alguma deficiência* está associado ao uso de medicações pela companheira para controle de crise epilética ou às *neuras* que permeiam a gestação e que podem afetar o casal durante todo o ciclo gestacional. Mas, ao conversarmos com pais durante a assistência pré-natal ou nos grupos para casais grávidos, sempre encontramos esse medo independentemente das condições de saúde da gestante. Isso está social e culturalmente estabelecido e, mesmo ao darmos as orientações, não podemos assegurar que os imprevistos não acontecerão. Podemos, quem sabe, apresentar formas para se minimizarem eventuais ocorrências mas não podemos poupar as pessoas de sua vivência .

Assim é comum, nos pais, o medo de que os filhos nasçam com malformação, portadores de síndromes ou prematuros e até mesmo que as companheiras possam sofrer um aborto. Assim, os homens tendem a expressar seus sentimentos questionando o bem-estar do bebê durante o parto. Essa preocupação ainda é mais expressiva quando observamos, no passado obstétrico das companheiras, a presença de abortamentos, mortes fetais intra-útero, ou bebês com malformações. (MALDONADO, 1997; PICCININI, *et al*, 2004).

Não devemos esquecer o que reflete Maldonado (1997) sobre os aspectos socio-culturais de nosso cotidiano. Para o emocional da maioria dos indivíduos, ter um filho perfeito representa um presente, uma dádiva; ter um filho malformado representa um castigo, uma punição.

Diante desse receio apontado pelos pais, acreditamos ser fundamental o apoio dos profissionais de saúde que auxiliam a mulher e seu acompanhante, no

momento do parto, esclarecendo suas dúvidas e contribuindo para a redução dos medos construídos pelas *neurais* da gestação.

Em contrapartida, constatam-se, nesse momento, outros sentimentos com a concretização do nascimento:

Ah! Foi uma experiência única, mais emocionante, foi super emocionante (risos) é emocionante (risos) [...] cara, é um momento único (risos) a única palavra que tem é essa, único, não tem explicação, naquele momento da expectativa do que vai acontecer com você, não tem quem aguarde a única coisa que tenho pra falar é que é um momento único, inexplicável. E1

Mais viver aquilo foi emocionante foi muito, foi muito, foi único, um momento único, se eu tiver dez filhos aquele momento foi único, cada filho que tiver se for natural vai ser um momento (pausa) E4

Foi uma experiência muito boa assim eu não sei nem relatar assim diretamente com palavras mais assim o que eu posso dizer é que foi uma experiência única assim na minha vida, até o momento eu nunca tinha visto nada assim parecido [...] E13

Foi intensa foi uma experiência única nossa se vê é uma coisa inesquecível na verdade então, não tem nem como explicar é uma experiência muito boa as pessoas falam, se você nunca presenciou, não vai entender [...] E14

O nascer de um filho é qualificado pelos pais como um momento único na vida, singular e inesquecível, que deixa marcas emocionais nas pessoas e em suas relações na nova família. A emoção indizível é concretizada em expressões como *momento único, experiência única*. A vivência do parto pelos homens e os sentimentos por ele provocados são difíceis de ser traduzidos. No entanto, a força com que as frases são ditas e a repetição de algumas palavras mostram a intensidade da emoção e expressam a experiência marcada pela alegria e pela felicidade do nascimento de um novo pai.

Para Maffesoli (1984, p. 73), é nisso que consiste a poética da vida cotidiana “*se não houvesse uma carga mágica na vida de todo dia, o aspecto mortífero da automatização venceria a pulsão do querer viver*”, e os pais traduzem esses instantes efêmeros e eternos do nascimento do filho em que se pode viver plenamente a emoção, marca dos discursos abaixo:

Aí foi, nossa, eu senti uma emoção muito grande, não tem como explicar essa emoção assim não. Cê vê surgindo assim num espaço pequeno (risos) e o neném saindo não tem nem como explicar não! E1

É você vai ver é uma emoção muito grande cê acha que não vai ser, que você não vai chorar, que você vai ser tranquilo, mais é totalmente diferente do pensamento que a gente tem. Quem fala assim, ah! não vou chorar, pra mim isso é normal, o cara que fala isso é mentira chega ali na hora a emoção é muito boa é uma expectativa, é uma emoção boa que a gente sente, é uma emoção muito boa, que é prazerosa, entendeu? Eu falaria assim a pessoa fica muito feliz! (emoção) E2

Emocionante, emocionante, só sabe como é realmente na hora que você tá lá dentro a aflição que dá, mistura de um monte de sentimento junto naquele momento (pensativo) O que tá acontecendo se realmente vai dar certo, se não vai.., mistura um monte de coisas, é emocionante, emocionante (pausa), mais mistura todas emoções com certeza (pausa). E6

Nossa, foi maravilhoso, é uma coisa que não tem nem explicação, é uma coisa muito bonita mesmo. E8

Meus sentimentos mesmos vieram à tona no momento que ela nasceu, ai sim, emoção total, nossa, era só eu e ela assim chorando [...] mais emocionante, eu não tenho nem palavras com relação a descrever o meu sentimento na hora, eu falo que eu nunca passei por nada tão emocionante e intenso na minha vida, e olha que eu já passei por muitas coisas, nada, nada, chega próximo disso (choro) [...] E11

Sensação foi assim, eu não sei explicar não, mais foi uma coisa maravilhosa mesmo, é, eu acho que eu deveria passar por isso se eu como pai não passasse, eu ia perder muita coisa [...] mais é de sentimento mesmo que eu me lembre assim pra eu te descrever agora é esse mesmo de maravilhado com a oportunidade de tá participando do processo. E13

A comoção ao relatar o momento do parto é a marca principal dos discursos em análise e pode ser revelada pela voz emocionada, pelo choro, pela pausa entre uma palavra e outra, pelas expressões como: é a coisa mais linda do mundo, é muito bonito, é maravilhoso, não tem comparação, é prazeroso. É intenso o sentimento em todas as suas faces, na emoção de ver o filho saindo de sua companheira, na emoção de estar ali participando, na emoção de poder chorar de felicidade.

A vida cotidiana que com prudência, apontamos é como um território onde se enraízam as alegrias e amarguras que, em sua banalidade, escapam amplamente aos críticos de toda espécie que transferem sempre para uma sociedade perfeita as alegrias mais simples (MAFFESOLI, 1984, p.44).

Para Carvalho (2005), Espírito Santo, Bonilha (2000), Bruggemann, Osis, Parpinelli (2007) e Galastro (2005), o parto, ao ser classificado como algo bonito, lindo e emocionante revela a forma prazerosa de os pais vivenciarem o momento. A experiência da parturição é lembrada pelos pais como algo emocionante e gratificante, gerador de grande satisfação. Os homens expressam sua felicidade em compartilhar e participar de um momento tão especial da vida e sentem-se confiantes em poder ajudar as parturientes.

Para um dos entrevistados, a emoção de viver o nascimento é comparada a um acontecimento de grande significado para os homens, a final de uma copa do mundo de futebol.

Não tem explicação assim, é uma coisa que surpreende qualquer um, não sei, cara, a sensação assim você chegasse digamos numa final de copa do mundo do seu país e você participa ali aquela coisa assim aquela sensação cê chora, ri, fala assim, nossa um pedaço de mim que tem dentro e que tá saindo, nó! É emocionante, [...] como é meu primeiro filho, é uma..., nossa senhora, marcante demais, cheguei até arrepiar na hora que ela fez o parto do menino [...] E5

Ao comparar o parto com a final de uma copa do mundo de futebol, esse pai tenta compartilhar os sentimentos vividos em relação ao nascimento, já que o futebol, uma paixão nacional, desperta, nas pessoas, expectativas, ansiedades, alegrias, tristezas comuns e que se manifestam com o grito, o riso da vitória ou o choro da derrota. Assim, ele traduz, a partir de seu universo masculino, aquilo que conhece e partilha com outros, esse instante mágico de euforia que é efêmero, mas lembrado e valorizado por muitos, o da conquista de um título, para significar o que o nascimento do filho lhe proporcionou, superadas as tensões iniciais:

Senti alegria, alegria, é mil, sabe! Sensação de alívio, acabou tudo, passou tudo, você viu ali nasceu tá feliz, aquilo tudo já passou, já deu certo, eu não sei te explicar é eufórico, pô, (risos) você fica feliz, feliz, mais feliz mesmo, acho que não tem nada que se compare a tamanha felicidade, assim não tem. E6

Assim quando eu vi que não tinha nada errado, tava tudo legal, aí foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, melhor felicidade que eu tive, de ver um pedacinho meu ali nascendo e abraçando a mãe dela, aquela coisinha assim. Nó! Muito bom, (risos) nossa demais [...] E8

Depois que ele nasceu e saiu a menina do parto falou que tava tudo bem, tirou o peso da minha cabeça. Aí aliviei (suspiro) e curti, nossa, graças a Deus, deu tudo certinho, foi avaliando passou, passou deu tudo certo. E9

Foi um momento difícil de muita emoção, pra controlar tudo, até que o momento que chegou e que nasceu, aí eu senti mais aliviado, mais foi muito bom, muito diferente, uma coisa que eu nunca senti, ótimo. E10

Você só fica aliviado depois que vê que saiu beleza saiu beleza, normal, só naquela hora. Aí que você fica..., nossa, depois que sai a felicidade é de todos, eu fiquei feliz demais, a felicidade que você tem ali de ver sua criança tudo beleza. E14

É interessante pontuar que o início do trabalho de parto é marcado pela tensão, pelo medo do desconhecido. A emoção e o alívio sentidos pelos pais geralmente surgem após o nascimento com a comprovação de que tudo está bem, tudo deu certo para a mãe e a criança. Nesse instante, todo o receio, a aflição e a angústia iniciais, abrem espaço para o alívio, a felicidade e a emoção. *Acabou tudo, passou tudo, tava tudo legal, saiu beleza.*

Espírito Santo e Bonilha (2000), Premberg e Lundgren, (2006) destacam que toda a tensão acumulada antes do parto, a ansiedade e a preocupação de não se saber o que iria acontecer deixam o pai eufórico quando o filho nasce. A apreensão inicial vivida pelo homem é convertida em emoção com o nascimento, momento em que ele pode expressar seus sentimentos até então guardados.

Embriagados pelas emoções experimentadas, todos os pais elegeram para si um momento marcante durante a trajetória do nascimento de seus filhos. Esse instante que marcou a vida de cada um desses homens faz aflorar todos os significados atribuídos ao parto. Voltam a transparecer os sentimentos vivenciados.

Um dos momentos de profunda intensidade eleito pelos entrevistados é o da saída do bebê do corpo da mulher:

Ah! Foi a hora que ele tava saindo de dentro da barriga dela, na hora que surgiu a cabecinha e de repente o corpinho sai todo de uma vez, foi bastante emocionante (emoção). E1

Ah! Pra mim foi a hora que ele começou a nascer, foi um momento melhor, você ver a criança saindo [...] o momento mais marcante pra mim foi a hora que ele nasceu, na hora que a médica tava tirando ele esse foi o momento melhor. E2

O nascimento dela quanto ela saiu, nó! Isso foi maravilhoso isso me marcou muito, me marcou pro resto da vida, o nascimento dela quando ela saiu, isso foi muito bacana (pausa). E3

O momento mais marcante, ah, dentro de tudo que a gente passou, assim, eu vou me lembrar com certeza, foi na hora que ela nasceu, a hora do nascimento superou toda, todas as outras coisas que eu já tava passando ali [...] E6

O mais impressionante é a cabeça sair quando eu vi aquilo eu não quis olhar mais não, eu fiquei impressionado. Quando saiu, aí eu virei o rosto, mais mesmo assim a curiosidade era mais, eu dava uma olhada e parava, dava uma olhadinha e parava, ai, quando saiu todo, a médica falou pronto, acabou, ai eu levantei eu tava ajoelhado, levantei do chão olhei na cama, fiquei tipo uns minutinhos chorando. E9

Agora, o mais marcante mesmo foi na hora que ela foi saindo total saiu inteirinha, nossa! Foi a parte mais inesquecível mesmo foi quando eu vi ela saindo toda, é uma experiência uma sensação que não dá nem pra explicar muito gostoso depois eu vi ela já abraçada com a mãe dela é uma sensação que ah! [...] E14

A importância atribuída ao momento da saída do bebê revela a felicidade pelo término do processo do nascimento, pois é a concretização da vitória. Esse misto de alívio da dor materna e de superação da *dificuldade*, da angústia e do medo paternos é fruto da visualização da criança que concretiza o sonho de uma gestação compartilhada e bem sucedida.

Outro momento marcante destacado pelos pais é a oportunidade que lhes é oferecida, pelos profissionais de saúde, de cortar o cordão umbilical de seus filhos:

[...] ajudar a cortar o cordão como eu cortei, sentir aquela coisa durinha, que eu pensei que era molinha, fraca, mas que é duro parece uma cartilagem aí, se corta um, foram três navalhadas, até cortar com a tesoura, que cê corta, você pega, você sua esposa abraçando ele todo suado, chorando, uns chorões, igual eu choro também. E4

Hum... foi eu cortando o cordão umbilical (risos) foi o mais tranquilo, mais, assim, sei lá, é uma coisa simples você olha lá a pessoa já separa, e você só corta. Mais na hora de cortar aquele receio, se eu fizer alguma coisa de errado e cortar outra coisa. Oh! Cuidado que o dedinho dele tá mais embaixo, falei cortar o dedo do menino aí não dá

né! (risos) Mais essa pra mim foi o mais marcante (risos) sinceramente eu pensei que fosse bem mais fácil cortar, parece uma borracha, tipo silicone, bem, eu apertando o negócio, e nada do negócio cortar eu falei o negócio é resistente [...] porque é tudo ligado a placenta, porque na hora que já tirou o menino, ela até utilizou o próprio cordão umbilical pra tá puxando a bolsa, o que sobrou dentro da bolsa pra fora. E7

Ele (o profissional) foi e trouxe a tesoura aí eu fui e cortei o umbiguinho dela, aí que ela foi e chorou, nó, pra cortar o cordão eu tava meio nervoso, com medo de machucar. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, mais fiquei com medo, eu nunca tinha feito isso, aí é duro, é estranho (risos) é tipo uma linguicinha assim só que mais dura (risos). Achei muito estranho, tava com medo de machucar o neném. Pô o neném acabou de nascer e eu vou machucar o neném, mais eu cortei. E8

O momento que eu cortei, o momento que eu ajudei a cortar o cordão do neném, então eu achei novo, foi nova, eles ter deixado. Nó, eu nem sei mexer com isso (risos)! Mais eles têm paciência, não é nada demais, aí deu tudo certo eu cortei, foi bom demais, (risos) tremi, eu queria segurar na mão dela tava nervoso mais consegui cortar (risos) foi ótimo! Eu achei que o negócio era cego, era cego, mais vi que era jeito mais consegui, foi legal. E10

[...] aí ele deixou eu cortar o cordão também, uma experiência ótima também, eu falei vou tirar essa dúvida, vou ver como. Interessante que não é nada, você corta normal, como se tivesse cortando um papel alguma coisa, porque o pessoal comenta, nossa, não tenho coragem de cortar o cordão, fica com medo de machucar o bebê isso e aquilo, aí eu falei vou ver se eu tiver errado o Profissional Y vai falar que estou errado, eu cortei e pronto, tudo certinho foi tranquilo, separou ele da mãe. E12

Para o pai, o corte do cordão umbilical é geralmente cercado de medo e apreensão por não saber como e onde cortar, medo de *machucar o bebê de cortar outra coisa*. No entanto, superada a tensão inicial, o momento tem a aura de um rito de passagem pois, após cortar o cordão, todas as dificuldades do trabalho de parto ficam para trás. O corte do cordão marca o término dessa caminhada e os sentimentos proporcionados por esse momento são revelados com emoção: *foi bom demais!*

O cordão umbilical é a ligação do binômio mãe e filho. É por meio dele que o filho recebe o que necessita para se desenvolver. É reconhecido culturalmente como símbolo da fonte de vida e, por isso, ao cortá-lo, o pai se torna o responsável pela separação do corpo do filho do corpo da mãe.

É um momento que simboliza também o “início” de uma responsabilidade compartilhada sobre o filho que, antes, na gestação, cabia principalmente à mãe.

Agora, homem e mulher se tornam companheiros no desenvolvimento e na afetuosa proteção da criança nascida. Simboliza também a passagem do velho para o novo homem que passa a sentir-se como pai e a atribuir-se as responsabilidades que esse papel define.

Espírito Santo, Bonilha (2000) destacam que o profissional de saúde, ao permitir que o corte do cordão seja realizado pelo pai, favorece sua participação efetiva no nascimento. Mesmo que seja um ato simples para o profissional que assiste o parto, para o pai é um momento único e também de superação, o que deve ser entendido pela equipe. Percebemos, em nosso cotidiano, como os acompanhantes enfatizam esse momento. Muitos deles, ao telefonarem a seus familiares e amigos para noticiar o nascimento, enfatizam que cortaram o cordão, o que simboliza um ato de força e de coragem merecedor de reconhecimento.

Assim, as repercussões desse ato se refletem também nos profissionais que, segundo Pinto (2001), ao compartilharem o corte do cordão, deixam de ver esse acontecimento como parte da rotina do parto e passam a compreender seu significado de acontecimento histórico na vida da família.

Outro acontecimento importante pontuado é a saída de casa para a Maternidade que é comparado a uma prova de vestibular, de um concurso.

A saída de casa é um momento assim, é hoje! Você sai de casa mesmo com tudo que eu procurei saber, foi o momento assim que, é agora que eu vou colocar em prática aquilo tudo que eu aprendi como se fosse uma prova de pré-vestibular, um curso, um concurso público, é agora [...] a gente sai de casa sem saber realmente o que vai acontecer mesmo lendo tudo. E4

A analogia revela a singularidade e o significado atribuído a esse momento como uma prova de vestibular. As pessoas se preparam durante meses a fio, leem livros, assistem a aulas e a programas, estudam, capacitam-se para viver aquele dia. Porém, na hora em que devem colocar tudo em prática, sentem medo, ansiedade e aflição. Por mais preparada que a pessoa esteja para aquele instante, não sabe o que vai acontecer, quais surpresas lhe foram reservadas, o que a espera pela frente.

Podemos inferir que, ao sair de casa para a Maternidade sem saber o que pode acontecer, o resultado final sempre é imprevisível, mesmo que toda a preparação seja para que se alcance um final vitorioso. Mas ainda há a prova a ser

feita e só se terá a confirmação do resultado final após a saída da lista de aprovados, ou seja, após o nascimento do bebê.

São transições da vida cotidiana. Assim como passar no vestibular é um marco de novos compromissos, ter um filho é um momento de mudança para uma condição outrora nunca vivida, é um marco de novas responsabilidades.

O nascimento traz consigo a concretização do ser pai de todas as responsabilidades que um filho acarreta.

*A gente pensa muita coisa boa que assim é uma responsabilidade a mais na vida, é uma experiência muito boa, [...] Cê vê muito filhos assim que não dão valor para os pais, pais que não dão valor pra filho, a gente vê e vem isso tudo na cabeça na hora [...]*E2

Hoje eu tenho uma família graças a Deus, que tudo que eu queria ter é uma família assim, minha família, [...] e veio meu filho, as coisas mudam muito, eu já tinha muita responsabilidade, aí cê fica muito mais responsável ainda. A gente tem que cuidar da mãe, tem que cuidar do filho, tem a casa, tem que saber levar tudo isso, porque agora você é pai [...] o pai tem que estar presente nas horas boas do filho nas horas ruins, saber como é que o filho está na escola, se o filho está bem de saúde, não está passando mal, em tudo a gente tem que está pertinho pra saber, eu fico muito satisfeito, e feliz mesmo de agora ter a minha família, agora só falta o casório (risos) E12

Literalmente a ficha caiu realmente quando nasceu, e hoje nossa eu sou... Nossa, ela é linda, linda. E11

A gente passa a compreender até as nossas origens, sabe! De onde a gente veio, como é a vida, como é que as coisas fluem. A gente sabe como nasce, mais quando a gente vê é diferente! Eu só fui cair na real quando eu vi aquele neném saindo de dentro d'água assim, foi que eu comecei a entender que eu tava fazendo parte até então eu era uma pessoa qualquer que estava dentro d'água segurando minha mulher, depois veio o pai, um mestre, um educador assim, em segundos eu vi a minha vida mudar trezentos e sessentas graus (emoção) [...] foi muito interessante esse processo, se eu tivesse já visto depois de nascido, limpinho, já vestido eu não teria, notado essa transição. Essa situação que eu passei, isso marcou o fato de eu respeitar mais ela e o fato de eu poder sentir essa transição de como eu me senti no momento. Antes eu era uma pessoa normal, marido e depois que a criança nasceu eu me senti outra..., mesmo no nascimento eu pude presenciar essa sensação, enxergar essa mudança, sabe?! Que é diferente de uma pessoa que não participa efetivamente assim do parto que não vê a cena e que não ajude. E13

Ao presenciar o nascimento do filho e ao tê-lo em seus braços, o homem se concretiza como pai e sente a responsabilidade que tem pela frente, mesmo

embriagado pela emoção do momento, sendo um misto de felicidade, amor e conscientização da responsabilidade gerada.

O nascimento traz mudanças na vida do homem que revela sentimentos, expectativas, responsabilidades de pai para com a criança nascida. Há uma renovação, uma reorganização de papéis que transforma a vida do casal e que o marca, como um rito de passagem para uma condição adulta cercada pelas responsabilidades familiares e sociais. Há também o medo, ainda que velado, frente a esses novos papéis.

O nascimento é o marco fundamental para a concretização do ser pai. O homem se descobre frente a uma realidade da qual não tinha consciência, que não sentia, que não vivia até ter a concretude do filho. Nesse momento, o homem reprodutor, o *marido*, a *pessoa normal*, transforma-se no ser pai, *um mestre, um educador*. Percebe-se responsável pelo filho e reflete sobre *as origens*, sobre a *vida*. Esse tempo/espço marcado por emoções, afetos e símbolos, permite a identificação paterna: *“Eu coexisto num conjunto onde tudo adere fortemente; eu coexisto, é claro, com os outros que me constituem pelo que sou, mas coexisto”* (MAFFESOLI, 1996, p. 279).

O parto é visto como o nascimento de uma nova família, a sua família, com responsabilidades que serão para toda a vida e que envolvem o bem-estar, a saúde, a educação. Um dos entrevistados enfatiza que *agora só falta o casório*.

Dessa forma, um filho, para um pai, pode se constituir em um enigma, em outras palavras,

“(...) representa a esperança de auto-realização para os pais e, ao mesmo tempo, ameaça de expor as dificuldades ou deficiências dos pais; implica, portanto, uma promessa de aumentar a auto-estima dos pais e, ao mesmo tempo, de denunciá-los como maus pais” (MALDONADO, 1997, p. 99).

Tarnoswski, Próspero, Elsen (2005), Deave, Johnson, Ingram (2008) afirmam que a transição para a paternidade, concretizada com o nascimento, realça tensões individuais e as relações sociais e afetivas. É um momento de transição na vida de um pai que requer ajustes individuais e coletivos que perduram por muitos anos. E contemplando a idéia anterior, Motta e Crepaldi (2005) pontuam que o futuro

pai passa por um processo de adaptação e ajustes emocionais para a vivência da paternidade e essa mudança acarretará em crescimento emocional e afetivo. Pois,

Desejar um filho pode ser diferente de se projetar como pai, enquanto o desejo de ter um filho é ainda um plano de fantasia, imaginar-se pai, receber a notícia que isto é real, remete-o à frente de responsabilidades que deverão ser assumidas, o que pode causar-lhe inseguranças e despreparo. Outros homens podem sentir-se incompreendidos e desamparados em suas angústias, uma vez que todos se voltam para a gestante, e saem em busca de amigos, afastando-se do ambiente doméstico e sofrendo sozinhos (KITAHARA, ROSSI, GRAZZIOTIN, 2009, p.5).

Essas adaptações emocionais e afetivas refletem-se na imagem social que se constroem, ao longo das décadas, sobre o ser pai, marcada pelo paradigma do macho provedor, o sustentador da família e, para alguns homens, a crise do nascimento é gerada pelas obrigações sociais com a nova família (PREMBERG, LUNDGREN, 2006). Por isso,

O papel do macho humano como provedor e protetor é um retorno ao remoto instinto de sobrevivência que se prolonga além do ciclo grávido e do aleitamento. Espera-se que continue nesse papel até que seus filhos sejam capazes de garantir a vida (MONTGOMERY, 2005, p. 99).

Segundo o mesmo autor, o homem, ao longo dos anos, foi afastado de seus sentimentos, medos, anseios e de sua natureza humana emocional. “A cultura consumista fixou o papel do pai: papai-sabe-tudo, papai-super-homem, papai-noel e pai-robô, que trabalha duro horas por dia” (MONTGOMERY, 2005, p. 31). Para sustentar o fardo desse papel, o pai do século XX, adoeceu, deprimiu-se, separou-se e afastou-se da vida afetiva de suas famílias.

No entanto, a compreensão atual sobre a paternidade e os papéis sociais atribuídos a mães e pais têm sofrido mudanças profundas. Juntos, o homem e a mulher compartilham as funções de provedores e cuidadores. Nas relações familiares, os papéis não são bem definidos, a mãe assumiu o campo do trabalho formal, possuindo uma jornada dupla e o pai assume também as responsabilidades dos cuidados com os filhos (RAMIRES, 1997, MOTTA, CREPALDI, 2005, PICCININI, et al, 2004, MONTGOMERY, 2005, GALASTRO, 2005).

Segundo Ramires (1997), os estudos atuais sobre os homens e seu papel paterno apontam para novas possibilidades de exercício que vão além do puro simbolismo do ser provedor, macho dominador. O novo pai revela-se como um ser capaz de exercer o papel denominado “maternante” no cuidado aos bebês. Esse novo pai, para Espírito Santo, Bonilha (2000), Storti (2004), dispõe-se a viver a emoção de ser pai, tem uma aproximação mais afetiva com o filho, participa ativamente dos cuidados desde a concepção até o pós-parto. O homem quer estar mais presente, participar ativamente de todas as etapas, parir junto com a mulher, exercer sua paternidade (MONTGOMERY, 2005; PREMBERG, LUNDGREN, 2006).

No entanto, é importante pontuar que, para alguns homens, o sentimento de ser pai se desperta com o nascimento do filho, já que a gestação processa-se toda no corpo feminino, sendo difícil, nesse período, a vivência plena da paternidade.

Não tem como descrever, é uma loucura, sair ali o seu filho. Por um momento quando tá na barriga da mãe você é pai mais é pai (pausa). Ah! Eu soube que meu filho vai nascer aí você se torna pai, meu filho nasceu naquele momento o gozo de saber que é o seu pedacinho ali, sua sementinha que foi plantada, brotou, brotou, então foi maravilhoso! E4

Eu sou pai, com certeza, assim quando a mulher está grávida já fala, nossa mudou muita coisa, a forma de pensar. Mas muda realmente é quando nasce, principalmente pro pai, porque o pai não vivencia em si aquilo no corpo, que nem a mãe, ele participa, por mais que a gente esteja presente, realmente a gente não tem a noção, pelo menos eu não tive a noção do que quando nasce! Quando nasce é realmente outra noção, é indescritível assim, é muito bom, e cada dia que passa, o vínculo assim aumenta. E11

É difícil explicar, é aí que cai a ficha que você é realmente pai, cai realmente a ficha. Até então, quando tá na barriga, o pessoal falando cê já é pai, ser pai pra mim já era normal é normal. Mais depois que cê vê mesmo, realmente o bebê, cai a ficha mesmo, cai na real que cê é pai que você tem um filho pra criar é bom demais. E14

Os entrevistados destacam que, durante a gravidez, o sentimento de ser pai é algo diluído mediado pelo corpo feminino, que *vivencia em si a gravidez*, o sentimento de paternidade parece distante, irreal. Percebemos, nas analogias (copa do mundo, prova de vestibular), que os homens buscam, no cotidiano, algo real e palpável para poder explicar aquilo que vivencia e os sentimentos que experimenta. Com o nascimento, vendo seu filho que fora idealizado, agora corporificado e real, o

sentimento de pai também se torna mais concreto se desabrocha e deixa de ser intermediado pela mulher, a *ficha cai*. É um duplo nascimento.

Piccinini, *et al*, (2004) coadunam com a idéia, pois a gestação ocorre no corpo feminino e somente a mulher é capaz de sentir as mudanças e modificações ocorridas em seu interior. A trajetória masculina rumo à paternidade difere da feminina rumo à maternidade e deve ser compreendida de forma peculiar. O homem é um espectador da gravidez que se desenvolve e as manifestações percebidas e às vezes sentidas são intermediadas pelo corpo feminino.

A gravidez, o parto, a amamentação, a relação mãe-filho/filha são fenômenos privilegiados na ideologia e no discurso cultural, momentos importantes mas essencialmente femininos, sendo que ao pai resta um papel insignificante durante esse processo (RAMIRES, 1997, p. 75).

Sendo assim, por não sentir as modificações em seu corpo, para o homem, a construção de um vínculo concreto e sólido com filho dá-se de maneira lenta, consolida-se geralmente com o nascimento e o desenvolvimento da criança (MALDONADO, DICKSTEIN, NAHOUM, 1996).

A concretização das mudanças promovidas pelo nascimento de uma criança pode se dar de maneira diferente nos homens. Para alguns, isso ocorre imediatamente após o nascimento como vimos anteriormente; para outros, esse processo não é imediato, porém as alterações na vida começam desde a concepção do novo ser:

Um filho entra na vida da gente, entra sem ser convidado, sem ser chamado, sem pedir licença, invade e fica, é uma coisa assim é um sentimento muito estranho [...] o meu filho é tudo! Pra te ser sincero até agora não caiu a ficha, eu sou pai! Eu vi o meu filho nascer eu pego ele no colo fico olhando assim (gesticula como se tivesse carregando um bebê) [...] ainda não centralizei assim pô... agora eu sou pai a verdade é essa! E4

É interessante observar que, apesar de não ter caído ficha de ser pai, quando o entrevistado considera que um filho entra na vida de um casal sem ser convidado e relata ter por ele um sentimento *estranho, o meu filho é tudo*, percebemos a sua responsabilidade sobre aquele ser e os laços afetivos que os unem. É evidente que a crise vivida por esse pai é fruto dos conflitos afetivos e emocionais que o nascimento acarreta, sendo necessário um tempo para que tudo

seja processado. Montgomery (2005) pontua que, quando acontece um parto, há quatro nascimentos: o de uma criança, o de uma mãe, o de um pai, o de uma família. É importante não negligenciarmos esses novos papéis psicossociais.

Viver a experiência do nascimento do filho e estar ao lado de sua companheira são oportunidades importantes para que o homem reflita acerca de sua vida, seus valores, suas expectativas. Essas reflexões levam-no a repensar suas atitudes, seus comportamentos frente às situações do cotidiano que envolvem suas relações familiares e sociais.

Nó, mais é uma coisa, quando eu fui buscar meu carro lá no Hospital X, tava até pensando porque, eu gosto de pisar um pouco, quando eu vim pra cá eu já diminuí. Eu vou devagarzinho porque se já tem um novo consentimento de vida, nossa, você passa a ver as coisas com outros olhos, cê passa a valorizar as coisas que antigamente falava assim isso é coisa pra velho, entendeu! Você começa a enxergar o mundo de uma outra maneira! Eu tenho que tá lá pra dá um consentimento, dá uma educação, pra ele estudar, passa a pensar de uma outra maneira, passa a pensar igual a seu pai e sua mãe. Verdade! Você entra no papel de pai e mãe mesmo, você viu que seu pai e sua mãe preocupava muito com você e você tem a sensação porque, quando você tem esse parto, sabe? E esse parto aí na sua vida. E5

Nossa, demais, acho que na hora a gente até muda assim, já é outro pensamento, muito louco é uma coisa mágica (pausa) E8

Ai eu fiquei vendo aquela cena ali, ai por uns dois segundos passou tudo na minha cabeça, sabe, o tempo, a rotina da vida da gente, nossa! Uah! Como fala o mundo animal, o ser humano, o nascimento, esse negócio assim eu nunca tinha visto, e quando eu vi assim na frente, saindo, na hora eu fiquei parado, em dois segundos passou tudo na minha cabeça [...] Aí nó! Bateu aquela coisa, sentido da vida, esse negócio todo entendeu? [...] Foi muito bom, muito bom mesmo, pra mim mesmo, os minutos que eu vivi, mudei, mudei muito no meu modo de ser, depois de ontem, pra hoje, eu tava pensando mesmo eu era muito mais..., eu sou ainda muito imaturo mesmo com as coisas, então eu parei pra pensar muita coisa, corrigir [...] Então eu mudei, transformei, mudei muito a cabeça. E9

Os entrevistados afirmam que, em um curto espaço de tempo, repensam seus valores, o *sentido da vida*, suas atitudes. *Passam a pensar como seus pais e suas mães. Mudam* seus sentimentos, suas relações familiares e sociais *Mudam o modo de ser, de ontem para hoje.* O parto é uma *coisa mágica* que irá modelar e remodelar a figura masculina. Há uma mudança de comportamento, *um novo consentimento de vida.* A responsabilidade, assumida após o nascimento, obriga o

pai a dirigir devagar com mais cuidado, reflexo da nova forma de viver e de pensar a vida, pois hoje há uma família pela qual é responsável, não cabendo mais atitudes impensadas ou irresponsáveis. As atitudes antes atribuídas às pessoas mais velhas, como a responsabilidade para com o outro, hoje já fazem sentido para ele. Deixa de ser imaturo e, em *minutos*, transforma-se em outro, para revelar-se ao filho como alguém responsável e capaz de assegurar o atendimento de suas necessidades.

“A experiência que reativa as emoções, as afetividades; em suma, toda essa dimensão estética que constitui o fato de experimentar em comum, ela lembra, em particular, que a memória repousa, para o melhor e para o pior, sobre a vida dos sentidos” (MAFFESOLI, 1996, p.121).

Pinto *et al* (2003), em suas considerações sobre o estudo acerca do acompanhante no parto, ressaltam um amadurecimento pessoal e reflexões acerca do valor da vida, da relação conjugal. Afinal, *“a paternidade é uma fase importante no desenvolvimento emocional masculino, e ter um filho representa passar a olhar a vida por um prisma diferente com novas tarefas, responsabilidades e sentimentos”* (MALDONADO, DICKSTEN, NAHOUM, 1996, p. 149).

Concretiza-se a metamorfose da vida masculina, que em um giro de trezentos e sessenta graus na vida de uma hora para outra, nasce como pai frente ao nascimento de um filho.



3.2 O apoio paterno durante o nascimento

Acompanhar a mulher durante o parto é também marcar presença e valorizar um espaço importante no processo de nascimento do filho:

Eu fiquei o tempo todo com ela da hora das contrações até o último momento até o momento da criança tá saindo [...] E1

Graças a Deus eu acompanhei tudo, eu ficava brincando e conversando com a barriga dela, com a neném lá dentro da barriga dela eu falava assim, filhinha você deixa pra nascer uma hora que o pai tiver aqui em casa, vai dar menos problema, vai ser tudo mais fácil, e eu acredito, (risos) parece que ela escutou (risos) e deu certo, deu certo. E6

Eu estive presente com ela o tempo todo, mesmo assim às vezes sem saber o que eu poderia fazer pra tá ajudando ela, mais só ficar do lado dela eu acho que também ajudou bastante. E7

Estar com a mulher desde o início das *contrações* até a saída do bebê, além de ser um importante apoio, reflete a satisfação do homem em compartilhar essa vivência. O agradecimento a Deus revela a preocupação inicial de como seria a ida de sua companheira para a maternidade sem a sua presença e uma forma de mostrar envolvimento com a filha ainda no período de gestação, já que acredita que ela o escutou. Podemos inferir que, para ele, como homem protetor, sua presença, desde a primeira contração, abrandaria as dificuldades, facilitaria o nascimento da filha, o que afirma até com certa euforia, pois *deu certo*.

O homem deseja estar em todas as etapas do processo parturitivo para tornar-se pai ao mesmo tempo em que a mulher se torna mãe. E não é só isso, estar ao lado de sua companheira e apoiá-la faz com ele se sinta participante desse processo particularmente feminino (ESPIRITO SANTO, BONILHA, 2000).

Os acompanhantes são estruturas-chave para proporcionar o suporte emocional de que a parturiente necessita durante o trabalho de parto, revelando-se como uma ferramenta importante para sua boa evolução de forma tranquila e saudável. Os pais sentem-se satisfeitos em vivenciar o nascimento de seus filhos e também por proporcionar a suas companheiras o apoio necessário. Nesse momento, sua presença é importante para o desenvolvimento da paternidade e para reforçar o vínculo familiar no casal. (ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000; CARVALHO, 2003; STORTI, 2004, NAKANO, *et al*, 2007, BRUGGEMANN, OSIS, PARPINELLI, 2007).

As atividades de apoio intra-parto proporcionadas pelo acompanhante podem ser classificadas em quatro categorias:

“(...) suporte emocional, que consiste em encorajar, tranquilizar e estar presente continuamente; medidas de conforto físico, como massagens e métodos não farmacológicos para alívio da dor, suporte de informação através de orientações, instruções e conselhos; e defesa que consiste em interpretar os desejos do casal frente aos profissionais do hospital e agir em favor do mesmo” (HODNETT, OSBORN apud STORTI, 2004, p.57).

Motta e Crepaldi, (2005) revelam três posturas do homem durante o parto: a presença passiva, aquele que não se envolve ativamente no parto, é apenas uma presença física nesse momento; a presença familiar que descreve o acompanhante que tem disponibilidade para ajudar, porém necessita de orientação, apoio e encorajamento por parte da equipe assistencial e o acompanhante ativo caracterizado por sua habilidade em acompanhar continuamente, com segurança e conforto a parturiente de maneira autônoma e espontânea.

A segurança e o conforto podem ser traduzidos no que transmitem à mulher:

Eu tava ficando calmo e procurando passar tranquilidade para ela porque a mulher fica nervosa neste momento porque sente muita dor e eu tava procurando passar tranquilidade para ela. E1

Passei tranquilidade pra minha esposa também (pausa) não tive medo nenhum, fiquei muito tranqüilo, a primeira vez que eu vi, não tive medo nenhum, hora nenhuma, fiquei tranquilo (pausa) minha esposa ficou tranqüila também, passei tranqüilidade pra ela também fiquei do lado dela. E3

Estar do lado, apoiando, mesmo que só ficando do lado passa segurança, se não precisa tá do lado fazendo qualquer tipo de procedimento, mais você estando ali junto se já passa segurança e uma que acho que foi o diferencial pra gente ter essa boa realização e essa premiação do... (nome do filho). E5

Eu diria pra eles ter mais calma, paciência, e mostrar segurança pra pessoa que está no trabalho de parto, você passando mais segurança pra ela, ela fica mais tranqüila, e ela ficando mais tranqüila você também fica mais tranqüilo. E8

O apoio é expresso em atitudes como manter a tranquilidade, não ficar nervoso, passar força, procurar incentivar. A postura do homem revela-se pelos sentimentos, olhares, gestos, que auxiliam a mulher a enfrentar, com calma e segurança, as dificuldades que se apresentam. Mesmo sem fazer *qualquer tipo de procedimento*, o fato de colocar-se ao lado da mulher e de lhe transmitir *paciência, segurança, tranquilidade e calma*, por si só é o *diferencial* necessário para uma *boa realização* e conseqüentemente, a *premiação* tão esperada.

Maldonado (1997), Premberg e Lundgren, (2006) explicitam que a participação do companheiro durante o nascimento transmite, à parturiente, a segurança familiar necessária para tranquilizá-la o que lhe proporciona bem-estar físico, psíquico e favorece o vínculo familiar, transformando um momento de tanta apreensão e medo em emoção e êxito para o casal.

O auxílio dos companheiros significou, para as mulheres, muito além do conforto físico, uma fonte única e valiosa de apoio emocional.

O meu apoio foi quando ela tava precisando de força para persistir porque como eu te falei ela tinha uma certa dificuldade de persistir em alguns objetivos de vida dela e eu sou uma pessoa assim, eu tenho essa característica assim de levantar ela sabe? Na medida do possível assim, sempre tento estimular pra que ela consiga seus objetivos, e eu tava ali perto dando força o tempo todo dizendo que ela iria conseguir, que ela ia conseguir [...]E13

Na concepção do companheiro, sua presença ao lado da parturiente, *dando força* e reafirmando que *ela iria conseguir*, foi fundamental para que a mulher superasse os momentos difíceis do parto, da mesma forma que ele faz em outras situações de vida do casal. Marca, assim, a importância dele para a vida dela, pois ele a *levanta* e, nesse momento, não seria diferente. Aliás, a *“mulher procura alguém de sua confiança para compartilhar esta experiência; o pai por sua vez sente-se importante por inspirar confiança a ela”* (STORTI, 2004, p. 72).

O apoio dado revela sentimentos positivos para a mulher que se sente mais segura, confiante e capaz de vencer as dificuldades encontradas para o êxito do nascimento (BRUGGEMANN, OSIS, PARPINELLI, 2007). Carvalho (2003) destaca que a motivação principal do pai é o desejo de proteger sua companheira e apoiá-la nesse momento, transmitindo-lhe a força e a segurança necessárias para promover sua auto-confiança.

É importante pontuar que, para ocorrer uma relação de segurança, o acompanhante precisa ser visto como alguém que vive um momento especial na vida e precisa ser acolhido, incluído no contexto assistencial, informado sobre os procedimentos que irão ocorrer. Isso produzirá um sentimento de confiança e reconhecimento de seu papel que refletirá positivamente no desempenho de suas atividades em prol do conforto físico e emocional de sua mulher (BRUGGEMANN, OSIS, PARPINELLI, 2007).

Apesar do medo e do receio inicial que o desconhecido traz para os homens, é importante, para eles, a vivência do parto ao lado de suas companheiras.

O pai tem o dever de ta lá dentro ah mais eu não consigo, mesmo que desmaie mais pelo menos tente estar lá com ela, porque a mulher é o sexo frágil, pode ser a brava, pode ser a que manda, mais é o sexo frágil [...] e o homem ele tem o dever de estar junto com a mulher [...] porque se ele perde a oportunidade de ajudar o filho dele a vir ao mundo.E4

Ah, tudo bem há pais que não vão aguentar, que não quer ver e tal, mais se puder, se aguentar, se tiver o mínimo de condição pra isso que faça, porque é, não vai ter outra sensação maior que essa acho, é como eu falei pra você é indescritível assim, aquilo é a maior e melhor sensação do mundo. E11

Nesse sentido, reforçam que, mesmo que o pai sinta medo, considere-se fraco, incapaz, é necessário reunir forças para estar junto à esposa e ajudá-la, mesmo que a condição para fazê-lo seja mínima. Maffesoli citando um trecho do evangelho de São Tomaz pontua *“Ninguém pode receber se, por sua vez e por sua parte, não for capaz de dar, isto é, se não possuir nada de próprio, se não dispuser pessoalmente de nada”* (MAFFESOLI, 1984, p. 38).

Na percepção masculina, culturalmente construída, a mulher - o sexo frágil - necessita ser amparada e essa fragilidade só pode ser suprida pelo apoio e conforto que a presença do homem traz, sinônimo de força, proteção e segurança e por isso “deve” estar ao lado dela, “mesmo que não consiga e desmaie”, ele precisa usar sua fortaleza. Pois não estar lá significa assumir uma fragilidade que não é aceitável, é perder, quem sabe, a possibilidade de *ajudar o filho a vir ao mundo*.

Assim, mesmo em sua fragilidade escamoteada, ele se faz presente e participa ativamente:

Eu passei a mão assim nas costas dela assim pra poder tá aliviado um pouco e cada contração que vinha ai eu passava a mão, ai ela sentou um pouco e não tava cômodo e ai ela voltou pro chuveiro de novo [...] e eu lá do lado dela, ela só apertando minha mão forte ai já tava pra vim. E1

Então eu tentei passar pra ela o máximo de segurança pra ela, pra ela ter, ficar legal, ai foi tudo normal [...] eu fazia massagem na barriga dela também, segurando a mão dela [...] fazia massagem na barriga dela [...] E8

Ela entrou embaixo do chuveiro, eu fiquei fazendo a massagem nas costas dela, ela sentou na bola pra aliviar ai pegou ela já tava de nove pra dez, aonde ela não aguentou mais assim que vieram muitas dor ela já tava ficando fraca, ai eu tava incentivando ela, nó você falou que ia ser forte, ser forte, se não lembra que parto normal é isso que dá vontade da mulher desanimar, que a mulher perde, pensa que perdeu as força, mais tem que ser forte [...] E12

Gestos e atitudes de conforto, que visam o alívio da dor e ajudam na progressão do parto, tais como *massagens nas costas*, banho de chuveiro, aperto de mão, são formas encontradas, pelo pai, para se aproximar mais do nascimento do filho. Isso faz com que ele reconheça sua importância e sua possibilidade de ajudar a companheira.

Acompanhar a paciente na deambulação, ajudar a mudar de posição, segurar a mão, massagear as costas, oferecer carinho, são gestos e atitudes dos acompanhantes que potencializam sua interação com sua mulher e com o nascimento do filho. Entre as atividades desenvolvidas pelos acompanhantes, as mais comuns foram: permanecer ao lado segurando a mão, fazer massagens, encorajar e estimular exercícios respiratórios e ajudar nos banhos. Todos os acompanhantes ajudaram suas companheiras em trabalho de parto (PINTO, *et al*, 2003; PREMBERG, LUNDGREN, 2006; NAKANO, *et al*, 2007; MOTTA, CREPALDI, 2005). “O estar ao lado segurando a mão é uma forma de encontrar forças para levar o trabalho de parto e parto de forma mais tranqüila, diminuindo a ansiedade e assim, tornar o nascimento o mais “natural” possível” (STORTI, 2004, p. 72).

Portanto, para que o parto seja o mais “natural” possível, sua presença ativa tem que ser reconhecida como necessária:

Porque, no caso, como eu participei do parto eu fui um parteiro ali (risos) eu ajudei o parto, por mais que eu não peguei no meu filho saindo, mais estar com ela aí de cócoras ela estava de costas para mim e eu abraçando a gente fazia força junto, ela fazia força e eu fazia força, a gente foi junto ali então naquele momento eu me senti um parteiro (risos). E4

Assim, ele se torna o verdadeiro parteiro, auxiliar ativo no parto, e aproxima-se mais do nascimento do filho, ao abraçar sua companheira, fazer *força junto* para que o filho nasça. Torna-se cúmplice nesse processo e revela um significado importante para o pai, o de ter “parido” junto com sua mulher. Segundo Maffesoli (2007a), as experiências da vida cotidiana são os valores moventes no mundo e todos os indivíduos absorvem suas vivências e valores que vão se acumulando e proporcionam a construção de novas experiências que devem ser baseadas na liberdade e na intuição.

O parto então é visto como um momento de cumplicidade, no qual o casal se apoia e se ampara. Os dois chegam juntos à vitória final que é o nascimento. A figura masculina aparece como sinônimo de força, sustento, amparo, se funde à figura feminina, personagem central do trabalho de parto e outrora frágil. Ambos conseguem, em meio à dor e ao sofrimento, superar esse processo e sentir-se vitoriosos com o nascimento da criança. É esse processo, onde juntos se ajudam e compartilham sentimentos, que faz com que o parto seja um momento indescritível de profunda emoção, de exclusividade.

Entretanto, apenas aqueles que vivenciam o estar junto com as parturientes conseguem avaliar que sua presença é necessária:

Ela olhava dentro do meu olho, sabe, não falava nada, mais eu tava dando força, segurando a mão dela e tal, passando, ajuda, passa força pra ela, antes o pessoal falava comigo, cê vai passar força pra ela, aí eu pensava isso e mentira e tal, só se ela pedir pra eu ficar mesmo, mais eu senti no momento mesmo que era verdade, isso ajuda demais, ficar perto ajudou, porque eu também me coloquei na situação dela, se eu tivesse numa cama de CTI, precisando de alguém do meu lado, o tanto que ia me ajudar, [...] ela tá precisando naquele momento de alguém que vai ajudar ela também, nessa hora que ganhar um filho sozinho é difícil, imagina ela sozinha naquela cama, sem ninguém, já vi muitos casos assim também, mãe solteira

vem aqui e ganha sozinha, tem que fazer tudo só, ali eu acho que ajudou, dá pra sentir que a pessoa né, que toda pessoa quer ter uma pessoa na hora da dor do lado, ai meu coração quis isso, a gente tem que fazer parte, tá presente mesmo, ajudar muito. E9

Mesmo sem acreditar que sua presença seria essencial durante o parto, ao colocar-se no lugar da mulher, remetendo-se a uma situação na qual ele se sentiria sozinho e desejaria alguém a seu lado, caso estivesse em um CTI, o entrevistado muda de opinião e permanece ao lado da mulher, a qual demonstra a importância dele, nesse momento, apenas pelo olhar. Assim, constata que qualquer pessoa quer ter alguém que ajude em momentos de dor e seu coração, ao querer isso, assegura-lhe a necessidade de ter que fazer parte disso e ajudar. É o estar-junto com o outro onde as interações promovidas por afetos e emoções compartilhadas impulsionam movimentos constantes de atração/repulsão, de ajuda e cooperação (MAFFESOLI, 1996).

A idéia de que sua esposa possa se sentir sozinha no parto é uma preocupação do pai e ele acredita que sua presença é muito importante para que o sentimento de solidão não traga ainda mais ansiedade para a mulher. “*Ele passa a ser como uma âncora e ela pode se descontrolar e gritar durante as contrações com a certeza de que não vai se perder num mundo de desespero e medo*” (ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000, p. 101).

A partir da experiência vivida, deixam recados para os futuros pais, amigos e parentes:

Cara, acompanhe a sua esposa porque é um momento único, você vai tá presente passando força para ela e ela passando força pra vc, cê tá entendendo? Querendo ou não, você tem que dar uma força para mulher, porque é muito cansativo, é muito doloroso esse trabalho. E1

Então eu acho que deveria (referindo a participação), todo homem, se tivesse que dar um recado agora, pai, participe! Pai, ajude! Porque é bonito, é importante. E4

Mais é bom, é gratificante, vale a pena, todos que tiverem a oportunidade de ser o acompanhante ali no momento, de ter a curiosidade de participar ali, de ver, é bacana! Vale a pena, é isso, seja corajoso e esteja lá e veja (risos) E6

[...] eu falaria que se eles participassem de um momento inesquecível, eles nunca mais iam esquecer aquele momento, não tem nem como explicar é só o que eu sinto e eu que sei o que eu passei, não tem como eu falar, eu posso falar foi ótimo, foi bom mais só eu mesmo que tô sentindo e não sei expressar com foi, entendeu?! Eu falaria isso. E8

Eu recomendo que o homem deve acompanhar o parto, ajuda demais, demais [...] então eu acho que tem que participar assim que ajuda demais [...] eu recomendo a todo mundo que participasse assim tirasse esse preconceito, eu tinha esse lado, que não queria ver de medo, né, que participasse, que é muito importante é muito bonito, é muito legal, é só isso. E9

Olha, eu acho, o recado que eu dou pros outros pais assim, quem não participa deste momento está perdendo muita coisa, está perdendo a oportunidade de presenciar um momento único de você presenciar o nascimento de um ser, é algo realmente sensacional. E13

Eu acho eu se fosse pra falar para outros pais que quisesse vim pra ganhar o bebê uma coisa é que pra tá ajudando ali é essencial porque o final de tudo é só alegria mesmo (risos) bom demais. E14

Eu vou falar para todo mundo, todos os amigos meus, [...] veio um ontem que vai ser pai também, daqui uns seis meses, então ele tá babão e tal, perguntou como é que era e, falei oh cê vai ficar de bobeira, ficar chocado, chocado assim no bom sentido, o parto vai ficar impressionado é muito chique, muito chique, recomendei a ele que veio ontem, pro que veio hoje, tem um tanto esperando lá quando eu chegar, eu vou recomendar pra todo mundo, todo mundo, até pra colegas delas que vierem, e veio aqui, falei com ela, pode ganhar aqui, se não for aqui, dessa forma daqui, é incrível, é muito chique, muito chique, adorei [...] E9

Os novos pais incentivam os futuros pais a acompanharem o nascimento de seus filhos pois, superados o medo do desconhecido, a apreensão e a angústia frente ao imprevisível inerente ao processo, esse *momento é único, especial, marcante, gratificante, sensacional e inesquecível* que precisa ser experimentado por todos os pais. A euforia da experiência chega ao ponto de ser recomendada a todos, sem exceção. É algo que é sentido sem muita explicação e, por isso, não se pode perder, mesmo com os *medos e preconceitos* iniciais, é necessário viver, porque, quando termina, é só *alegria, bom demais*.

Espírito Santo, Bonilha (2000), Pinto *et al* (2003) destacam que os pais avaliam a experiência do parto como sendo algo novo, positivo e inesquecível. Os entrevistados deste estudo recomendam aos outros pais que participem do

nascimento dos filhos, incentivando-os porque a experiência é boa, tanto para a mulher quanto para o homem que se torna pai.

Maldonado (1997) reflete que a participação do pai é novamente um momento de inserção de um indivíduo que até então pode não ter participado intensamente do processo de gestação, sendo uma oportunidade única de aprendizado e amadurecimento.

O incentivo para que os pais estejam presentes no nascimento dos filhos é constatado no dia a dia da assistência, quando nos deparamos com homens que sentiram inicialmente insegurança e que, terminado o parto, passam a recomendar a experiência aos outros, sejam futuros pais, mães, parentes e amigos.

Presenciar o nascimento está atrelado ao fato de terem participado da concepção do filho.

O pai deve passar isto com a mulher, deve, tem o dever porque afinal de conta ele ajudou a fazer, ele tem o dever de tá lá dentro. E4

Prepara o estômago (risos) [...] mais com certeza é bom sempre o pai estar presente, na hora que ele fez ele tava, (risos) então ele tem que tá presente na dor agora, presenciar. E7

Ah eu diria que assim, por outros pais que devem acompanhar [...] assim tive muita paciência na hora que ela xingava, brigava. Nô! Só Deus sabe, tem que ter muita paciência porque não é assim, na hora de fazer tava bom, agora na hora de tá ao lado a pessoa tem que tá presente, tem sabe entender direito o lado da mãe também [...] então por isso que eu aconselharia a todos os pais ficarem junto da mãe. E12

Assim, a presença do homem no momento do parto torna-se um dever, uma obrigação já que ele *ajudou a fazer, tava presente, na hora de fazer tava bom* e, portanto ele também deve estar *presente na dor*. Os entrevistados destacam novamente a importância do suporte emocional oferecido à companheira, pontuando que, juntos, os dois são capazes de somar as forças para alcançar o objetivo final, o parto, mesmo que, para isso, o homem tenha que “preparar o estômago”. Pinto *et al* (2003) consideram que a presença do acompanhante no trabalho de parto e parto é extremamente positiva e deve ser incentivada, como uma forma de proporcionar experiências significantes e benéficas para a família.

E, ao final, ressaltam que o nascimento é um momento único que marca profundamente o ser humano.

A participação do marido nesse processo eu acho que é imprescindível, não por ele mais por ela também, pra ela poder conseguir chegar lá de uma forma tranquila e participar também. E perder um espetáculo desse não vai ver em lugar nenhum! Se ele vê pela televisão, vê no filme não vai ser a mesma coisa de ele participar poder pegar a filha dele o filho dele nos braços assim que nascer é um momento único na vida dele. Nem quando o filho se formar, nem quando o filho casar, nem quando pegar o neto, aquele momento é único não vai existir outro igual, sem dúvida nenhuma, eu acho que deveria ser meio obrigatório (risos). E13

No nascimento, o *espetáculo* proporcionado, nem a *televisão*, os *filmes* conseguem reproduzir, pois os sentimentos e sensações aflorados são incomparáveis a qualquer instante da vida humana. Nem quando o *filho se formar*, o *filho casar*, nem quando *pegar o neto*. A exclusividade e singularidade do nascimento de um filho tornam aquele instante eterno, como proposto por Maffesoli (1984), momento repleto de emoções e sensações que fundam a vida cotidiana ou fazem lembrar sua fundação.

Sendo assim, o homem, durante o trabalho de parto, é um importante apoio à mulher e fonte de força para que ela consiga vencer. Em momentos em que a mulher fraqueja e pensa em desistir, é dever do homem estar lá para lhe dar apoio, transmitir a força e levá-la ao objetivo final que é o parto. Esse é o papel que esperamos ser desempenhado pelo acompanhante, aquele que ajuda, impulsiona, fortalece, encoraja para que a mulher consiga seguir adiante e vencer os obstáculos.

3.3 A naturalidade do nascer

Nessa categoria, serão trabalhadas as reflexões do homem após o nascimento do filho sobre diferentes aspectos vividos na trajetória do parto. Para melhor compreensão, está dividida em duas sub-categorias . A primeira retrata as reflexões do homem acerca do parto natural, pontuando a descoberta do desconhecido, o encantamento frente à naturalidade do nascer, as potencialidades e as possibilidades do corpo humano. A segunda sub-categoria traz uma reflexão sobre os encontros e desencontros dos pais com as instituições e os profissionais de saúde, em suas diferentes formas de prestar a assistência, seja pautada no modelo tradicional medicalizado e mecanicista que afasta o casal da experiência plena do nascimento ou no modelo humanizado que reconhece a mulher como sujeito principal do processo de parto e o homem/família como importante elemento para a vivência positiva e única do parto.



3.3.1 Descobertas e significados do nascimento

Como é a primeira vez que todos os sujeitos acompanham um parto, é esperado certo desconhecimento sobre o trabalho de parto, as manifestações no corpo da mulher e o que ambos irão enfrentar durante essa trajetória rumo ao nascimento.

Eu não tinha muita expectativa não, igual eu falei é a primeira vez que eu estou passando por uma situação dessa, então pra mim tudo o que aconteceu foi uma coisa nova, pela primeira vez. E7

Eu tava pensando que eu não imaginava outra ocasião como é que seria, eu nunca tive a experiência, tanto é que foi até uma surpresa pra mim hoje, falei: não já chegou! Que tava marcado pro final do mês agora ou mês que vem, já adiantou tanto. E8

Durante esse processo eu em alguns momentos fiquei um pouco assustado porque eu não sabia, eu não li muita coisa que ela queria que eu lesse, acho que é meio que padrão em todos os casos, a maioria ninguém lê só a mulher que lê mais, o marido em função do trabalho e de outras coisas acaba não lendo tanto. E13

As expectativas em relação ao nascimento do filho apontam para o novo, para o que se vivencia pela primeira vez e revelam a surpresa em presenciá-lo ao lado da companheira.

Tal desconhecimento advém da falta de leitura justificada pela sobrecarga de trabalho enquanto provedor da família. Mas é necessário ponderar que a gestação e o parto, por serem eventos do universo feminino, despertam pouco interesse no homem até o momento em que se tornam pais. Culturalmente, é atribuída, à mulher, a tarefa de se preparar para a maternidade e, sempre o homem atribui-se a competência de prover o sustento, o amparo financeiro necessário. Atualmente, as mudanças ocorridas nas concepções de gênero exigem, do pai, preparo emocional e psíquico, e não apenas social, para o exercício da paternidade.

Consideramos também que esse desconhecimento é o principal aliado para o surgimento de sentimentos como medo, ansiedade e aflição que afastam muitos homens do parto de suas companheiras. No estudo de Premberg e Lundgren (2006), realizado na Suécia, os pais que entravam na sala de parto se sentiam despreparados para o momento o que gerava medo, insegurança e ansiedade. Segundo Motta, Crepaldi (2005), o homem desconhece a dinâmica do trabalho de parto e essas dúvidas podem trazer fantasias sobre o novo, especialmente se esse é o primeiro de que participa, o que se constata também entre os pais deste estudo:

Eu para falar a verdade era a primeira vez, eu nem sabia o que ia acontecer (risos) nem sabia direito o que estaria por vim o que me esperava, na verdade eu entrei porque tinha que entrar assim sabe?! E1

Ai eu pensava outra coisa, que ia simplesmente chegar, e meu filho ia tá ali (risos) só, nasceu! Aí eu tive que passar por tudo, tudo, coisa que eu não tinha passado, tudo novo nó, muita coisa diferente. E10

A participação do homem no parto pode ser compreendida como uma obrigatoriedade, *entrei porque tinha que entrar*, e, assim, não há como fugir desse compromisso, *eu tive que passar por tudo*. Desvela-se portanto certo desconforto causado pela obrigatoriedade da presença. O pai se obriga a participar, mesmo sem estar preparado, seja por uma imposição da mulher que o escolhe como acompanhante, ou do profissional que enfatiza a necessidade de sua participação a todo custo, como uma condição indispensável para tornar-se pai.

Podemos inferir que ausentar-se dessa “obrigação” pode ser visto como um sinônimo de fraqueza, que contradiz aquilo que se espera de seu papel de protetor. O homem fica em uma posição desconfortável entre o querer e o dever. Percebemos, no dia a dia da assistência, que, nessas situações, algumas experiências podem tornar-se traumáticas, tanto para as mulheres quanto para os homens.

Assim, por desconhecer o processo do qual vão fazer parte, o imaginário desvela-se nos discursos:

No meu consentimento eu pensava assim, dava os nove a criança nascia a expectativa era essa chegar no hospital e já ganhar assim não tinha essa demora esperar para entrar em trabalho de parto viu, eu não sabia disso mas foi super! É bom que a gente aprende se você vê aquilo ali são coisas novas que vai aprendendo. E2

A minha expectativa, era de que as coisas fossem mais fáceis, o decorrer fosse ser mais fácil, igual a algumas pessoas que eu vi nesse tempo todo que eu fiquei esperando, tinham mulheres que chegam e tal, já praticamente na hora de ganhar, aí foram passando pelo processo de parto e ganhou [...] eu sinceramente esperava que fosse assim, chegar o momento a bolsa estourar, ir pro hospital, chegar lá fazer os procedimentos que fossem necessários (pausa) mais não é assim não. E6

Não imaginei que fosse tão demorado, apesar de saber que tem parto que duram dezoito horas, vinte horas, eu não imaginei que fosse doer tanto, e não imaginei que o resultado ia ser tão maravilhoso, entendeu! Então a minha expectativa era simplesmente um parto não imaginei que fosse na água, [...] que fosse tão lindo assim como foi, então o resultado foi bem melhor do que a expectativa, sem dúvida nenhuma! E13

O desconhecimento sobre o evento que irão presenciar proporciona algumas expectativas contrárias sobre o parto, principalmente em relação ao tempo. Imaginavam que não seria *tão demorado, era só chegar* e o processo se daria de forma *fácil, a bolsa estoura, vai para o hospital, faz os procedimentos e nasce, simplesmente um parto*. No entanto, a experiência vivida transforma as expectativas iniciais em uma realidade considerada *bem melhor, super*, reconhecida como uma aprendizagem ao encontro de um resultado que supera a dor, para tornar-se maravilhosa.

Surpreender-se com a demora do trabalho de parto devido à falta de conhecimento com relação a sua fisiologia aponta para a importância do esclarecimento de dúvidas e questionamentos pelos profissionais da saúde. O preparo dos pais durante o pré-natal é uma estratégia para facilitar a formação do novo pai que tem algumas de suas necessidades sanadas nesse momento. (ESPÍRITO SANTO, BONILHA 2000; MONTGOMERY, 2005).

No cotidiano da assistência, percebemos que, quando os pais participam ativamente das consultas de pré-natal, frequentam cursos preparatórios para casais grávidos, durante a assistência no trabalho de parto de suas companheiras eles se mostram mais confiantes e esclarecidos quanto à evolução, aos procedimentos e à assistência prestada no parto. Domingues (2002) explicita que, com o preparo durante o pré-natal, não só o homem fica mais satisfeito, mas também a mulher já que as informações possibilitam uma maior participação na tomada de decisões e melhora sua percepção de bem-estar por saber o que está acontecendo com seu corpo e seu bebê.

Possíveis estratégias podem ser pensadas com o objetivo de minimizar o desconhecimento paterno como o grupo de gestantes e/ou casais grávidos, que constitui-se num espaço de socialização de conhecimentos e experiências sobre o ciclo grávido-puerperal, visando fortalecer os potenciais da gestante, dos acompanhantes e familiares, para que possam ter uma participação mais ativa no

processo de nascimento e uma vivência mais plena nessa fase de suas vidas, desde que sejam voltadas para as necessidades do casal (ZAMPIERI, 2007).

É importante que realmente atendam tais necessidades. Em outros estudos, os homens sentiram-se despreparados para a paternidade e ressaltam que, apesar do apoio recebido dos grupos de ajuda e dos profissionais da saúde, as informações recebidas são direcionadas à mulher em temas que abordam a gravidez e o nascimento, sem que sejam abordados os aspectos específicos da paternidade (PREMBERG, LUNDGREN, 2006; DEAVE, JOHNSON, INGRAM, 2008).

Constata-se, porém, que, se não são devidamente informados, os homens buscam outras fontes:

Eu nunca tinha né, o pessoal sempre fala mas eu nunca vi e assim uma vez eu acho que eu vi num vídeo que eles passaram pra gente na escola aí que eu vi como é que é, aí eles explicaram, mas assim ao vivo mesmo eu nunca tinha visto. E2

Então é isso, foi totalmente o contrário do que eu tava esperando, minha expectativa era uma, não imaginava que ia ser dessa forma que eu vi, eu tinha aquele ilusão na cabeça, televisão, parto de novela, cena de filme, eu tinha essa ilusão, eu nunca imaginava que ia ser assim, e muitos amigos meus que já viram parto, eles viram assim, mesmo na sala com todos os equipamentos. Eu vi ali, eu vi ao vivo assim, [...] na hora que eu vi eu tava do mesmo jeito que eu tô aqui, não coloquei uma máscara nem nada, eu não imaginava, a minha expectativa era outra. E9

Eu achei o parto na água muito interessante, pra mim já tinha visto assim a mãe ganhando deitada, de perna aberta lá, o neném nascendo, do jeito que a gente está acostumado a ver pela televisão, pra mim ter visto essa experiência dela ganhar dentro da água foi uma experiência nova, que assim ela fica aliviada, ela pode relaxar, ajuda o neném, que também vem mais tranquilinho [...]. E12

O imaginário produzido pela mídia para alguns pais é a única aproximação que possuem sobre o evento parto e, nesse cenário, o espaço construído é aquele onde existe *sala com todos os equipamentos*, repleto de tecnologia, com a mulher *ganhando deitada*, de *perna aberta* e sob o domínio dos cuidados médicos. Entretanto, nem sempre retratam fidedignamente a realidade pois, na maioria das vezes, para se compor a história, os nascimentos em filmes e novelas retratam complicações para a mãe e o filho e situações de tensão, o que pode resultar em

alguns equívocos frente à realidade, pois “o fantástico, a ficção impregnam radicalmente o espírito humano” (MAFFESOLI, 1984, p.64).

Dessa forma, quando presenciam o nascimento de seu filho, sem os equipamentos referidos pelos amigos e os aparatos necessários em bloco cirúrgico, onde a mulher escolhe a posição que lhe convém e faz opção como quer o parto, a naturalização contrapõe o idealizado ao real. É importante ressaltar que os sujeitos do presente estudo vivenciaram as particularidades produzidas por um nascimento ocorrido em um Centro de Parto Normal, onde a rotina é diferente das Maternidades tradicionais, que geralmente são mais próximas do imaginário concebido em cenas de filmes e novelas. No cenário do estudo, a mulher tem a liberdade de escolher a posição, deambular, escolher um parto na água, utilizar métodos não-farmacológicos para alívio de sua dor, enfim, o modelo proposto pelas práticas humanizadas e realizadas por enfermeiros obstetras.

O que o homem idealiza acerca do ambiente do parto e do momento do nascimento é fruto de sua imaginação ou do que foi visto em filmes e, quando ele se dá conta do real, vê que aquilo tudo não é tão assustador como pensava. Panfletos, livros, vídeos, programas de televisão, internet são importantes fontes de informações assim como pessoas de seu convívio (parentes, amigos, colegas de trabalho) e profissionais da saúde (ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000; DEAVE, JOHNSON, INGRAM, 2008).

É importante assinalar que, na Suécia, Premberg e Lundgren, (2006) destacam que os pais entrevistados atribuíram maior impacto das informações obtidas por meio da internet, livros, amigos e famílias do que àquelas absorvidas em cursos preparatórios para a paternidade, prática muito comum naquele país. Outro ponto de destaque é o incentivo dado por esses pais à formação de grupos de ajuda, que conhecemos aqui no Brasil como grupos operativos, com outros homens que já passaram pela experiência da paternidade, para compartilhar suas histórias enfocando as reais necessidades dos homens nesse momento de transição e crise.

Dessa forma, surgem, para esses sujeitos, novas reflexões e concepções sobre o parto:

O parto natural é um parto muito agressivo, não fisicamente, não psicologicamente, mas assim, emocionalmente é uma coisa assim muito agressiva que é boa, não é uma agressão ruim, é o natural, é a vida como deveria ser a vida como foi feita, nada de corte, bisturi,

nada de anestesia, o parto natural devia sim ser estabelecido como regra (pausa). E2

O trabalho de parto é no meu consentimento, [...] ele não tira as características nossas do ser humano, sabe? Ou seja ele tira um pouco aquela questão de medicina tá interferindo, intervindo em tudo, este trabalho de parto está mais ligado a naturalidade do ser humano mesmo [...] é uma sensação inexplicável tem que viver pra crer, acho que tem que passar por essa sensação toda pra sentir como é que é voltar as origens, não tem intervenção de ninguém uma coisa tão natural que você junto com a sua esposa pode dá uma alavancada grande [...] essa foi a sensação principal que vivi, ela que comandou, ela que falou o tempo, a hora certa, quem comandou mesmo foi minha mulher. E5

Eu pensava que ia ser com anestesia né, ela e os médicos lá, eu esperando dentro de uma sala e tal, entendeu? Eu não tava esperando que ia ser dessa forma que eu vi, tudo tão natural, tava só a gente, nós quatro ali, numa sala sem nenhuma aparelhagem, sem nada, com som ambiente, eu tinha outro pensamento com relação ao parto [...] como eu já falei eu não conseguia imaginar na minha cabeça que ia ser assim, ai depois que eu vi, foi muito legal, eu imaginava aquele negócio, o médico chegar tirava de cabeça pra baixo, aquele trem todo, máquina ligada, batimento cardíaco olhando lá, a dor, soro, enfermeiro ao redor, e eu do lado de fora esperando, aquele pressão toda, ai foi totalmente ao contrário do que eu pensava. E9

A naturalidade do trabalho de parto produz certo encantamento e a redescoberta de que o nascimento é um evento *natural, do ser humano* totalmente conduzido pelo corpo da mulher, sem *corte, bisturi, anestesia*, e que, portanto, torna-se *muito agressivo, não fisicamente, mas emocionalmente*.

O imaginário produzido pelo social novamente está presente, e centrado na figura do médico que tira a criança de *cabeça para baixo*, monitora os *batimentos cardíacos* enquanto o pai espera do *lado de fora* passivamente por uma notícia positiva. Hoje, o homem é convidado a estar junto nesse momento e se surpreende com a possibilidade de ser diferente, pode ser um acontecimento que se dá sem interferências ou intervenções médicas. É o corpo da mãe por si só dando uma *alavancada grande*, é a mulher como sujeito principal desse processo, ativa em todos os momentos e conduzindo o nascimento. O imaginário produzido pela institucionalização do parto, em que a mulher é incapaz de parir uma criança sem os procedimentos médicos tradicionalmente utilizados, foi desconstruído com a experiência do nascimento natural nessa casa de parto.

O nascer natural é definido como o nascimento espontâneo, fisiológico, com o mínimo possível de intervenções, sem anestesia. A mulher participa ativamente do processo da parturição. Nessa modalidade de parto, o corpo feminino trabalha em seu tempo, tendo a mulher o controle de seu corpo e não sendo um objeto de condução por parte da equipe obstétrica. Todas as tecnologias e procedimentos obstétricos estarão disponíveis caso haja alguma necessidade de intervenção (BALASKAS, 1993; DOMINGUES, 2002).

Domingues (2002) citando Davis-Floyd destaca três modelos de assistência ao parto: o tecnológico, o humanista e o holístico.

O modelo tecnológico enfatiza a separação corpo-mente e percebe o corpo como uma máquina; o modelo humanista enfatiza a relação corpo-mente e define corpo como um organismo; e o modelo holístico insiste na unidade corpo-mente-espírito e define o corpo como um campo energético em interação constante com outros corpos energéticos (DOMINGUES, 2002, p. 26).

Sabemos que a assistência ao parto, no Brasil, é marcada pelo modelo tecnológico, excesso de intervenções e procedimentos conduzidos unicamente pelo médico que determina quais as regras a serem seguidas e como devem comportar-se a mulher, seu acompanhante quando presente e sua família. Nesse modelo de assistência, o parto tornou-se um evento medicalizado, extremamente complicado e que requer um suporte técnico altamente moderno para conseguir o sucesso no nascimento. Moura *et al* (2007) destacam que esse modelo assistencial tem contribuído para o aumento das taxas de cesarianas, da morbimortalidade materna e perinatal, além de impedir que o processo fisiológico do parto normal aconteça, culminando em procedimentos intervencionistas que, em grande parte, poderiam ser evitados.

Uma bandeira defendida pelo movimento de humanização da assistência ao parto e o retorno às características fisiológicas do nascimento pontua que o respeito ao direito da mulher à privacidade, à segurança e ao conforto, com uma assistência humana e de qualidade, aliado ao apoio familiar durante a parturição, transformam o nascimento num momento único e especial (BRASIL, 2000; MOURA, *et al*, 2007). Na busca por esse processo de nascimento, segundo Oliveira (2002), devemos compreendê-lo como um evento da vida sexual e reprodutiva, um processo fisiológico, que requer um acompanhamento de profissionais capacitados executando

o mínimo de intervenções, porém que tenham condições estruturais para a identificação e a prevenção de eventuais complicações ou situações de risco, intervindo prontamente de maneira eficaz e adequada.

É pensando nessa naturalidade do parto que dois entrevistados descrevem:

Aí foi o que mais me chamou atenção assim no trabalho de parto foi o método que vocês utilizam, o método com música agradável, pro ambiente ficar mais como eu posso falar, mais familiar entendeu! E a pessoa ela não sofre antes do tempo, ela só sofre quando há a necessidade daquele momento aquilo que o corpo quer fazer e ele faz lentamente, não tem nada forçado, foi um trabalho de parto nada forçado, nada de corte, foi um trabalho de parto natural, eu tava imaginando assim oh, tô virando índio! (risos), Tô virando índio! (risos) um trabalho de parto estilo índio mesmo se você for analisar [...] a índia quando está com muita contração ela vai pro rio fica lá aliviando volta pra oca e ganha, eu me senti como um índio ali (risos) [...] Ah, eu queria só reforçar também que me senti, um índio, que vai e pesca, caça, leva pra casa, eles fazem tudo, então eu me senti como aqueles caras entendeu! É essa a questão, a sensação boa eu acho que é a melhor sensação que eu pude esperar. E5

Foi uma experiência assim uma das experiências das mais lindas do que eu já pude presenciar assim na minha vida, foi um parto na água natural, assim foi um momento que eu me senti, que eu consegui esquecer meu trabalho, que eu consegui esquecer televisão, computador, internet, e tudo que tava ao meu redor, eu me senti assim um índio ali no momento ali primário, aquela coisa assim bem rústica mesmo foi muito legal, muito legal mesmo. E13

A comparação feita com a cultura indígena de parturição reforça a reflexão dos pais sobre a naturalização do nascimento. Desconstroí a idéia da necessidade de tecnologia da qual, parece, viramos escravos na atualidade. O ser índio nesse instante revela o retorno às origens do humano, ao que é normal, natural e totalmente possível de acontecer, torna-se uma experiência única e que foi tolhida ao longo dos anos pelo intenso processo de medicalização e hospitalização do parto. Maffesoli (2007b, p. 45) *“lembra-nos que somos ‘animais perpétuos’ eternamente representando papéis que nada têm de novos e apenas repetem nossos antigos instintos”*. Sentir-se como índio é reafirmar a importância da mulher e do filho como também a do homem, como centrais e importantes nesse processo natural, exclusivo e singular que mostra o nascer como algo *nada forçado*.

Balaskas (1997) pontua que o processo do nascimento natural é amplamente compreendido nas culturas de povos primitivos na África, América e Ásia que sempre conduziram o nascimento respeitando a naturalidade do parto e enfatiza a adoção da posição vertical durante o nascimento como uma das estratégias utilizadas. Acreditamos que ,quando mulheres e homens vivenciam a experiência do parto natural, também passam a reconhecer que isso é possível e refletem sobre os benefícios tanto para a mulher como para a criança.

Dentre os possíveis benefícios que o parto natural proporciona, encontramos:

Não tem comparação, é uma coisa assim muito, muito, muito estranha, que vai se tornar um homem um dia, um homem que eu lavei o piruzinho, limpei a bundinha, que já se torna um homem que vai chegar para mim amanhã e que vai discordar daquilo que eu ensinei, do que eu passei, mais vai ser um homem! (choro) Acima de tudo eu daria a minha vida por ele, então eu acho que este é o sentimento que não tem comparação [...] então assim é um amor que dói! (bate no peito) E4

Ela praticamente não teve perdas, ela não teve a perda de sensação, assim que ela ganhou ela já entrou em contato com o bebê ela já passou o calor humano direto, entendeu? [...] Não tem aquela coisa de cortar e vai dar banho e que vai voltar pra você [...] ali não, ali a coisa é ela sofreu pra aquilo, é o premio dela, como se fosse um troféu. Bacana! E5

O parto humanizado aproxima o pai realmente assim, é, é, não é aquela coisa tipo, vem embrulhadinho, já pronto pro pai, sabe você participa e eu acho que aquilo torna o laço bem mais forte [...] um dos grandes motivos de eu recomendar o parto normal natural é pelo fato do pai poder participar, é por isso que eu queria participar, eu queria cortar o umbigo, eu quis esse parto [...] é eu conheço uma menina que ela teve um parto normal e uma cesárea, ela falou que o filho que teve cesárea o pai não participou e tal, ele é um pouco mais distante inconscientemente, e o outro que ele teve o parto normal, é teve essa ligação maior com o pai ele participa, interage mais com a família, ele é ligado ao pai, o pai chega ele pula no colo do pai, o outro só fica perto quando a mãe tá do lado, fica do lado da mãe agarrado sabe! E11

O parto humanizado traz justamente estas características assim de ter um cuidado muito perto quando cuidar do bebê, quando cuidar da gestante, isso tudo foi feito [...] nasceu na água e ai minha esposa ela mesmo tirou da água, estimulou o choro, a enfermeira veio só com o sugador pra auxiliar ele a respirar melhor mais assim já tava, já saiu pronto! Já colocou no peito pra mamar, o neném praticamente já nasceu parecendo não, nasceu sabendo o que ele tinha de fazer! E13

O contato imediato com o filho após o nascimento é fundamental para a aproximação sem aquela separação inicial de *dar banho e voltar para você*. Assim, estabelecem-se os laços afetivos, sentimentos e cuidados, precocemente, pois os responsáveis diretos pela concretização do nascimento, podem segurá-lo e apresentá-lo *como se fosse um troféu*. Há, também, um sentimento capaz de negar a própria vida em função do outro, *um amor que doi*, um vínculo incapaz de ser desfeito mesmo se, no futuro, houver confrontos entre eles, imaginados, talvez, pela relação que teve com seu pai.

Afinal vínculo é

uma relação afetiva singular e duradoura entre duas pessoas: embora seja difícil encontrar uma definição operacional, consideram-se como indicadores de vínculo pai-bebê comportamentos como acariciar, beijar, tocar, e olhar com a finalidade de manter contato e demonstrar afeto” (MALDONADO, 1997, p. 117).

Portanto, participar ativamente do nascimento de forma natural aproxima pais e filhos de forma mais efetiva, ao contrário do parto cesariano que parece diminuir a possibilidade de uma ligação entre eles. Talvez porque o parto natural dê ao pai a oportunidade de aproximar-se e ter contato com o bebê logo após o nascimento e iniciar precocemente o conhecimento, a interação e a formação de vínculo conforme descrevem Espírito Santo, Bonilha (2000). Ressalta-se, também, que *“o contato visual e auditivo na sala de parto pode ser tão importante quanto colocar a criança ao peito”*. (BRAZELTON, CRAMER, 1992, p. 63). Pinto, *et al* (2003), em suas observações durante o parto, dizem que foi possível acompanhar as manifestações de afeto do pai ao segurar o filho pela primeira vez, auxiliando no registro da impressão plantar e demais cuidados como banho, injeções, troca da roupa.

Percebemos também, no cotidiano da assistência que, para o homem, é um momento singular quando toca seu filho e percebe seus olhos fixos observando seu rosto, reconhecendo o timbre de sua voz, recebendo o calor de seu corpo num aconchego único, momento de comunhão profunda entre pai e filho.

Os entrevistados também pontuam que o parto natural traz repercussões positivas e duradouras para seus filhos que, junto com suas mães, vencem as dificuldades do nascimento, saindo mais fortalecidos e vitoriosos.

Eu acho que esta trajetória que o bebê faz no canal vaginal ali, é a primeira caminhada é a primeira vitória que ele vai ter e sair ali de dentro, e se isso for facilitado [...] o meu pensamento a vida dele, as lutas pra ele vão ser muito árduas, vão ser muito pesadas, vão ser grandes ali no dia a dia, não sei se você conseguiu entender o que eu quis dizer. A primeira vitória foi dele, mesmo que a mãe fez força, ele que saiu, mais não sei o que o cérebro dele guarda o que fez até hoje cientista nenhum consegui descobrir [...] mais o cérebro da gente é uma máquina muito, muito violenta é o maior computador do mundo, né, se neste momento de nascença da criança, do parto, aquilo não tem algo a ver com uma glândula que vai pro cérebro e não faz ele ser um cara lutador, pô então, talvez não tem nada a ver com que eu estou falando, mais sei lá! Então acho que o parto normal é a primeira vitória do ser humano [...] quando ele saiu ele nem mexia, pensei que ele tava morto (emocionado) aí ele ficou quietinho quando ele chegou perto da mãe dele (suspiro), (suspiro), tava cansado, tava exausto, ele batalhou pra sair dali de dentro, as vezes isso pode não ir pro cérebro dele mais pode ser alguma coisa pra fortalecer o pulmãozinho, os músculos. E4

Então a gente ficou bem feliz assim com o resultado tenho certeza que a gente vai ficar mais feliz ainda nos próximos anos ao perceber realmente que o esforço que foi feito não foi em vão a gente já tá percebendo isso na recuperação, nossa filha espertinha, sem problema de respiração, sem problema de nada. E13

O nascimento é a expressão da *primeira vitória do ser humano*. Todo o esforço que o bebê e sua mãe fazem para sua saída marcam uma vitória em conjunto e, principalmente para o bebê, o momento da passagem pelo canal de parto, toda a dificuldade encontrada para sua saída, a primeira respiração, são marcos que, segundo o entrevistado, favorecem a formação da personalidade, do caráter, do *cara lutador*.

Fica a impressão de que, se o bebê sofreu, lutou, persistiu, *fortaleceu o pulmão e os músculos* e conseguiu nascer, venceu, portanto, seu primeiro obstáculo na vida. São aprendizados adquiridos que estarão presentes em sua vida e, assim, diante de cada luta, de cada dificuldade, ele terá a mesma garra que teve para vencer a etapa do nascimento.

Alguns autores reafirmam que os sentidos do bebê são estimulados no parto natural, funcionam plenamente após o nascimento e estão prontos para responder a qualquer estímulo, sendo importante a presença do bebê próximo a sua mãe para receber o calor de seu corpo. Da mesma forma que alguns partos traumáticos costumam refletir em registros psíquicos em adultos ao longo de sua vida

(BALASKAS 1997; MALDONADO, 1997; WINNICOTT, 1971 apud MALDONADO, 1997). Assim, a escolha do parto normal reflete:

Porque eu ia ficar agoniado se fosse uma cesariana, ia cortar, tirar, anestesiá, estar desacordado, te dar ponto, (pausa) [...] por que eu tive um relato de um amigo meu que teve três filhos, ele assistiu o parto dos três, dois foi parto normal e um cesariana, ele foi vê a cesariana e o médico cortava uma camada e perguntava pra ele se tá bem, cortava a segunda camada e perguntava se tá bem, cortava, ele falou comigo que são seis camadas, [...] ele falou que ficou até bambo assim de tanto sangue que desce, que foi aquela sangueira descendo, ele falou assim que só se a mulher não tiver a condição de ter um parto normal, ou seja ela não ter a dilatação [...] sentir a dor ela vai sentir, mais em compensação e contrapartida ela vai ter uma premiação que, é inestimável, não deixa ela fazer cesariana, que são sete camadas cara, sete camadas é uma coisa complicada. E5

Agora, assim, eu não queria que fizesse um parto assim, como fala, diferente assim como fala, o parto que fala, como é? que corta a barriga, assim (aponta para a barriga) cesariana, aí eu não queria porque isso prejudica, ela tava preocupada também. E10

Hoje eu levanto a bandeira da desnecessária, e sim ao parto normal natural, eu acho que hoje está tendo um conceito que mulheres não têm a capacidade de ter o parto normal assim, sendo que elas são feitas, elas nascem pra isso, como toda fêmea, não só o ser humano é preparado pra isso, claro há o caso que tem que ser feito a cesárea [...] Nô! imagina não uma coisa ah! vou pro hospital que eu tenho minha cesárea marcada, de repente corta a barriga, ai te puxa lê de dentro, te dá um tapa na bunda que nem troféu, depois te embrulha, [...] é então é uma bandeira que a gente tá levantando mesmo a bandeira, a gente sempre fala do parto normal, eu acho que tem que ser normal, natural, nossa avós, nossos antepassados, todos eram. E11

Pra mulher eu acho que ela perde muito se ela optar por um parto cesáreo simplesmente por opção quando é uma coisa assim de segurança é diferente, mais o que a gente vê muito por ai e as pessoas marcando data em função de lua, em função de número, em função de comodidade, de agenda, principalmente os médicos que hoje um parto normal enquanto áa fazendo uma cesárea dá pra fazer uns cinco seis. E13

Os benefícios do parto natural sobre a cesariana são relatadas, como menor dor no pós-parto, menor tempo de internação, menos sangramento, maior aproximação de mãe e filho, maior aproximação do pai com o filho, menos riscos. Os pais reconhecem as vantagens do parto normal, recomendam e encorajam outras mães a lutar pelo procedimento.

A realização indiscriminada de cesarianas que, na concepção desses pais, é condenável porque expõe as mulheres a riscos evitáveis, faz com que levantem a *bandeira* contra a *desnecessária* (cesariana desnecessária) e *sim ao parto normal natural*. Apontam o parto natural como uma capacidade inata de *toda fêmea* e pontuam também que a cesárea seja feita somente quando houver indicação correta, quando a mulher *não tiver a condição de ter um parto normal*.

É interessante destacar que os homens refletem sobre a banalização do parto cirúrgico no qual as mulheres escolhem o dia e a hora em que o filho irá nascer, em função da lua, *da agenda, da comodidade*, se esquecendo dos riscos potenciais para seu corpo e seus bebês. Pontuam também o interesse médico pelo procedimento por ser mais “rápido”, sob seu controle e porque gera mais lucros pela possibilidade de se realizarem várias cesáreas no mesmo dia.

O reconhecimento, por parte dos entrevistados, dos riscos inerentes ao parto cirúrgico, as consequências para as mães e as crianças, as repercussões a médio e longo prazo, é a melhor arma para o enfrentamento desse problema de saúde pública denominado epidemia de cesáreas. Yazlle, *et al*, (2001) já apontavam para os riscos da realização indiscriminada do procedimento, associando o desejo da paciente à idéia de ser uma solução “segura”, sem sofrimento, como é difundido, em nosso país, pelo poderio médico.

A conscientização da população, por meio da difusão de estudos científicos, das manifestações populares como o movimento fundado em Belo Horizonte e intitulado “BH pelo parto normal” da Secretaria Municipal de Saúde, são estratégias para se reduzir o número de cesarianas que, na rede privada, pode ultrapassar 80% dos partos realizados. Segundo Yazlle, *et al*, (2001), a incidência de cesáreas representou 81,8% dos partos estudados na categoria privada, 77,9% dos partos na categoria pré-pagamento e 32,1% dos partos na categoria SUS. As principais indicações cesarianas referidas foram o sofrimento fetal, cuja incidência foi de 9,5%, 10,9% e 9,0%, respectivamente, nas categorias particular, pré-pagamento e SUS; e distócia céfalo-pélvica cujas taxas foram 5,8%, 6,5% e 3,9%, respectivamente, nas mesmas categorias mencionadas.

Segundo Hotimsky (2002), citando um texto do Conselho Federal de Medicina, as repercussões para mães e recém-nascidos da epidemia de cesarianas são graves e acarretam:

“quatro vezes mais risco de infecção puerperal, três vezes mais risco de mortalidade e morbidade materna, aumento dos riscos de prematuridade e mortalidade neonatal, recuperação mais difícil da mãe, maior período de separação entre mãe/bebê com retardo do início da amamentação e elevação de gastos no sistema de saúde” (HOTIMSKY, 2002, p. 1304).

Para a mudança do cenário atual da *desnecesária*, os profissionais de saúde devem ser os principais aliados das famílias na desmistificação do procedimento como a primeira ou mesmo única escolha segura para nascer. É preciso promover o parto humanizado defendendo o direito das mulheres e suas famílias, respeitando suas escolhas, o processo natural do nascimento e construindo, a cada dia, uma assistência integral à parturiente, sem agressões, distorções, manipulações ou omissões em seu atendimento.



3.3.2 Os encontros e desencontros do nascimento

No cenário de humanização da assistência ao parto e nascimento, as instituições e os profissionais de saúde que prestam assistência à parturiente tornam-se sujeitos necessários para o sucesso do movimento. A vivência do parto pelas mulheres e acompanhantes, seja em instituições hospitalares particulares ou públicas, seja em casas de parto, sempre será marcada pela entrada em um ambiente desconhecido, com novas pessoas, às quais se atribui a tarefa de tornar o nascimento algo vitorioso e inesquecível.

É necessário contextualizar que os entrevistados, em sua maioria, vieram com suas mulheres transferidos de outras Maternidades para o CPN, ou seja, passaram por experiências iniciais com profissionais de outras instituições de saúde, denominadas aqui como X e Y.

Dependendo das características das outras instituições e de como são acolhidos ao chegarem com a mulher em trabalho de parto, as primeiras impressões podem transformar o parto em um momento de tensão.

A saúde pública em geral no Brasil, é difícil, tem bons como maus profissionais, bom, assim, a gente tem algumas dificuldades, chegamos e demorou quase três horas pra atender a gente [...] assim eu acho que às vezes alguns profissionais igual lá no... Hospital Y, a mulher não tava com muita paciência, tinha uma que eu fui chamar ela pra atender uma outra moça, ai ela falou assim, não posso atender não peguei o plantão ainda não, ela tava mostrando as fotos do menino dela pra outras, e as outras responderam não nós não vamos lá não, a dor é normal, a dor é normal, tem que sentir mesmo, é normal, eu senti muita frieza, ela nem foi ver, teve isso que eu não gostei, mais! Se você pudesse humanizar o atendimento, se fosse rápido pelo menos, [...] a pessoa fica mais calma, mas ficar mofando, mofando isso é ruim, às vezes pega um pai ignorante e bate no médico pode dar problema, é ruim pode dar transtorno, assim. E10

A indisponibilidade, a incompreensão, a percepção do descaso, a forma de acolhimento das parturientes e acompanhantes podem influenciar negativamente na experiência do nascimento e podem causar insegurança, ansiedade e impotência com relação ao que está por vir.

Os profissionais que prestaram a assistência a essas mulheres durante o trabalho de parto não se mostravam receptivos, disponíveis, compreensivos. O pai destaca o descaso, quando buscou ajuda para outra mulher e a funcionária negou o atendimento afirmando que ainda não estava de plantão e que a dor é *normal, tem que sentir mesmo*.

Essa postura dos profissionais marca profundamente a assistência ao parto e desconsidera o nascimento como um momento em que a ajuda profissional é fundamental para a superação das angústias e incertezas iniciais. Além de contribuir para reafirmar o modelo de atenção obstétrica do país classificado como *difícil*, que oferece um atendimento desqualificado e desumano.

Storti (2004) destaca que a assistência obstétrica, no Brasil, é marcada pela violência ao corpo feminino submetido a inúmeros procedimentos invasivos, sem garantir à mulher o direito de escolha, estabelecendo rotinas e normas a serem cumpridas, descaracterizando o parto como um evento fisiológico. Particularmente na assistência obstétrica, as medidas intervencionistas têm resultado em iatrogenias com resultados perinatais duvidosos, no geral (NAKANO, *et al*, 2007).

A relação entre profissionais de saúde e paciente é muitas vezes marcada pela desconfiança, desrespeito e conflito, particularmente em se tratando de pacientes de camadas sócio-econômicas desfavorecidas (HOTIMSKY, et al, 2002, p.1303).

Nesse contexto, as instituições e os profissionais de saúde não se preparam para receber a parturiente e seu acompanhante, de forma a transmitir-lhes segurança, amparo e apoio. Ao contrário, o descaso e o despreparo provocam sentimentos nocivos que se refletem diretamente na vivência do parto marcado por sofrimento, medo e angústia para o casal. O homem presencia um atendimento que agride e invade a sua companheira:

Minha mulher sofreu pra caramba no Hospital X porque, veio a mulher e fez o toque que é a médica, depois o cara que é parceiro dela também, depois a médica fez de novo, depois o cara de novo entendeu?! [...] pô se tem que ir lá conversar, eu acho que tem certo tipo de situação, que tem que ser só o especialista cuidando do caso porque é complicado, a mulher se sente uma que nem uma galinha! (enfático) ele vai lá mexe, mexe, vira, mexe, mexe, vem outro mexe, oh, fulano, nó já pensou é complicado... (pausa) teve um médico lá que o nome dele é... (nome do médico) e aí ela (a outra médica) tava falando com ele assim [...] e ele com uma ignorância fora do comum, fez o toque foi lá e conferiu tudo, é complicado entendeu?! você começa a se sentir muito invadido, né?!E5

As expressões *sofreu pra caramba*, *ignorância fora do comum*, *ficou tão traumatizado*, traduzem as relações entre profissionais, parturientes e acompanhantes. O acompanhante, nesse instante, consegue perceber a diferença

entre o modelo tradicional de assistência obstétrica, medicalizado e intervencionista e o modelo obstétrico baseado na assistência humanista. Este último trabalha o indivíduo em sua totalidade e suas potencialidades, fundamentais para a consolidação das diferentes relações entre os diferentes sujeitos no momento do parto.

No entanto, é importante pontuar o sentimento de revolta, quando o homem sente que sua mulher foi tratada como se trata uma *galinha*. Esse sentimento pode potencializar reações temidas pelos profissionais de saúde e que podem transformar a raiva contida em agressividade. O acompanhante torna-se o melhor controle social, o agente fiscalizador. Questiona os procedimentos realizados, opina quanto às decisões de sua companheira, interage com ela na tomada de condutas. Isso é temido por alguns profissionais de saúde que desejam manter o parto como um evento de exclusividade, domínio e poder do médico que dita suas regras de como, quando e onde agir.

Bruggemann, Osis, Parpinelli (2007) pontuam que os profissionais de saúde apresentam certa rejeição inicial quanto à presença do acompanhante na sala de parto, atribuindo medo de suposta violência, despreparo dos acompanhantes, falta de habilidade em lidar com questionamentos e opiniões quanto aos procedimentos realizados sobre a parturiente. A resistência da equipe de saúde à presença do pai na sala de parto tem origem na suposição de que o pai não está preparado para o momento e não atende aos critérios pré-estabelecidos de comportamentos desejáveis pelos profissionais e pela instituição (ESPÍRITO SANTO, BONILHA, 2000).

Ao mesmo tempo em que o acompanhante sente revolta e raiva do profissional, também se sente refém da situação, pois sozinho não consegue ajudar sua mulher e assim torna-se dependente da assistência anti-ética que lhe é prestada. Nakano *et al* (2007) revelam a percepção sobre a relação desigual entre profissionais de saúde e acompanhantes. Os primeiros são dotados de saber e poder fundamentais para a assistência à parturiente e que podem ser usados de maneira inadequada causando total subordinação do casal. Os últimos sentem-se coagidos a aceitar tudo o que é feito, não tendo outra opção e, ainda, ao final, agradecem aos profissionais que dispensaram o atendimento. E, assim, vemos que “*No espaço institucionalizado, as mulheres entregam-se com simplicidade e confiança às normas*

e rotinas do serviço, submetendo-se a regras do saber científico e tecnológico” (NAKANO, et al, 2007, p. 134).

No entanto, percebemos que, superados os impasses iniciais dessa convivência, respeitados os limites de cada um de seus atores, a percepção dos pais, em relação às instituições e profissionais de saúde, modifica-se. Principalmente se presenciaram ações que valorizam suas esposas, se sentem acolhidos e respeitados, reconhecem os esforços da equipe assistencial em tornar o momento do nascimento algo inesquecível para quem o vivencia.

Eu sabia que aqui era bom, falaram que era bom, [...] e deu tudo certinho, cheguei aqui fui bem atendido até agora, foi muito bom, aqui é igual casa, é como se tivesse em casa, fala casa porque é igual casa, adorei mesmo foi muito diferente. E10

Por mais simples que o hospital seja em termo de infra-estrutura mostrou que é muito mais qualificado humanisticamente vamos dizer assim do que qualquer outro hospital que a gente tenha ido apesar de a gente não ter conhecido [...] os hospital tratam a gente como clientes, tá ali pagou e resolveu pelo plano de saúde vai embora e a gente é um prontuário não é uma pessoa um ser humano né e lá a gente foi tratado como seres humanos mesmos, muito legal, muito legal eu sei, tô muito feliz assim hoje e satisfeito o nascimento do nosso filho não foi um sofrimento, foi um momento belo na nossa vida não só pela atitude de minha mulher mais pela assistência que a gente teve, então o final foi feliz. E13

Ser acolhido pela instituição, ter um bom atendimento respeitando suas individualidades, ser tratado como um ser humano único, são características marcantes do atendimento humanizado na percepção dos pais entrevistados. Não ser tratado apenas como um número de leito, como um *cliente* que paga por um produto a ser consumido, faz a diferença no atendimento prestado ao casal, que valoriza a instituição e o profissional acolhedor, empático, proporcionando um ambiente onde se possa viver o nascimento de maneira plena.

As instituições que se propõem a acolher a gestante e seu acompanhante baseando-se no modelo humanista de atendimento devem entender que o casal, durante o nascimento, passa por um momento de profunda transformação. Para que haja a vivência plena desse momento, toda a equipe assistencial deve estar preparada para atender suas necessidades, escutar suas dúvidas e orientar quanto aos procedimentos (BOARETTO, 2003). No estudo Bruggemann, Osis, Parpinelli, (2007, p.5) “(...) os profissionais referiram que experiências positivas com o

acompanhante fortaleceram a equipe e melhoraram a compreensão das necessidades da parturiente e seus familiares”, e colaboram para a construção de uma assistência digna, respeitosa e afetuosa ao casal.

Florentino (2003) pontua que as instituições que desejam integrar o acompanhante durante o processo de parturição devem passar por transformações que incluem o preparo dos profissionais para lidar com o acompanhante, a sensibilização dos profissionais quanto a sua presença e a adequação da estrutura física. A autora destaca que esse processo de mudança passa por momentos de conflitos, crises para a equipe assistencial mas que os resultados são extremamente satisfatórios, tanto para os profissionais quanto para as parturientes e seus acompanhantes. Os profissionais percebem que, com a inserção dos acompanhantes, houve diminuição da solidão das mulheres, maior conforto físico e emocional, minimização do estresse dos companheiros, proporcionando mais segurança e menos questionamentos junto à equipe assistencial.

Percebemos que, ao ser bem acolhido, o acompanhante demonstra satisfação com o atendimento. Nos discursos dos pais, há sempre um elogio aos profissionais que prestaram a assistência a suas companheiras, principalmente os vinculados ao Centro de Parto Normal. A maneira como se referem a esses profissionais revela um carinho, uma emoção, uma gratidão imensa por aqueles que ajudaram a transformar o parto em um momento singular que marca positivamente a vida da nova família.

Vou até puxar sardinha, trabalho maravilhoso, pessoas boas, pessoas que cuidaram da gente, [...] fez exame de toque nela com aquele carinho, sabe? com aquela coisa assim que sabe? profissionalismo, ele ficou, ele colocava o coração naquilo, ele não era só o profissional, [...] ele vinha vão cá fazer os exercícios, na bola pula assim, aqui pai vem cá e faz isso com ela, sabe disponibilizou o tempo, [...] te passa confiança de um profissional [...] assim Deus abençoe seu trabalho. E4

A pessoa que ajudou no parto, pessoa muito atenciosa, e soube fazer tudo certo passou muita segurança pra gente que é o mais importante, ela soube passar segurança pra gente, porque é uma vida que tá em jogo ali, ela soube trazer essa vida em segurança, é isso, eu tenho muito a agradecer a ele, que Deus abençoe muito ele e a família dele, é a vida do seu filho que tá nas mãos do cara, eu, ai fui pegando confiança com ele. E8

As pessoas lá deixaram a gente bem tranquilo, bem tranquilas, acompanharam super bem até após o nascimento também [...] tá de

parabéns foi um dos poucos profissionais que eu enxerguei ética funcionar mesmo sabe. E13

A qualidade no atendimento destaca-se quando são enfocados o *profissionalismo*, a dedicação, a *disponibilidade*, o ato de oferecer a assistência com amor, carinho, atenção. Os entrevistados revelam também a importância de se ter um atendimento por um profissional capacitado, que coloca o *coração* naquilo que faz, já que a vida de sua família está *nas mãos* de quem presta a assistência. Segundo Maffesoli (1996, p. 61), “*as diversas relações sociais, do mesmo modo que as relações com o ambiente natural, valem pelo que são*”, sendo assim, para o casal, o apoio incondicional do profissional revela-se como um instrumento importante para a superação de momentos de crise onde a dor, o medo e a ansiedade podem ser o principal obstáculo para que o nascimento aconteça de forma natural.

A forma de agradecimento vem na expressão da fé, *Deus abençoe muito*, estendido ao profissional e sua família, é o mesmo querer-bem que, no cotidiano, desejamos a todos que de alguma forma são importantes em nossas vidas.

Assim, o profissional que assiste o parto deve estar atento para ouvir o apelo de uma mãe ou de um pai acompanhante, saber acolher seu pedido, interpretar o que representa e satisfazer suas reais necessidades. É preciso descobrir que o pedido de ajuda está repleto de subjetividade que compõe os fenômenos sociais que são constituídos por indivíduos e suas relações e inter-relações.

No olhar de Odent, um dos precursores do movimento humanista de assistência ao parto no mundo, “*ajudar uma mulher em trabalho de parto envolve muito mais do que simples tarefas. Envolve empatia, intuição e inspiração; é uma arte*” (ODENT, 1984, p. 43). A assistência ao casal que espera o nascimento desvela uma atitude de responsabilização e comprometimento do profissional da saúde como referido nos discursos, que corroboram com a idéia de cuidar proposta por Boff, eternizada em seu texto,

O que opõe-se ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 2008, p. 33).

Para o autor, esse modo de cuidar é o modo de ser essencial que rege todas as formas de agir e pensar o humano. Está presente em tudo, é parte da constituição do que é humano e de suas relações, é irreduzível. É importante ressaltar que o atendimento referido pelos pais é feito por enfermeiros obstetras em todos os casos, profissionais habilitados para oferecer a assistência ao parto normal de risco habitual sendo a maioria seguidores do modelo humanista de atendimento. Moura, *et al* (2007) destacam que a assistência proporcionada pelo enfermeiro obstetra busca resgatar os aspectos fisiológicos do parto, respeitando a mulher como sujeito ativo do processo, reconhecendo aspectos sociais e culturais de cada indivíduo, oferecendo suporte emocional e físico à mulher e a sua família.

Ao prestar assistência durante o nascimento, devemos estar envolvidos por completo para conseguirmos superar o modelo tradicional de assistência baseado nas relações de poder, mecanizadas e desumanizadas, para passarmos a uma atitude humanista, respeitosa e afetiva que envolva a todos: mãe, pai, profissionais.

Ele foi super gente boa conosco entendeu, ele acompanhou todo o pré-natal dela portanto ontem o plantão dele era até sete horas da manhã, ele saiu daqui tomou um banho na casa dele, teve toda a boa vontade, passou e nos pegou lá no São Bernardo, porque [...] ela queria que ele fizesse o parto dela né, aí ele falou assim não eu tô de plantão meu plantão é até sete horas da manhã mais não precisa de preocupar não, é só me ligar que eu venho, deu o número aqui de abaixo da área de parto, e deu o número da casa dele para nós, ele passou uma ótima, boa segurança pra nós, um super profissional, que nem a menina se eu não me lembro falou assim, ele chama ...anjo, é uma ótima pessoa trabalha muito bem, gostamos do atendimento dele. E12

Naquele momento, esse profissional entende que, para promover a assistência ao parto, não basta dominar os conceitos e procedimentos técnicos. Deve-se buscar além do que é palpável, saber compreender o que está além de um pedido de ajuda, observar o contexto das palavras, gestos, atitudes de todos os envolvidos. É preciso ter sensibilidade para sentir as necessidades e atendê-las conforme o possível. Segundo Maffesoli (2007b, p. 113), “o verdadeiro conhecimento científico, assim como o saber experimental, sem esquecer a experiência empírica, tudo isso deixa claro que ser consiste em relação”.

Essa relação está na postura acolhedora, *gente boa*, que se compromete com o outro, mesmo fora de seu horário de serviço. O profissional passa a ser reconhecido como alguém muito especial, um anjo, figura que simboliza proteção, cuidado, amparo, sendo essa figura, para o pai entrevistado, a tradução de todas essas características. E nesse contexto, Santos (2009) destaca a relação de parceria que se forma entre usuário e profissional quando o último está aberto ao diálogo, à compreensão do outro a lhe oferecer auxílio para o enfrentamento das situações.

Assim, o cuidado à parturiente e a sua família em formação torna-se integral com a valorização do tempo, da disponibilidade, *deu o número da casa dele pra nós*, com a abertura ao outro firmada no respeito, na atenção e no carinho. É ter a sensibilidade de um profissional humano e estar preparado para “*saber ouvir o mato crescer*”, isto é, *estar atento a coisas simples e pequenas*” (MAFFESOLI, 2007a, p. 41). Ou seja, é estar atento e sensível ao mais sutil, sublime e precioso detalhe e que é importante para aquele casal que vive a experiência do nascimento de um filho. É fazer, do *estar-junto, co-presença* com o outro, um instante eterno, um momento de profundo compartilhamento, solidariedade e encantamento, que será eternizado na memória do casal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos propormos a estudar a compreensão paterna sobre o nascimento de um filho, mergulhamos no universo íntimo, particular e único dos homens, conforme nunca supúnhamos possível. Ser pai marca a transição e a descoberta de um novo mundo cercada por reflexões complexas que envolvem o novo homem, o novo pai e a nova família.

As marcas impressas pelo nascimento permitiram analisar diferentes aspectos descritos pelos entrevistados que iniciaram com as reflexões acerca da dor de parto, passando pelos sentimentos aflorados durante o nascimento, o apoio oferecido a suas companheiras, a percepção acerca do parto natural, os encontros e desencontros com as instituições e os profissionais de saúde.

Sob a luz da Sociologia Compreensiva, conseguimos apreender uma parcela desse intenso momento vivido e que nos confirmou que a vida *“é complexa e o texto, que a formula em palavras, não deve ser irrepreensível, perfeito; é que tal texto não faz mais do que atualizar, trazendo-os para o tempo presente, mitos que, bem ou mal, substanciam a vida em sociedade”* (MAFFESOLI, 2007a, p. 78). O recurso da analogia foi amplamente encontrado ao longo do texto validando sua característica de compreender o vivido utilizando-se a interpretação simbólica e atribuindo à experiência um brilho diferente.

O homem atribui diferentes significados à dor do parto que vão do sofrimento à superação. Sente na própria pele, através de um abraço, de um aperto de mão, de um grito de dor ou de um pedido de ajuda de sua companheira. Consegue valorizar o esforço da mulher para conseguir superar esse momento, revelando com encantamento sua força e persistência para vencer. Descobre que esse momento é uma verdadeira metamorfose que o casal vivencia, é a transição para os papéis da maternidade e da paternidade que somente o nascimento é capaz de construir e consolidar.

Nesse momento, afloram sentimentos contraditórios, revelando o medo do desconhecido, do inesperado, do incontável, que suscita angústia, aflição e ansiedade de que tudo dê certo. Os sentimentos iniciais são superados pela emoção de instantes eternos como a saída da cabeça do bebê ou o corte do cordão umbilical feito pelo pai, expressos através do indizível, em palavras como inesquecível, inexplicável, surpreendente, maravilhoso. Marcado também pelas responsabilidades geradas com o nascimento do filho que permite o nascimento de um pai, que será educador, protetor e cuidador.

A vida renova-se e transforma-se, como num passe de mágica, passando o homem a repensar seus valores, suas atitudes e pensamentos. É o nascimento do novo pai que rompe com os estereótipos pré-concebidos do macho dominador, inseminador e insensível. Para as novas concepções de gênero nas quais o homem participa ativamente da criação dos filhos, demonstrando seu envolvimento emocional e afetivo, é a concretização da responsabilidade compartilhada com a mulher, marca dos novos tempos ditados pela nova sociedade.

Assim, também observamos que o apoio paterno durante o trabalho de parto é fundamental para fornecer apoio emocional, físico e psíquico à mulher. Seja realizando massagens, acompanhando a mulher em um banho de chuveiro, proferindo palavras de incentivo e conforto, tranquilizando a companheira, ocultando seus medos, o homem consolida a importância de sua participação. Trata-se do estar-junto, da co-presença importante para o casal, um momento tão forte e exclusivo que os pais passam a recomendar essa experiência a outros homens, amigos e parentes.

Saber que o pai percebe o momento do parto como uma oportunidade singular para a vivência do natural, surpreendeu-nos. Sentir-se como índio e viver a naturalidade do nascer revelam que tudo é possível sem as interferências e intervenções impostas pela medicalização do parto. A mulher retoma seu papel de sujeito ativo do processo de parir e o homem assume seu papel primitivo do protetor, reconhecendo o parto como a primeira vitória do ser humano, a primeira vitória do seu filho.

O imaginário construído pelas cenas de filmes e novelas é desconstruído, permitindo redescobrir o parto natural. Por fim, os homens são capazes de revelar os seus benefícios para mães, filhos e pais, ressaltando os riscos da cesariana principalmente se é realizada de forma eletiva, como habitualmente acontece em nosso país.

Por fim, as marcas produzidas pelos encontros e desencontros com as instituições e os profissionais de saúde são fortes e presentes em todos os instantes do nascimento. A atitude mecanicista, que tradicionalmente encontramos na assistência obstétrica em nosso país, marca negativamente o casal que se refere com sofrimento e angústia aos procedimentos realizados durante o parto, sentindo-se invadidos e reféns da situação desumana em que se encontram. Já os profissionais que embasam sua assistência no modelo humanista, que reconhecem e valorizam o

parto como um evento único da existência humana, são lembrados com carinho e afeto e passam a ser importantes para a vivência positiva e inesquecível do nascimento. É preciso lutar pela mudança do modelo de assistência, reconhecer que as instituições e os profissionais de saúde são fundamentais para a consolidação das práticas humanizadas e novamente o estar-junto, a co-presença fará a diferença no instante eterno dessa nova família.

Este estudo revelou diversos aspectos relevantes da vivência do parto para o pai acompanhante. As políticas públicas de saúde já reconhecem a importância do acompanhante no momento do parto, formulando leis que garantem sua permanência no nascimento. Entretanto percebemos, no cotidiano, que não bastam as leis; é preciso avançar. As instituições de saúde devem adequar seu espaço físico e suas rotinas a esse novo personagem; os profissionais de saúde devem acolher e respeitar esse homem que vive um momento único e especial de sua vida e reconhecer sua importância para a evolução saudável do parto.

É a consolidação dos direitos reprodutivos do homem que deve ser inserido ativamente não só no parto, mas também nas consultas de pré-natal, nos cuidados com o filho recém-nascido, nas rotinas do planejamento familiar, nas escolhas da nova família. É a construção de novos saberes, novas práticas que compreendem o ser homem sob um novo prisma, derrubando pré-conceitos e paradigmas.

Assim, compreender a experiência masculina do parto representou, para mim, um marco na construção da assistência como enfermeira obstetra, passando a entender que esse homem vive um momento singular de sua vida repleto de sentimentos, devendo ser respeitado e acolhido por todos. Sua presença não deve ser uma condição imposta e sim livre, para que o pai consiga experimentar, de maneira positiva, o nascimento, mesmo ficando de fora da sala ou segurando a mão de sua companheira. Na formação de profissionais da saúde, futuros enfermeiros obstetras, devemos buscar os princípios da humanização da assistência, lembrando sempre que o pai é um ser em transformação que passa por um momento exclusivo da vida e deve ser amparado assim como a parturiente, auxiliando na vivência da metamorfose do ser pai.

Este estudo não se encerra aqui, abre espaços para novas discussões sobre o fenômeno da paternidade no contexto atual e sobre a importância do acompanhante no momento do parto e nascimento do filho. Como ressalta Max

Weber apud Maffesoli, *“Toda obra científica ‘acabada’ não encerra outro sentido que não seja o de suscitar novas indagações: ela chama por sua própria “superação” e se condena ao envelhecimento. Aquele que deseja servir à ciência deve resignar-se a esta sorte”* (MAFFESOLI, 2007a, p. 38). Assim, esperamos que novos estudos sejam realizados para que se consolide a presença do homem no instante eterno do nascimento, homem que se nos revelou um ser sensível, afetuoso, solidário, companheiro, guerreiro e, acima de tudo, “pai”!

BALASKAS, J. **Parto ativo**: guia prático para o parto natural. São Paulo: Ground, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa : Edições 70, 2004.

BOARETTO, M. C. **Avaliação da política de humanização ao parto e nascimento no Município do Rio de Janeiro**. 141f. Dissertação de mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2003.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRASIL. **Lei nº 11.108 de 07 de abril de 2005**. Brasília, 7 abr. 2005.

BRASIL. **Portaria n.º 985**. Implementa e regulamenta o funcionamento dos Centros de Parto Normal em âmbito do SUS. Diário Oficial da União 1999; 6 ago.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas, Área Técnica da Saúde da Mulher. **Parto, aborto e puerpério**: assistência humanizada à mulher: manual técnico. 3. ed. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas, Área Técnica da Saúde da Mulher. **Programa de humanização no pré-natal e nascimento**: manual técnico. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Informe epidemiológico do SUS, Brasília, ano V, n.2, abr./jun. 1996. Suplemento 3.

BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B. G. **As primeiras relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRUGGEMANN, O. M.; PARPINELLI, M. A.; OSIS, M. J. D. Evidências sobre o suporte durante o trabalho de parto/parto: uma revisão da literatura. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p.1316-1327, set./out. 2005.

BRUGGEMANN, O. M.; PARPINELLI, M. A.; OSIS, M. J. D. Apoio no nascimento percepções de profissionais e acompanhantes escolhidos pela mulher. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 1-9, fev., 2007.

CARVALHO, J. B. L.; BRITO, R. S. Atitudes do pai diante do nascimento. **Revista Rene**. Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 82-90, out./dez., 2008.

CARVALHO, J. B. L. de. **Nascimento de um filho**: o significado para o pai. 2005. 98 f. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

CARVALHO, M. L. M. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, supl.2, p.S389-S398, 2003.

CASTRO, J. C.; CLAPIS, M. J. Parto humanizado na percepção das enfermeiras obstétricas envolvidas com a assistência ao parto. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 6, p. 960-967, nov./dez. 2005.

COLLAÇO, V. S. **Parto vertical**: vivência do casal na dimensão cultural no processo de parir. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

CECATTI, J. G., CALDERÓN, I. de M. P. Intervenções benéficas durante o parto para a prevenção da mortalidade materna. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 6, p. 357-365, 2005.

DEAVE, T; JOHNSON, D.; INGRAM, J. Transition to parenthood: the needs of parents in pregnancy and early parenthood. **BMC Pregnancy and childbirth**. v. 8, n. 30, p. 1-11, 2008.

DOMINGUES, R. M. S. M. **Acompanhantes familiares na assistência ao parto normal**: a experiência da maternidade Leila Diniz. 2002, Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.

ESPIRITO SANTO, L. C.; BONILHA, A. L. L. Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o parto e nascimento de seu filho. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 87-109, jul. 2000.

FLORENTINO L. C. **A participação do acompanhante no processo de nascimento na perspectiva de humanização**. 2003.163f. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

GALASTRO, E. P. **O lugar dos homens em um serviço de saúde reprodutiva**: uma análise de gênero. 2005, 151 f. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Guia de Práticas Assistenciais do Hospital Sofia Feldman, 2000, MIMÉO.

HODNETT, E.D.; OSBORN, R. J. E. Effects of continuous intrapartum professional support on childbirth outcomes. *Rev. Nurs. Health*, 1989, v.12, p.289-297 *apud* STORTI, J. de P. L. **O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto:** expectativas e vivências do casal. 2004.103f. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

HOTELLING, B., AMIS, D., GREEN, J. Care Practices that Promote Normal Birth: Continuous Labor Support. **The Journal of Perinatal Education**. v. 13, n. 2, p. 16-22, 2004.

HOTIMSKY, S. N.; ALVARENGA, A. T. de. A definição do acompanhante no parto: uma questão ideológica? **Revista Estudos Feministas**, Ribeirão Preto, v.10, n. 2, p. 461-481, jul. 2002.

HOTIMSKY, S. N. *et al.* O parto como eu vejo... ou como eu desejo? expectativas de gestantes, usuárias do SUS, acerca do parto e da assistência obstétrica. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 18. n. 5, p. 1303-1311, set./out. 2002.

KENNEL, J. H. *et al.* Continuous emotional support during labor in United-States hospital: a randomized controlled trial. **JAMA- Journal of the American Medical Association**, v. 265, n. 17, p. 2197-201, May. 1991.

KITAHARA, R. H.; ROSSI, S.; GRAZZIOTIN. Participação do pai na gestação, parto e nascimento: uma questão de cidadania. **Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.crp09.org.br/NetManager/documentos/v1n1a8.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Editora pedagógica e universitária LTDA, 1986.

MACEDO, P. O. **Significando a dor no parto:** expressão feminina da vivência do parto vaginal. 2007, 91f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Enfermagem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum:** introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida.** Rio de Janeiro: Record, 2007b.

MAFFESOLI, M. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 36, p. 5-9, ago./2008

MALDONADO, M. T. P. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

MALDONADO, M. T. P.; DICKSTEIN, J.; NAHOUM, J. C. **Nós estamos grávidos**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa**. 11. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2008.

MONTGOMERY, M. **O novo pai**. 12. ed. São Paulo: Ediouro, 2005.

MOTTA, C. C. L. ; CREPALDI, M. A. O pai no parto e apoio emocional: a perspectiva da parturiente. **Paidéia**, Santa Catarina, v. 15, n. 30, p. 105-118, 2005.

MOURA, F. M. J. S. P. *et al.* A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 452-455, jul./ago. 2007.

NAGAHAMA, E. E. I., SANTIAGO, S. M. A institucionalização médica do parto no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 651-657, 2005.

NAKANO, A. M. S. *et al.* O suporte durante o processo de parturição: a visão do acompanhante. **Acta paulista de enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.131-137, abr./jun. 2007.

ODENT, Michel. **A cientificação do amor**. Florianópolis: Saint Germain, 1984.

OLIVEIRA, Z. M. L. P.; MADEIRA, A. M. F. Vivenciando o parto humanizado: um estudo fenomenológico sob a ótica de adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 133-140, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Maternidade Segura. **Assistência ao parto normal: um guia prático**. Genebra, 1996. 53 p.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed., Campinas: UNICAMP, 1997. 189p.

PENNA, C. M. M. **Ser saudável no cotidiano da favela**. Pelotas: Ed. Universitária UFPEL; Florianópolis: Programa de pós-graduação em enfermagem, 1997.

PICCININI, C. A. *et al.* O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicologia: reflexão e crítica**, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 3, p. 303-314, 2004.

PINTO, C. M. S. **Parto com acompanhante: a experiência dos profissionais**. 2001, 119 f. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

PINTO, C. M. S. *et al.* O acompanhante no parto: atividades desenvolvidas e avaliação da experiência. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 41-47, jan./jul., 2003.

PREMBERG, A; LUNDGREN, I. Father's experiences of childbirth education. **The journal of perinatal education**, v. 15, n. 2, p. 21-28, 2006.

RAMIRES, V. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SANTOS, R. V. **Integralidade do cuidado a gestante, puérpera e recém-nascido: o olhar de usuárias**, 2009, 102f., Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SISTEMA INFORMÁTICO PERINATAL, Hospital Sofia Feldman, SAME, dados de 2009.

STORTI, J.P. L. **O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal**. 2004.103f. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

TARNOWSKI, K. S.; PRÓSPERO, E. N. S.; ELSEN I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. **Revista texto contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 14, p. 102-108, 2005.

TORNQUIST, C. S. Paradoxos da humanização em uma maternidade no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19 supl. 2, p. 419-427, 2003.

TRESIDDER, J. **O grande livro dos símbolos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

WINNICOTT, D. W. Primary maternal preoccupation. In *Through pediatrics to psychoanalysis*. Londres: Hogarth Press, 1975 *apud* MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 17ª ed. São Paulo, Saraiva, 1997.

YAZLLE, M. E. H. D., *et al.* Incidência de cesáreas segundo a fonte de financiamento da assistência ao parto. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo v. 35, n. 2, p. 202-206, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2005.

ZAMPIERI, M. F. M. **Relatório do grupo de gestantes ou casais grávidos-2007**, Florianópolis, 2007.

APÊNDICE A

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS ESCOLA DE ENFERMAGEM DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM MATERNO-INFANTIL E SAÚDE PÚBLICA Av. Prof. Alfredo Balena, 190 - 5º andar - Bairro Santa Efigênia CEP.: 30.130-100 - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil Tel.: 3248-9860 FAX.: 3248-9859 e-mail: emi@enf.ufmg.br</p>
---	---

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Senhor,

Gostaria de convidá-lo a participar de uma pesquisa intitulada, Pai-acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho, em desenvolvimento no Curso de Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que representa uma das exigências para obtenção do título de Mestre em Enfermagem. Essa pesquisa é de responsabilidade de Danúbia Mariane Barbosa Jardim, orientada pela Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna, professora dessa escola.

O estudo tem por objetivo compreender sua vivência como pai – acompanhante durante o nascimento de seu filho, seus sentimentos em relação a esse momento.

Trata-se de um Estudo de Caso Qualitativo, que consiste em entrevistar você sobre sua experiência no momento do parto, seus sentimentos, suas expectativas, o que mais marcou você e o que contaria a outros pais sobre isso. Suas respostas serão gravadas, se assim for permitido, para ser o mais fiel possível a elas, estando à sua disposição de ouvi-la, se assim o desejar.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para melhorar a assistência aos pais, acompanhantes, para que possa auxiliar melhor e vivenciar de maneira tranqüila o nascimento de seu filho e para que as equipes de saúde possam saber como melhor orientar os futuros pais para esse momento e contribuirá também, para o ensino e a prática neste campo de conhecimento.

Sua colaboração é voluntária e sua entrevista não será identificada, garantindo seu anonimato. Firmo o compromisso de que as declarações serão utilizadas apenas para fins dessa pesquisa e veículos de divulgação científica. O seu consentimento em participar desta pesquisa deve considerar também, que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG).

Em qualquer fase da pesquisa, você poderá fazer perguntas, caso tenha dúvidas, e retirar o seu consentimento, além de não permitir a posterior utilização de seus dados, ou mesmo recusar a participar da pesquisa sem nenhum ônus ou prejuízo a assistência a sua mulher e seu filho. Além disso, não haverá custos adicionais para sua participação considerando que você será entrevistado no período em que estiver na instituição.

Se estiver de acordo e as declarações forem satisfatórias, favor assinar o presente termo, em duas vias, dando seu consentimento para a participação da pesquisa em questão.

Atenciosamente,

Danúbia Mariane Barbosa Jardim

Cláudia Maria de Mattos Penna

Nome: _____

Assinatura: _____

Belo Horizonte, ____/____/____

Contatos:

Danúbia Mariane Barbosa Jardim

R. Bueno do Prado, nº 525, ap. 204, Bloco B, Alto dos Pinheiros, BH – Tel. : (31) 3024-8692

Profa. Dra. Cláudia Maria de Mattos Penna

Av. Alfredo Balena, 190 - 1º andar, sala 118 – Santa Efigênia, BH – Tel. : (31) 3409-9836

Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG (COEP)

Av. Pres. Antônio Carlos, nº 6627. Unidade Administrativa II – Sala 2005 - Pampulha, Belo Horizonte/MG. CEP: 31270 901. Tel: (31) 3409-4592

Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Sofia Feldman

Rua Antônio Bandeira, nº 1060, Bairro Tupi, Belo Horizonte/MG. CEP 31844-130. Tel: (31) 3408-2249.

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistador: _____
Data ____/____/____ Hora: _____

1) Identificação:

Idade: _____ Profissão: _____

Estado Civil: _____ Escolaridade: _____

2) Perguntas:

- Relate sobre sua experiência ao presenciar o nascimento de seu filho.

- Quais foram os momentos mais marcantes dessa experiência?

- O que você sentiu durante o trabalho de parto de sua mulher e no momento em que seu filho nasceu?

- Qual era sua expectativa sobre esse momento?

- O que você diria para outros pais sobre esse momento?

- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa.

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 609/08

Interessado(a): Profa. Cláudia Maria de Mattos Penna
Depto. Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública
Escola de Enfermagem - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 03 de dezembro de 2008, o projeto de pesquisa intitulado "**Pai-acompanhante e a sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Prof. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

ANEXO B



www.sofiafeldman.org.br

31 3408 2200

Rua Antônio Bandeira, 1060 - Bairro Tupi
Belo Horizonte/MG - CEP 31644-130
Fax: (31) 3433-1601

Parecer de Relator – 17/2008

SISNEP: ?

Título do Projeto: Pai- acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho

Interessados:

Profa. Dra. Claudia Maria de Matos Penna (Orientadora)

Danúbia mariane Barbosa Jardim (Mestranda)

DECISÃO

Comunicamos que, após reanálise do Protocolo de Pesquisa relativo ao Projeto intitulado: PAI- ACOMPANHANTE E SUA COMPREENSÃO SOBRE O PROCESSO DE NASCIMENTO DO FILHO constatou-se o atendimento às solicitações feitas no PARECER datado de 19 de dezembro de 2008.

Neste sentido, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Sofia Feldman (CEP/HSF) considera **APROVADO** o referido Projeto, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a ser utilizado.

Reafirmamos que o relatório final deverá ser encaminhado ao CEP/HSF ao término do estudo, para fins de conclusão do processo.

Atenciosamente,

Tatiana Coelho Lopes
Ms. Tatiana Coelho Lopes

Sub- coordenadora do CEP/HSF

Belo Horizonte, 23 de Janeiro de 2009.

ANEXO C

CONSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar voluntariamente da divulgação da filosofia de humanização do Hospital Sofia Feldman.

Sua participação consiste em permitir a realização, reprodução e divulgação desse registro (fotográfico ou cinematográfico, em película ou digital) em veículo eletrônico ou gráfico.

Você poderá fazer todas as perguntas que julgar necessárias para o esclarecimento de dúvidas e solicitar cópias do registro executado.

DECLARAÇÃO

Como pessoa a ser fotografada/filmada, declaro e reafirmo que fui devidamente orientada/o sobre a utilização das imagens. Minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e autorizo a realização dos registros, bem como sua utilização.

Amila Norais Alves Silva Assinatura

PESSOA FOTOGRAFADA/FILMADA
Rua Pelicano Frade nº 153
Endereço Santa Amélia Telefone 32918651

Retrato - 3 Cel: 97557724

..... ATIVIDADE

..... RESPONSÁVEL

BH, 11104109